

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV :-: N°. 30 :-: Cr\$1,50 em todo o Brasil :-: 22 de Julho de 1944



BN
1 24
1 8

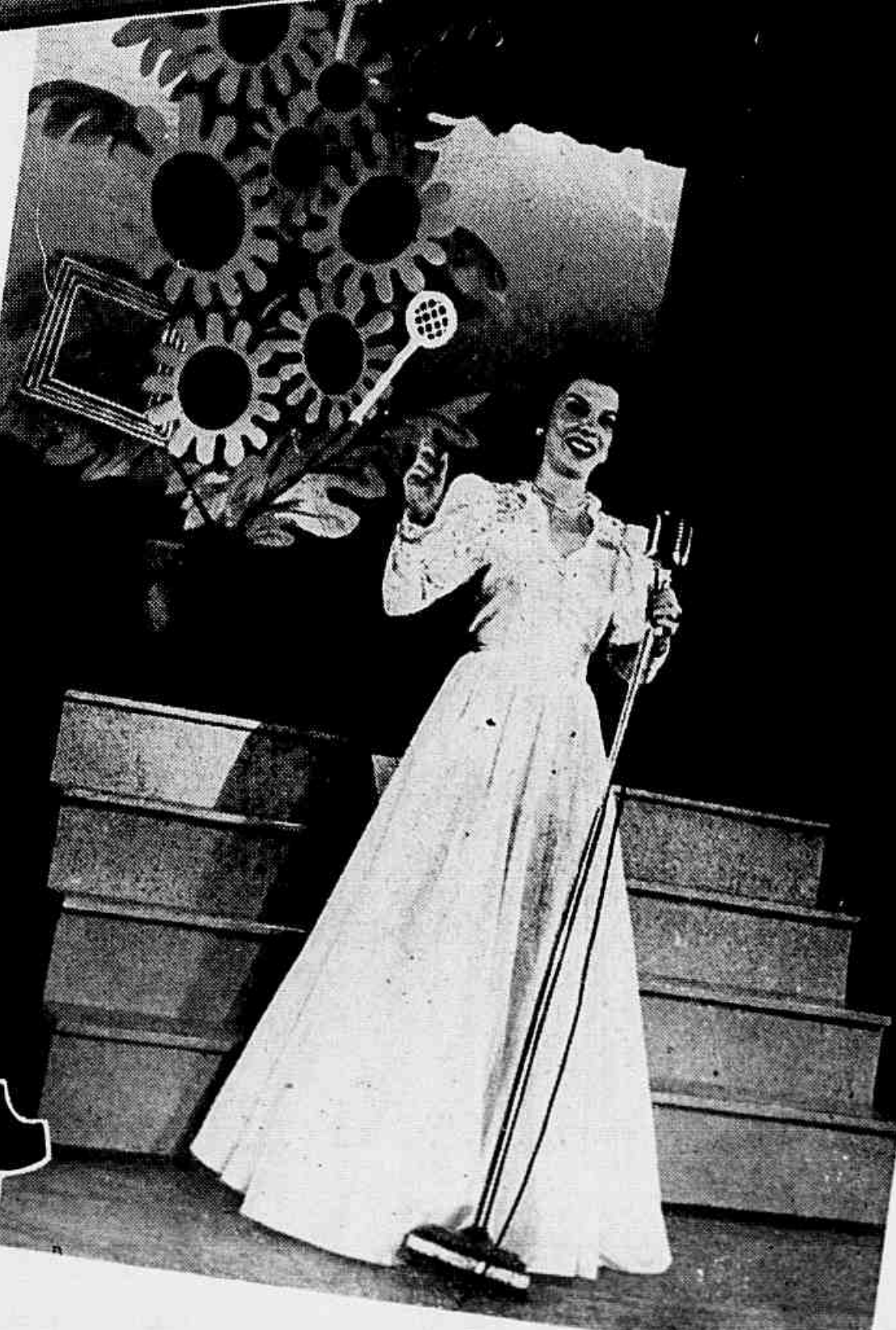
REVELAÇÕES DE CHICO XAVIER
SENSACIONAL ENTREVISTA COM O EMBAIXADOR DO ALEM



Embora as jovens amendoceiras da curva final da mais linda praia do Rio estejam um tanto esgalhadas e suas ramadas se curvem por vezes sob os afagos dos ventos hibernais, elas não tremem de frio. E' a seiva renovadora que lhes dá essa aparência tiritante; é a vida estuante de vigor e harmonia que, fazendo pouco da estação, lhes dá esse aspecto paradoxal de arvores precocemente envelhecidas e, portanto, sensíveis em extremo às alterações do clima. Não é, por certo, a temperatura a responsável por essa mutação vista nos vegetais e nos seres, pois o nosso inverno é mais um pretexto para elegancias, é mais uma época decorativa por excelência que qualquer outra coisa. Daí a movimentação existente por toda parte, daí a afluência dos elementos relevantes da nossa melhor sociedade aos sítios requintados e confortáveis onde as reuniões se processam numa festa permanente para a alma e os sentidos sedentos de beleza e emoção.



No Palacio de linhas sóbrias e esguias do Posto Seis, no Casino Atlantico, uma multidão refinada todas as noites se reúne prazerosamente para gozar a alegria da vida despreocupada e feliz, assistindo a espetáculos magníficos que são como um tônico para os espíritos "blasés" e fatigados da mesmice quotidiana.



CASSINO

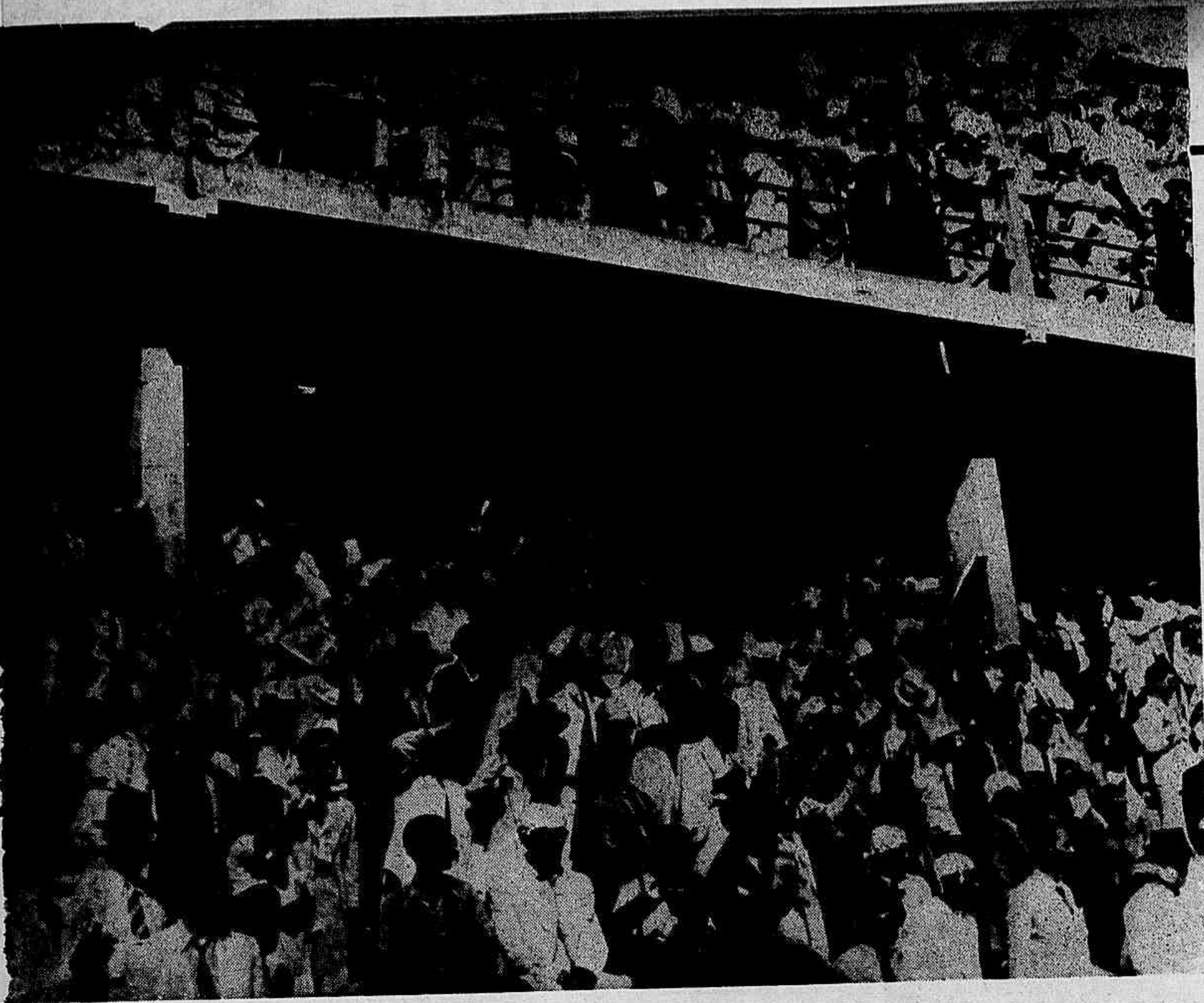
Atlantico



0 14 DE JULHO

NO "RÉVEILLON" DO AUTOMÓVEL CLUB EM
BENEFÍCIO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA
E DOS PRISONEIROS DE GUERRA FRANCESES

(Reportagem na página 12).



A "torcida" é o complemento indispensável de uma boa partida do chamado "jogo bretão" que de tal maneira se abrazeou. Se os vinte e dois jogadores de bola ficassem, no campo, pedalando a pelota para cá e para lá, sem a vibração dos "torcedores", o futebol seria a mais desinteressante e insípida manifestação esportiva. A graça talvez exista muito mais na "torcida" que, propriamente, nos desenlaces da pugna em pleno campo. . . .

O futebol se tornou parte predominante da nossa vida social. Um inquerito no gênero dos que o "Galup" realiza lá em cima, para se pôr a mão no fogo a respeito das preferências da massa popular norte-americana, é desnecessário entre nós. Sabemos até a proporção: entre mil pessoas interessadas pelo menos num bate-papo relativo ao futebol, uma é indiferente ou contrária. Nem o Carnaval nos seus tempos de alta-tensão, de virulência máxima, conseguiu essa maioria achatante. Braçais e mentais, pobres e ricos, humildes e ególatras — toda essa gente de destinos opostos gravita em torno da bola de couro, igualada pela paixão, dividida pelos dois bandos. Nada no Brasil treina melhor o povo para a democracia do que a arquibancada do futebol. No nivelamento social das ruas, sob o império de Momo, ha um sopro

de loucura erótica: o que uniformisa os homens é a semelhança dos desrecalques.

Na arquibancada, o espírito de cooperação do "onze" se multiplica pela assistência e desloca tremendas energias coletivas. Quando o cobrador de confiança vai bater o penalti, cada torcedor acrescenta mentalmente a força do próprio pé ao chute, substituindo a energia muscular pela energia psíquica. A bola vasando a rede produz sempre uma explosão de entusiasmo que não é a de uma turba aplaudindo um chutador vitorioso, mas sim a de milhares de chutadores radiantes pelo bom resultado de sua cooperação. A torcida joga em qualquer posição e com qualquer pé. Enxerga mais do que o juiz e apita o jogo além de jogar. Uma partida de campeonato não é disputada por vinte e dois homens, mas pela soma dos assistentes divididos por vinte e dois.

Predominando na nossa vida social como predomina, o futebol deveria por força conseguir a cooperação dos nossos literatos. Temos dois romancistas do "scratch" Sul-Centro-Nordeste fazendo a crônica dos gramados. Mas isto é pouco. O futebol, pelo número de pessoas que apaixonam e pelos capitais que representa, já teria consagrado e talvez satisfeito economicamente o romancista das suas vicissitudes públicas e domésticas. Ha muita essência humana, muita seiva artística no assunto. Quando passei por Argel me faltou tempo para visitar o tumulto obscuro de Floriano, "astro" extinto, sem glória, no exílio, exemplo da precariedade do borboletismo internacional. "Hespanhol" anda por aí, inválido, e eu me lembro do jogo com os húngaros quando ele quebrou a perna defendendo as cores da cidade. E Fausto, o famoso center-

half que acusavam de não jogar sempre como podia jogar e que apareceu tísico de repente, fornecendo as trágicas razões de suas falhas em campo?

O futebol já possui uma humanidade típica capaz de dar fôlego à obra volumosa de um Balzac indígena. Temos até fontes inexgotáveis de "humour" para compensar a dramaticidade folhetinesca de certos lances.

Outro dia o cronista de certo vespertino lidíssimo em S. Paulo descrevia assim uma partida entre os dois recordistas de rendas do Pacaembu: "Os últimos raios rubro-violetados de Helio, o astro-rei, tingiam as cristas azulinhas das recuadas montanhas quando, no esmeraldino retângulo, Caieira se apoderou da bola e — penicilina do gramado — invadiu a muralha do Atlântico do adversário mandando às rédeas uma verdadeira bomba-voadora".

E a literatura dos locutores, ó meu vencido e desmoralizado D. Luís de Gongora y Arzote?: "Vevé manda a bola a S. Pedro. S. Pedro devolve a Tijolino, Tijolino trava com pé de freio automático e, percebendo uma brecha na defesa adversária, entra como um "tank" de oitenta toneladas e só, diante da cidadela contrária, finta o impotente guar-



Os pésinhos mimosos desse "crack" valem ouro. Ele pensa com os pés e recolhe, com as mãos, astronômicas cifras em pagamento do seu desembaraço esportivo.

IMPORTANCIA LITERARIA E ECONOMICA DO FUTEBOL

POR

HENRIQUE PONGETTI,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA

dião e marca um goal à Machado de Assis, de letra, empurrando mansamente a bola com o calcanhar esquerdo. E mais uma vez Tijorlinho confirmou sua fama de poeta da pelota, de Shakespeare do "association", de pé de ouro das nossas canchas."

Outros desesperam os catalogadores de brasileirismos para o dicionário bilingue, destinado a traduzir o nosso idioma para vovô Portugal: "Fundoca recebe "de bandeja" e manda "de colher" a Jangote que "de bicicleta" manda ao travessão, enquanto Espinha bobeia e engole "o frango" em tristes condições".

E quem roe as unhas, na cerca, é Camões.

Quando o "Sporting" de Lisboa veio jogar com o "Vasco", em S. Januario, o romancista poderia ter colhido material para um capítulo tragi-comicosab orosíssimo intitulado "A voz do sangue". Nas arquibancadas sociais havia um número esmagador de lusitanos entre as pontas de lanças do seguinte dilema: Torcer pela pátria contra o "Vasco" ou pelo "Vasco" contra a pátria? Mal as linhas vascainas "começaram a incursionar pela área perigosa" do "Sporting" — a voz do sangue se manifestou terrível como num livro de Perez Escrich, como numa ópera de Verdi, como num poema de Alberto de Oliveira "pendant" daquele sobre a porta de máus bofes:

— Quebr'-me a pinha ao Russinho!

— Dá-lhe um bom coice às pernas! As pernas que é onde o gajo não quer!

De repente dezenas de pequenos sururus pipocaram nas sociais, insuflados pela voz do sangue, e o páu comeu sem reservas numa violenta luta fratricida. Se a memória não me trai, o jogo terminou pelo score de 1x1 ou de 1x0 a favor do "Vasco". Não digo que a "marmelada" para um resultado tão diplomático houvesse sido combinada friamente. Mas que filho desnaturado teria coragem de entrar em casa com um pai de cabeça inchada chorando patrioticamente por causa de um "baile" nas rédes do "Sporting"? O onze "vascaino" soube avaliar as responsabilidades sentimentais da partida. Pode-se afirmar pela voz sempre expressiva do locutor que "seus

atacantes marcavam um "goal" na história da amizade luzo-brasileira cada vez que mandavam a bola por cima da trave".

Desaparecidos alguns "galos" e algumas equimoses aceitos sem amargor em nome da mãe pátria, a secretaria substituiu as carteiras de sócio rasgadas no calor da luta e a família "vascaina" continuou firme à testa do futebol urbano.

Em S. Paulo, as rendas de um jogo entre o "S. Paulo" e o "Palmeiras" alcançam geralmente a soma de meio milhão de cruzeiros. Isto já é muito sério dentro da nossa vidinha social alimentada a centavos espremidos dos magros orçamentos. E, para ver futebol, o torcedor afronta todos os desconfortos das viagens em dias de congestionamento do tráfego; suporta durante horas o sol ou a chuva.

Li há poucos dias uma entrevista de Graciliano Ramos observando que o nosso romance social não chegou às massas. E por que não chegou? — indagava o notável romancista.

Eu acho que é porque se escreve muito à margem das nossas grandes paixões coletivas. Floriano morrendo em Argel, Hespagnol ficando invalido, o center-half escondendo a febre e a hemoptise para não perder o em-

El finalmente, o classico, o inevitavel, o gosadissimo "sururú" na arquibancada... A ameaça da invasão do campo, pelos "torcedores" mais exaltados... O "páu" roncando, forte, no lombo da turma... Não raro, uma pitada de sangue explodindo, quente e muito rubro... Nada mais divertido! A rapaziada dá o tempo por muito bem empregado, o dinheiro por excelentemente gasto, e mais tarde, em casa, passando "vermelhinho" no ferimento, prepara-se para outra...



— Olha, ele aí, oh Lelé!

prego, seriam três romances sociais para romper a couraça do povo. O povo está tão atento ao que se passa no gramado que se esquece de saber nos livros o que acontece de secundário para lá das arquibancadas.

Se eu fosse romancista, tentaria dar sangue e espírito a um herói que o povo amasse pela sublimidade do chute. E em torno dele colocaria esse mundo apaixonado e vibrante do futebol que é, afinal de contas, o Brasil em toda a sua extensão.



**O FUTEBOL... AH, O FUTEBOL!
FÔRÇA PODEROSA A DÉLE! AS-
SUNTO DE ETERNA EVIDÊNCIA,
TIPICAMENTE CARIOCA, MERE-
CEU DE HENRIQUE PONGETTI
ESTE DELICIOSO COMENTÁRIO**



JOCKEY CLUB MUNDANO

OS QUATRO INSTANTANEOS DESTA PÁGINA FIXADOS, PELO REPORTER FOTOGRAFICO DA "REVISTA DA SEMANA", NA PELOUSE DO HIPODROMO DA GAVEA, DURANTE O "MEETING" DE DOMINGO ULTIMO E QUE AQUI REPRODUZIMOS, SÃO BEM UM ELOQUENTE ATESTADO DA MARAVILHOSA FESTA SOCIAL CONSTITUIDA POR AQUELA REUNIÃO, DISPENSANDO, POR ISTO MESMO, MAIORES COMENTARIOS.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 22-7-1944 --- N. 30

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

Importancia Literaria e Econômica do Futebol (Henrique Pongetti).....	4-5
Livros Novos.....	8-9
Lembra-se daquele dia? (Odette Garnier).....	17
O Crime de Minha Mulher (Robert Wayne).....	19
Covardia (Berliet Junior).....	55-56

REPORTAGENS:

O 14 de Julho.....	3 e 12 a 16
Um jantar em Londres.....	10-11
Entrevista com Francisco Candido Xavier.....	27 a 34
Jockey Clube.....	6
A mulher na guerra e no pós-guerra.....	36-37
Figuras e Fatos.....	44-45

FOTOGRAFICAS:

Dois quadros de Armando Vianna.....	22
Madame Chiang Kai-Shek.....	26
Fotos de Cinema.....	20-21

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	39
Os Modelos da Semana.....	40-42
Outros Modelos.....	48
Da Estação.....	50-51

DE GUERRA:

A Guerra em Marcha.....	23
Novos Flagrantes.....	24-25

CURIOSIDADE:

Você tem vocação para detective?.....	46-47
---------------------------------------	-------

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	18
"Charge" de Riul.....	58

Nossa Capa

Damos, neste número, de par com duas grandes reportagens, uma sobre



o caso de Humberto de Campos e a outra focalizando aspectos fotográficos da bonita festa realizada por motivo das comemorações do 14 de julho no Automovel Clube do Brasil, também uma nova e sugestiva série de modelos femininos, que se espalham por diversas páginas. A moda está sempre em cartaz, jamais perdendo cunho de atualidade, porque as leitoras assim o querem e elas determinam o ritmo da vida de uma publicação ilustrada moderna, no gênero da REVISTA DA SEMANA. Completando, ou melhor, abrindo esse serviço especial de modelos, publicamos na sobrecapa desta edição, um lindo tipo de chapéu, ultra-moderno, uma "tôque" muito de acordo com a estação reinante, embora podendo também aclimatar-se a outras épocas no ano. E' um modelo estilo *Vogue*, de côpa baixa e abas moderadas que mal encobre, na parte de trás, o penteado da moça elegante a quem interessar reproduzi-lo. Não é, porém, um figurino cinematográfico, o que convém observar, pois invariavelmente, nesses casos, nossas leitoras procuram outros detalhes quando vão assistir o filme em que a *estrela* tenha participado. O chapéu exposto em nossa capa, é apresentado por um figurino-vivo de *Vogue*.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os

que se congestionam e inflamam mais depressa, sem

que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador Gesteira*

PARA O SEU BÊBÊ!

TALCO

Lady

MEDICINAL • BÓRICO • PERFUMADO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER Membro do Círculo Médico de Buenos Aires
DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS
(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)
Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-5387

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: CALXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO), S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

DOR de ESTOMAGO?

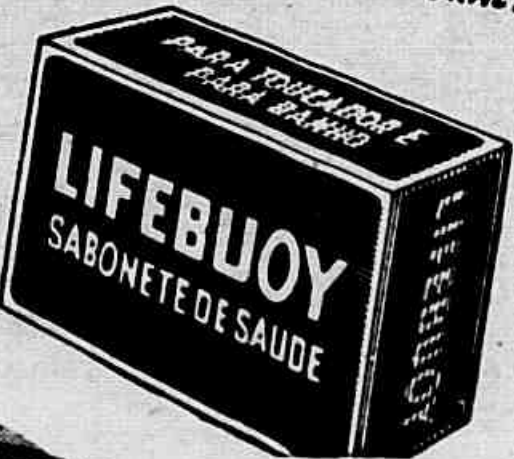
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papeis
BANKETS

A "tal" que não usa LIFEBOUY



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!



LINTAS LMS 77-0220A

Livros

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Sátira admirável é essa tremenda e espantosa caricatura do mundo novo, do nosso mundo, que Huxley faz projetar-se no espelho concavo onde podemos contemplar a sua imagem comico-monstruosa.

E a contemplação deste mundo, projetado por Huxley para o ano de dois mil e tantos, espanta justamente porque, nesta caricatura que o escritor inglês nos apresenta, sentimos um fundo muito próximo da realidade, do mundo atual.

E o que á distancia podia parecer apenas comico torna-se apavorante quando se aproxima. E sentimos então medo, quando percebemos que o admirável mundo novo não é apenas uma fantasia mas uma realidade muito mais próxima de nós do que a principio nos parecia.

Mesmo porque é o mundo em que estamos vivendo e que, dia a dia, sem que o possamos perceber claramente, se vai transformando com assombrosa velocidade.

Aos poucos se vai tornando claro ao leitor que este adjetivo "admirável", do titulo da tradução portuguesa, é evidentemente pejorativo.

Mas em que se manifesta essa transformação tão grande do mundo, capaz de nos atemorizar?

Simplemente na desumanização da humanidade.

A influencia crescente do progresso material sobre o homem vai aos poucos despersonalizando-o.

Crescendo vertiginosamente numa progressão geométrica, ameaça desumanizar a humanidade, transformando cada homem, cada individuo, cada célula da sociedade na peça de uma máquina gigantesca, obrigando-o a trabalhar como um automato, engrenado no mecanismo.

A civilização material, oriunda do espirito, do intelecto, acabará por esmagá-lo.

E assim o mundo fisico, o exterior, material, passará a exercer uma ação decisiva e prejudicial sobre o mundo subjetivo, interior.

Até que ponto irá essa influencia e que resultados produzirá? Reagirá a humanidade contra esse esmagamento progressivo do espirito?

Em todo caso, a posição deste está se tornando claramente defensiva.

○ ○ ○

A medida que se avança no livro, aquela impressão de fantástico, de irreal e ao mesmo tempo grotesco vai aos poucos se dissipando.

O leitor vai aos poucos se habituando ao ambiente do livro, chegando mesmo a esquecer o que há de absurdo na obra. E' que, nos traços da caricatura, vai se divisando o perfil do mundo real, propositalmente deformado.

E então o que a principio era apenas comico vai se tornando trágico.

Que tragédia é esta?

A tragédia de um mundo sem alma, um mundo em que os fantoches se locomovem automaticamente para cumprir uma tarefa imposta. E o processo de arrancar ou atrofiar a parte espiritual do homem começa durante a infancia.

— Quem dirige essa coletividade de automatizados?

Uma pequena elite, encarregada de impedir que o individuo se dê conta do seu direito de agir e de pensar como um homem, obrigando-o a fazê-lo apenas como a parte infima da sociedade, para cujo bem deve trabalhar num setor que previamente lhe é determinado, sendo criado e educado exclusivamente para essa espécie de trabalho.

Toda a felicidade que lhe é concedida consiste em sentir-se feliz com o poder executar aquela espécie de tarefa e não outra qualquer, pelo fato de não conhecer e de não poder compreender qualquer outra.

A criação e educação do individuo — detalhe importante — é levada a cabo pelos dirigentes.

○ ○ ○

A padronização da sociedade, dividida em classes, cada uma das quais destinada a um setor de atividade, é o sentido do mundo novo de Huxley.

Lendo este livro ou simplesmente fazendo o seu comentário, somos quasi insensivelmente inclinados a falar no fascismo e no nazismo, tão perfeita é a sátira do notavel escritor inglês.

Aqui está todo o desprezo desses regimes pelo individuo, sua liberdade de agir, de pensar e portanto de escolher.

Não é de admirar que essa sátira tenha sido escrita por um inglês, que como todos os individuos do seu povo tem no mais alto grau a consciência da sua liberdade.

Novos

MOZART (VIDA E OBRA). — Edward Holmes. — Tradução de Penna Reis. — Epasa. — Rio. — 1944.



Numa época em que fatores diversos veem desenvolvendo entre nós o gosto e o interesse pelas artes e pelas coisas do espírito em geral, mas principalmente pela música, com a presença entre nós de dois grandes maestros e o aperfeiçoamento de orquestras que podem ser comparadas às melhores do mundo, torna-se oportuna a divulgação da vida e da obra dos maiores gênios da música.

A prova do interesse a que nos referimos é o aparecimento de biografias de grandes músicos, traduzidas de diversas línguas e logo esgotadas.

A leitura dessas obras ajuda-nos a compreender o espírito desses homens e a sua arte, quando nos inteiramos das dificuldades que enfrentaram, dos sofrimentos e privações de toda espécie por que passaram para chegar à realização do seu ideal.

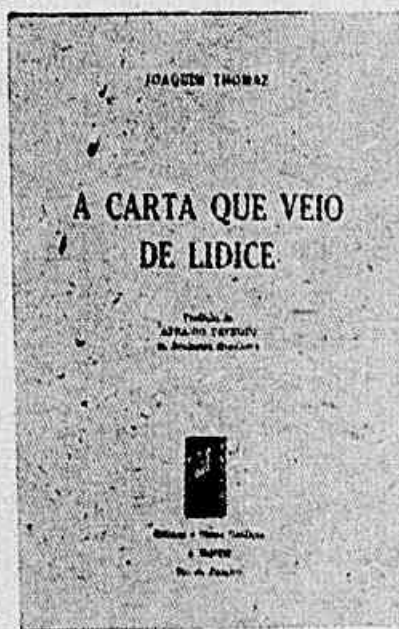
A biografia de João Chrysostomo Wolfgang Amadeu Mozart, escrita por Edward Holmes e traduzida para o português por Samuel Penna Reis, dá aos admiradores do genial musicista de Salzburgo, um relato honesto e minucioso, mas interessante e ameno da vida, da obra, dos entusiasmos e glórias, dos revezes e sofrimentos de Mozart.

Procurando tornar conhecida e compreendida a obra de Mozart, em sua terra, Holmes não poupou esforços, tendo feito viagens ao continente com o fim de consultar arquivos, falar com pessoas que conheceram Mozart, apresentando assim um trabalho completo. A pretexto de ampliar a biografia, focaliza Holmes a sociedade daquele tempo e as figuras mais representativas como a princesa Maria Teresa, o imperador José II, Gluck, Haydn, Grimm, Noverre e até Beethoven, mostrando-nos em cores vivas o panorama da época. E a história dessas músicas, que concorrem para tornar mais interessante a vida dos verdadeiros amantes da arte, é contada desde a sua origem.

Edward Holmes não é muito conhecido do público brasileiro e, mesmo em sua pátria só começou a sê-lo depois da publicação da obra que temos em mão, isto em 1912.

Foi também músico, tendo feito algum sucesso como pianista. Foi crítico musical muito conhecido na sua época. Sente-se no seu livro a influência da sua cultura musical o sabor do seu estilo literário.

A CARTA QUE VEIO DE LIDICE. — Joaquim Thomaz. — Editora "A Noite". — Rio. — 1944.



O Sr. Joaquim Thomaz que, mercê de sua vocação literária e de sua cultura ocupa em caráter definitivo e de maneira indiscutível um lugar de destaque entre a nova geração de intelectuais de nosso país, não se firmou apenas como cronista, romancista, homem de jornal, conferencista e historiador — é também poeta brilhante.

E nessa última condição o Sr. Joaquim Thomaz, como se tornou o interprete da sensibilidade brasileira ante a brutal destruição de Lidice, a humilde cidade tcheca, destruída barbaramente pelo vendaval da guerra que está fazendo o mundo gemer e chorar há cinco anos.

O poeta, pondo na mão ao mesmo tempo a pena e o coração, escreveu *A Carta que veio de Lidice*, versos que, logo dados a conhecer aos leitores do Brasil, atravessaram as nossas fronteiras para correr mundo, de vez que foram vertidos para o espanhol, o francês, o inglês, o tcheco, o polonês, o flamengo, o latim, o grego, o árabe, o chinês e o russo.

Talvez fosse interessante que tivessem sido difundidos também em alemão e italiano para que os responsáveis pela destruição do mundo sentissem em sua própria língua toda a expressão de protesto e de fé que o poema encerra.

Prefaciada pelo professor Afranio Peixoto, da Academia Brasileira e dedicado ao Presidente Eduardo Benes, da Tchecoslováquia, a edição que recebemos traz o poema em todas as línguas supracitadas.

O trabalho gráfico está á altura do livro — um grito da alma nacional destinado a ser ouvido pelo mundo inteiro, através do sentimento de um poeta do Brasil.

"NAÇÃO ARMADA"

Estamos com o número 56, do 5.º ano, de "Nação Armada", revista civil e militar que se edita nesta capital.

O número em apreço, correspondente a Julho de 1944, traz matéria de caráter geral e também assuntos especializados.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Números atrasados desta revista

Podem ser solicitados à redação: Rua Maranguape, 15. Rio, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio; também são encontrados em São Paulo, à Rua D. José de Barros, 323. Preço: Cr. 2.00.

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambrás, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350 FONE 2-2022 — S. PAULO

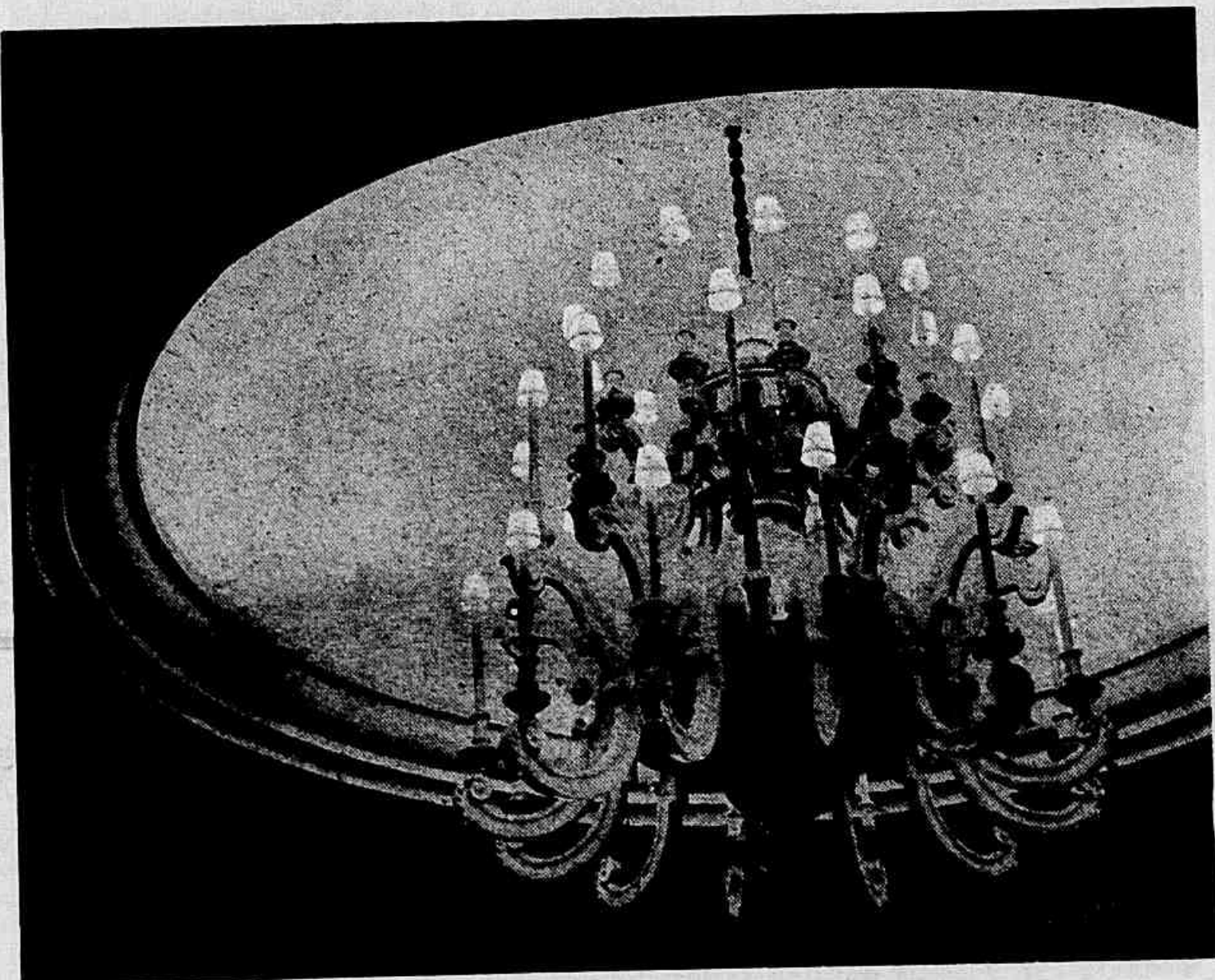
Fabrica de Gesso GUARANY Ltda.

ARARUAMA — PONTE DOS LEITES — E. F. MARICÁ

Pedidos no Rio de Janeiro:

RUA DA QUITANDA, 185-4.º ANDAR SALA 401 - TEL. 43-9752

GEDSO GUARANY aplicado em obras de arte e revestimento pela CASA PEDRALIT REVESTIMENTOS LTDA. no Hotel Quitandinha em Petropolis.



BELZEMA

para Erupções da Eczema

O Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



UM JANTAR

Ao contrário do que se pode admitir à distancia, Londres, não perdeu a sua fisionomia social e artística. E' ainda, mesmo depois de quasi cinco anos de guerra, uma grande metropole com o seu movimento cotidiano, seus rumôres de capital européia de primeira plana, suas reuniões que se estendem pela noite adiante, até madrugada alta. Nada consegue subtrair ao espirito londrino a sua fleugma, o seu modo rotineiro de viver, os seus principios de existencia livre e desembaraçada, nem

PASCHOAL CARLOS MAGNO, O PROMOTOR DO JANTAR OFERECIDO AO ROMANCISTA BRITANICO, É O QUE SE VÊ EM PRIMEIRO PLANO, À DIREITA. NA MESA, ENCONTRAM-SE O DUQUE DE SAN LUCAR, MINISTRO CONSELHEIRO DA EMBAIXADA DA ESPANHA, LADY ELEANOR SMITH, ROMANCISTA DE FAMA INTERNACIONAL, E LADY LECOFIELD. O JANTAR REALIZOU-SE EM CONHECIDO RESTAURANTE DA CAPITAL INGLESA E CONSTITUIU, POR MUITOS MOTIVOS, UM LEGITIMO ACONTECIMENTO MUNDANO E ARTISTICO, MERCÊ DA INICIATIVA DO ESCRITOR PATRICIO.

AS MESAS COM OS CONVIDADOS DE PASCHOAL CARLOS MAGNO DISTRIBUÍAM-SE, GRACIOSAMENTE, PELAS DEPENDENCIAS DO RESTAURANTE. NA GRAVURA AO LADO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: PATRICK SHANNON, DESTACADO ATOR DOS PALCOS NORTE-AMERICANOS, HOJE SERVINDO NA MARINHA DO SEU PAÍS; A PIANISTA ILONA KABUS, O PRINCE WLADIMIR GALITZINE E A SRA. LVA CAVALCANTI. NEM TODOS OS PRESENTES SE CONHECIAM. AS APRESENTAÇÕES FIZERAM-SE MOMENTOS ANTES DE INICIADA A REUNIÃO, E DAÍ DEVEM TER NASCIDO ÓTIMAS AMIZADES...

mesmo os chamados "aviões sem piloto", cuja destruição é inevitável, cujo perigo não foi subestimado, mas cujas consequências não lograram interromper o ritmo normal da Londres do "fog" e das etiquetas, dos compromissos sociais e das incursões literárias pelos "restaurants" de tradição. Foi em um desses restaurantes que, nos primeiros dias de junho, Paschoal Carlos Magno ofereceu um jantar memorável a um famoso romancista. Desse jantar damos aos leitores, nestas páginas, alguns aspectos muito significativos, devendo frisar-se que já existia o perigo das "voadoras" quando o mesmo teve lugar. Celebrou-se, então, o acontecimento da estréia de um filme extraído do romance "Fanny by Gazlight", de autoria do romancista Michael Sadleir, cuja versão em livro fez vender, só na Inglaterra, em curto espaço de tempo, cerca de 120 mil exemplares. Em torno de Michael Sadleir o escritor e diplomata brasileiro fez reunir um punhado de figuras da diplomacia, das letras e das artes de Londres, num restaurante que guarda, embora todas as mudanças de tempo, as características mais acentuadas do começo do século dezenove, e portanto, perfeitamente de acôrdo com o ambiente descrito no ro-

O QUE DE MAIS ARISTOCRATICO E REPRESENTATIVO DO MUNDO DAS ARTES E DA DIPLOMACIA EXISTE EM LONDRES REUNIU-SE NESTA NOITE MEMORÁVEL ORGANIZADA POR UM BRASILEIRO. VÊJAM NA GRAVURA SUPERIOR QUATRO FIGURAS DA "ÉLITE" LONDRINA — DA ESQUERDA PARA A DIREITA: BARONESA DE BADEBERG, ESCRITOR DERCK PATMORE, SRA. ISADORE KERNAN E SR. GASTÃO NOTHMAN, ESTE ÚLTIMO DA EMBAIXADA DO BRASIL EM LONDRES. TODOS APROVEITARAM ESSE EXCELENTE PRETEXTO PARA ESQUECER, UM POUCO, AS REALIDADES DA GUERRA...

MILITARES QUE FAZEM A GUERRA, INTELLECTUAIS, ARTISTAS, CONFRATERNIZARAM DE MANEIRA IMPRESSIONANTE. DIR-SE-IA QUE LONDRES NÃO ESTIVESSE SOB A AMEAÇA DAS BOMBAS GERMÂNICAS, PROVA EVIDENTE DE NÃO ASSUSTAREM TANTO ASSIM... AO LADO, AO FUNDO: SRA. GASTÃO NOTHMAN E O AVIADOR AUSTRALIANO DENIS WINTERBOTTOM; NO PRIMEIRO PLANO, STA. SIMONE RUFFIER E D. RODOLFO MUNOZ, PRIMEIRO SECRETARIO DA EMBAIXADA ARGENTINA. O JANTAR TRANSCORRE NA MAIS FRANCA CORDIALIDADE. E O BOM HUMOR TRANSPARECE DAS FISIONOMIAS.

EM LONDRES

mance em aprêço. Foi um jantar que deu a nota de sensação e provocou os mais calorosos elogios por parte da Imprensa de Londres, pois serviu ainda, indiretamente, para reunir numa aprazível "soirée" gente que por força das emergências não pode, hoje, encontrar-se com frequência. Michael Sadleir agradeceu, como-visto, a homenagem de Paschoal Carlos Magno, embora houvesse como de praxe em reuniões dessa classe quando realizadas na Inglaterra, uma grande restrição de discursos. Mesmo assim, falou-



TAMBÉM DA ESQUERDA PARA A DIREITA: O PINTOR GREGORIO PARÊTO, A SRA. JEAN CALADO, A POETISA AGNÊS CLAUDINO, O JORNALISTA ERIK HISCOCK, O DIRETOR CINEMATOGRAFICO CANADENSE RICHARD CHAVIS, ROMILIZ CAUAN E O ESCRITOR BRASILEIRO A. CALADO, QUE FOI POR MUITO TEMPO REDATOR, AQUI NO RIO, DO "CORREIO DA MANHÃ" E DE "O GLOBO", ENCONTRANDO-SE AGORA EM LONDRES, NO EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO: A "KODAK" CONTINUA FIXANDO OS MAIS INTERESSANTES DETALHES DESSA REUNIÃO ARTÍSTICO-SOCIAL.



A PIANISTA HARRIET COHEN, A ATRIZ INGLÊSA BRENDA DE BANZIER, 1.º SEC. RE-TA ID SILVIO DE CARVALHO E O CONSUL LEONARDO EULALIO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, NA GRAVURA AO LADO. NOSSOS PATRICIOS ENCONTRARAM, NESTA REUNIÃO, UM ESPLÊNDIDO ENSEJO PARA COLHER IMPRESSÕES AO VIVO DAS MAIS ILUSTRES PERSONALIDADES QUE, A DESPEITO DAS EMERGENCIAS DA GUERRA, CONTINUAM VIVENDO EM LONDRES. QUE IMPORTA O ACONTECIMENTO DO DIA IMEDIATO? NESTA NOITE TUDO SE ESQUECEU E TODOS SE DIVERTIRAM.

se pouco e acertado. Os artistas, os intelectuais, os diplomatas valeram-se do ensejo para sentir mais de perto a suprema verdade que rege os destinos humanos: a comunhão de idéas, a confraternização dos espíritos não claudicam mesmo quando trôam os canhões. Senhoras e cavalheiros da mais fina estirpe, ali distribuídos pelas mesinhas elegantes do restaurante "à época", encontravam-se sob a iminência de um imprevisto qualquer, oriundo dos bombardeios. Como sempre, Londres estava sob "blackout" e todos os dispositivos para rebater um ataque inesperado se faziam sentir. Cada qual dos convidados estava munido dos apetrechos necessários para se defender em caso de emergência. Mas nada houve de anormal. O jantar terminou fraternal, amistoso, cordialíssimo, como havia começado. E ficou dessa noite luminosa a recordação de alguns sorrisos femininos, muito compensadores, associada à lembrança da palestra que os presentes trocaram entre si. A guerra continuava. Mas não impedia que homens de espírito se reunissem para homenagear um romancista cuja obra poderá ser mais consistente que o poder destruidor das bombas nazistas...



NO GRUPO ACIMA DISTINGUEM-SE: A SRA. CARMEM DE CARVALHO, DOM PEREZ D'ALFONSO MINISTRO DA REPUBLICA DE SÃO DOMINGOS, O PRINCEPE GAL-LIMACHI E, FINALMENTE, O ROMANCISTA HOMENAGEADO POR PASCHOAL CARLOS MAGNO:—MICHAEL SADLEIR. É ELE O AUTOR DE "FANNY BY GAZLIGHT", NOVELA DE LARGA REPERCUSSÃO NO IDIOMA INGLÊS, CUJA VERSÃO CINEMATOGRAFICA IMEDIATAMENTE FOI FEITA EM HOLLYWOOD MAS NÃO APRESENTADA, AINDA, NO BRASIL. CERTAMENTE A CONHECEREMOS NA TEMPORADA VINDOURA.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: A BARONESA DE PONCRAZ, O SR. ISIDORE KERMAN, TESOUREIRO DA SOCIEDADE ANGLO-BRASILEIRA, A GRANDE ROMANCISTA MARGUERITE STEEN E O FAMOSO PINTOR SIR. WILLIAM NICHOLSON. MUITOS OUTROS GRUPOS DEVEM TER SIDO FIXADOS PELAS OBJETIVAS DO REPORTER, MAS SO' ESTES NOS CHEGARAM. ÊLES SÃO BASTANTES, ENTRETANTO, PARA NOS CERTIFICARMOS DAS PROPORÇÕES DE ELEGANCIA E REQUINTADO BRILHO SOCIAL DE QUE SE REVESTIU A "SOIRÉE" QUE LONDRES FICOU DEVENDO AO NOSSO PATRÍCIO.



Mme. PLINIO UCHÔA com a caracterização para o quadro "Paris, 1904".

O 14 DE JULHO

No "réveillon" do Automovel Clube, em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, dos prisioneiros de guerra franceses e dos habitantes das regiões libertadas da França

Realizou-se na noite de 13 para 14 do corrente nos salões do Automovel Clube, com o maior brilhantismo, o grande "réveillon" em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, dos prisioneiros de guerra franceses e dos habitantes dos territórios da França Libertada.

A essa festa, patrocinada pelas figuras mais representativas da nossa sociedade, compareceram diplomatas das nações aliadas, que, nessa reunião de bom gosto e elegância, num ambiente "raffiné", festejaram a data magna da história da luta pela liberdade e os direitos do homem.

Sob o alto patrocínio do general Ivo Soares, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, teve como presidente da Comissão Organizadora a senhora Dulce Martinez de Hoz.

Colaboraram para a organização da festa as senhoras Emilio Hidal, Wladimir Salem, Baby da Costa Motta, Celina Liberal, Luiz Liberal e os senhores: Thomaz Ribeiro Colaço, Marc Rousseau, Wladimir Alves de Souza, Fernando Valentim, Antonio Mesquita e Bonfim, Gilberto Trompowsky, João Maria dos Santos e Julio Senna.

O primeiro quadro é uma cena do Rio em 1829. Num canto de rua, um grande artista impressionado pela riqueza pictorial do Brasil toma apontamentos em seu album para anotar tipos populares que passam, dançam, conversam, somem, voltam entre musicas no movimento normal de uma rua festiva.

Tomam parte neste quadro, entre outras figuras representativas da nossa sociedade, as senhoras: Vasco Leitão da Cunha, Baby Cerquinho, Alfredo Siqueira Filho, Alceu de Oliveira Castro, Maria Luiza

SENHORA WLADIMIR ALVES DE SOUZA



Uma cena do quadro: "Um Pintor Francês no Brasil"



SENHORA VICTOR LAGE (apache) e MARIA CECILIA MOTTA MAYA (Paris em 1904).

SENHORINHA NICOLE DELA SINGERY, que toma parte no quadro "Um Pintor Francês no Brasil". Aqui a vemos como "Sinhá Moça a caminho da igreja".





SENHORA ALOYSIO DE SALLES, numa caracterização da Rainha Alexandra.



SENHORINHA GILDA GAMA, SR. JORGE EDUARDO GUINLE E SENHORA MARIO DE CASTRO

14

de Mello; as senhorinhas: Maria Cecilio Penna, Roberta Macedo Soares, Blu Sabugosa, Celia P. da Fonseca, Renata Barbero, Abiah Carvalho Rocha, Perla Lucena, Cecilia Heilborn, Lea Affonseca, Nicole Singery, Dora Porto, Tute Burlamaqui Mee, Laurinha Proença, Delia e Laura Carvalho, Isabel Leitão da Cunha, Maria Lucia Ramos; os senhores: Aguiar Moreira, Argelo Sertorio, Oswaldo Lindgreen, Sylvio B. Mee, Luiz dos Santos Jacintho, Jorge Beero, João Lage, Ruy Pereira da Silva, Roberto Miranda; as meninas Maria Walter, Laurinha Proença, e os meninos João Proença, Carlos e Pepe Buarque de Macedo, Carlos Eduardo Alves de Souza.

Debret é interpretado por Gilberto Trompowsky. O segundo quadro, "Paris em 1904", representa um recanto da "Clace de la Concorde".

Madeleine Ribeiro Polaco, representa "Françoise"; e Wladimir Alves de Souza faz o papel de "François". Helio Carvalho Brandão: o de Saintcyrien.

O terceiro quadro "La Marseillaise" é uma evocação do quadro de Pils representando Rouget de Lisle na casa do prefeito de Strasbourg, em 1792.

Tomam parte no quadro as senhoras: Pedro Latif e Ralph Kerty, as senhoritas Maria Pedrosa, Maria Thereza Fontes e os senhores: Oscar Simon, João Paulo Rio Branco, Aguiar Moreira, Alcino d'Afonseca, Walter Heilborn, Jorge Berro, Rouget de Lisle foi interpretado pelo barítono Marcel Klass.

Abrindo a nossa reportagem, na terceira página da REVISTA, a senhora. Walter Moreyra Salles.



Algumas das figuras de nossa sociedade que tomaram parte no espetáculo.



SENHORINHA DINAH C. MARTINS. "NA PRAÇA DA CONCÓRDIA".

SENHORA LIVIA MENGE E SR. MICHAEL DE SIEYES.

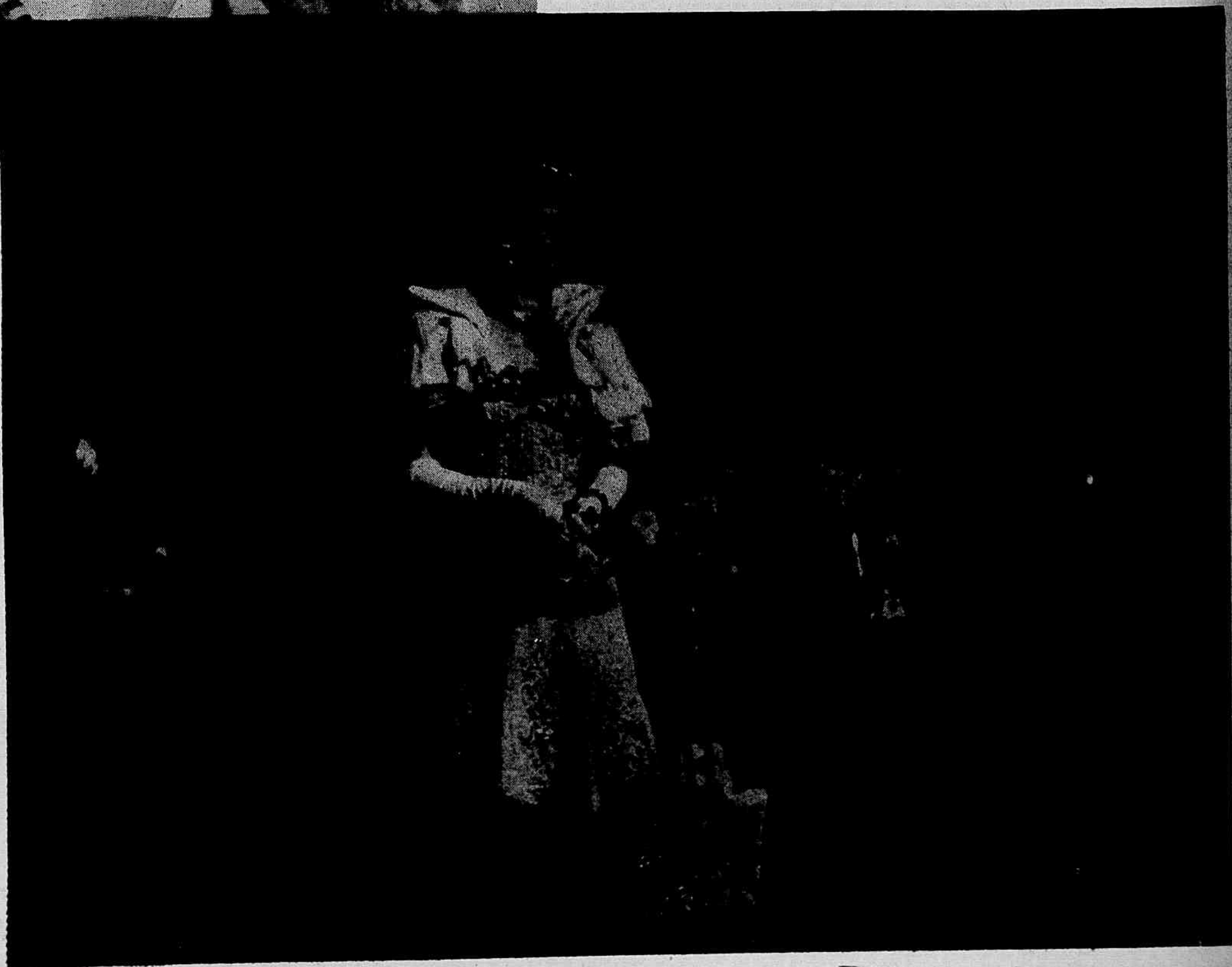




Mme. DUVERNOY,
sendo "maquilada".



SENHORA MADELEINE RIBEIRO COLAÇO E SR. CHRISTIAN BELL.



SENHORA ALOYSIO
DE SALES

Ela pensou que nunca mais o veria...

LEMBRA-SE DAQUELE DIA?

CONTO DE
ODETTE GARNIER

O rapaz olhou-a, fixamente.
— Não nos conhecemos?
Ela virou-se. Ele insistiu.
— Tenho a certeza de que já a encontrei.
— Impossível, cavalheiro.
— Então, desculpe.
— Está desculpado.
Ela seguiu. Mas o jovem foi-lhe no encalço.
— Talvez a tenha visto em retrato.
— E' possível.
— A senhorita não tem um retrato com um vestido de baile branco e um bracelete de ouro com águas marinhas encrustadas?
— Sim... Como sabe?
— Não lhe afirmei que a conhecia? Tenho a certeza.
— Mas onde viu esse retrato?
— Não me lembro. Não seria mais fácil para a senhorita descobrir a quem deu uma fotografia semelhante?
— Dei várias. Tenho muitas amigas...
— Nesse caso, é difícil.

Assim travaram conhecimento Roberto e Mariana. Foi a bordo de um navio que singrava rumo ao Rio de Janeiro. Desde a hora da partida, em Marselha, ele a olhava de longe, procurava-a, com a vista, no salão de refeições, seguia-a, com os olhos, nos seus passeios pelo tombadilho. Resolvera falar-lhe.

Depois da conversa que teve lugar no salão, ele tornou-se amigo e, depois da primeira semana, já se tratavam pelo primeiro nome.

O amor, a bordo vem depressa. Um riso claro de mulher, ao luar, provoca um beijo. Ela estava de branco. O vestido que ele conhecia, por tê-lo visto em retrato, não sabia onde. Seus cabelos acariciavam o rosto dele.

Amaram-se. Atraídos um pelo outro por atitudes que eles mesmos não sabiam discriminar: ele, belo rapaz, alto, forte; ela, linda moça, loura e pequenina, viveram dias de intenso prazer, de alegria completa, de felicidade perfeita.

— Preciso falar-lhe, Mariana, disse-lhe ele, na véspera da chegada do navio.

E ela respondeu:

— Eu também tenho algo de importante a lhe dizer.

— Diga.

— E' difícil de explicar...

— De que se trata?

— Roberto, durante essa viagem, nós nos aproximamos muito. Chegámos, mesmo, a fazer certas loucuras que não deveríamos ter feito. Fomos fracos. E' preciso esquecer... Quando o navio atracar, amanhã de manhã, eu irei para minha casa, você para a sua e não nos tornaremos a encontrar. E' melhor assim, asseguro-lhe. Não me pergunte por que...

Ela não protestou. E ela, de certo modo, sentiu-se chocada com isso. Ele se conformara, sem protestos, com o que ela mesma pedira; entretanto, por amor das belas tardes passadas com ele, ela esperara ao menos alguma resistência, por fraca que fosse. Nada. Ele a ouviu em silêncio e, quando ela acabou de falar, houve uma pausa que lhe pareceu enorme.

— Mariana, eu...

Ela interrompeu-o.

— Não proteste, Roberto...

— Eu não ia protestar... E' estranho. Justamente o que eu tinha a dizer é que portei-me como um canalha... Disse-lhe que a amava e não tinha direito a fazer isso... Mariana, eu sou casado...

Ela olhou-o.

— Ama sua esposa? perguntou, com voz trêmula.

— Não. Mal a conheço.

— Oh!

— Não vivemos juntos...

— Brigaram?

— Não foi bem isso... Um dia talvez eu lhe conte.

— Roberto, eu também...

— Você também é casada, não é verdade?

— Sim...

— Veja que coisa! Dois seres que se amam, se desejam, encontram-se a bordo de um navio, e não podem casar porque estão amarrados a outros seres que não amam, que com certeza não sabem apreciar...

— Por favor, Roberto!

— Por que protesta?

— Porque o homem com quem me casei é bom, muito bom...

— Por que, então, casou-se você?

— Esse é o meu segredo!

Durante o silêncio que se seguiu, eles ouviam o leve marulhar das ondas. O navio sulcava a água escura e um r-puxo branco subia e banhava a proa.

— Adeus, Mariana.

— Adeus, Roberto.

Ele ia afastar-se. Parou. Voltou atrás.

— Mariana!

— Que é, Roberto?

— Eu tenho mais um dia...

— Como?

— Antes de partir para buscar minha mulher, eu tenho mais um dia de liberdade...

— Sim?

— Mariana!

— Não, Roberto. Isso não. Já durou bastante essa loucura.

— Só mais este dia. Será uma recordação para o resto da vida. Ninguém saberá. Seremos felizes durante um radioso dia de sol, no Rio de Janeiro.

— Roberto, não me tente!

— Seu marido mora no Rio?

— Não. Em São Paulo.

— Nesse caso...

— Promete que não tentará abusar...

— Mariana, acredite que eu...

— Pois bem, Roberto. Terá o seu dia de felicidade. Faremos um programa louco. Subiremos ao Pão de Açúcar e nos beijaremos no Corcovado. Almoçaremos em Copacabana. Riremos, brincaremos. Tudo durante um dia.

— Um maravilhoso dia!

II

Roberto não lhe dissera que também ia para S. Paulo. Não queria assustá-la. Quando ela partisse, procura-la-ia, e ficaria a vê-la, de longe, ao braço do marido feliz...

Quando trocaram o beijo da despedida ela tomou o trem para S. Paulo e Roberto partiu para o aeroporto, onde tomaria o avião no qual já reservara lugar para o mesmo destino.

A viagem foi rápida e ele não teve tempo para pensar, em caminho. Mas assim que chegou, tremendo de frio, na capital bandeirante, Roberto pôs-se a refletir. Quando casara, nem refletira na gravidade do compromisso que assumira. Uma amiga contara a história triste da moça austríaca. Se se casasse com um estrangeiro, tomaria, de acordo com as leis austríacas, a nacionalidade do marido, e poderia fugir da pátria, antes que as hordas nazistas a invadissem, o que parecia iminente. Cidadã austríaca, não poderia sair do país sem permissão especial, porém essa permissão ela não obteria, pois que o homem que tinha autoridade para concedê-la, não queria que ela partisse... Ambicionava desposá-la. Um caso triste. Roberto estava já com as malas prontas para

partir para o Brasil. Acabara o serviço que o levava a Austria e vinha assumir seu novo posto na firma onde trabalhava, em S. Paulo. Um impulso de generosidade levou-a a consentir. Numa manhã fria, em Viena, casara com uma desconhecida. Mal conhecia a esposa. Apenas haviam trocado algumas palavras. Ela para agradecer-lhe o grande favor.

— Obrigada, dissera ela. E, no rosto magro, ele vira, brilharem de gratidão dois olhos imensos e claros.

De viagem marcada para o Rio, soubera que sua esposa partira com o mesmo destino e devia estar em S. Paulo, a esperá-lo. Que fazer? Ir viver com aquela mulher? Mal a conhecia. Não a amava. Amava Mariana, linda e de cabelos louros...

Roberto ia saindo do restaurante perto do Hotel, quando um *groom* veio chamá-lo.

— Dr. Roberto Rios?

— Sim.

— Há alguém à sua espera...

— A minha espera?

— Sim, uma senhora.

— Como se chama?

— Diz chamar-se Madame Roberto Rios...

— Irei imediatamente!

Seguiu o *groom*. No meio do salão, havia uma senhora, de pé. Estava embrulhada numa capa, e de costas.

Roberto aproximou-se. Como disfarçar a frieza da recepção que ia dar à esposa, diante do *groom*, ia pensando nisso quando a dama se virou.

— Mariana!

— Roberto!

— Mariana! Você?

— Sim, eu.

— Mas como? Eu não compreendo...

— E' muito simples. Você me viu magra e pálida, sem forças, abatida. Quando me tornou a ver só me reconheceu pelo retrato que vira de mim, na casa da minha amiga...

— Mas você sabia que eu era seu marido?

— Sim...

— Então, por que? Por que essa farça?

Ela sorriu.

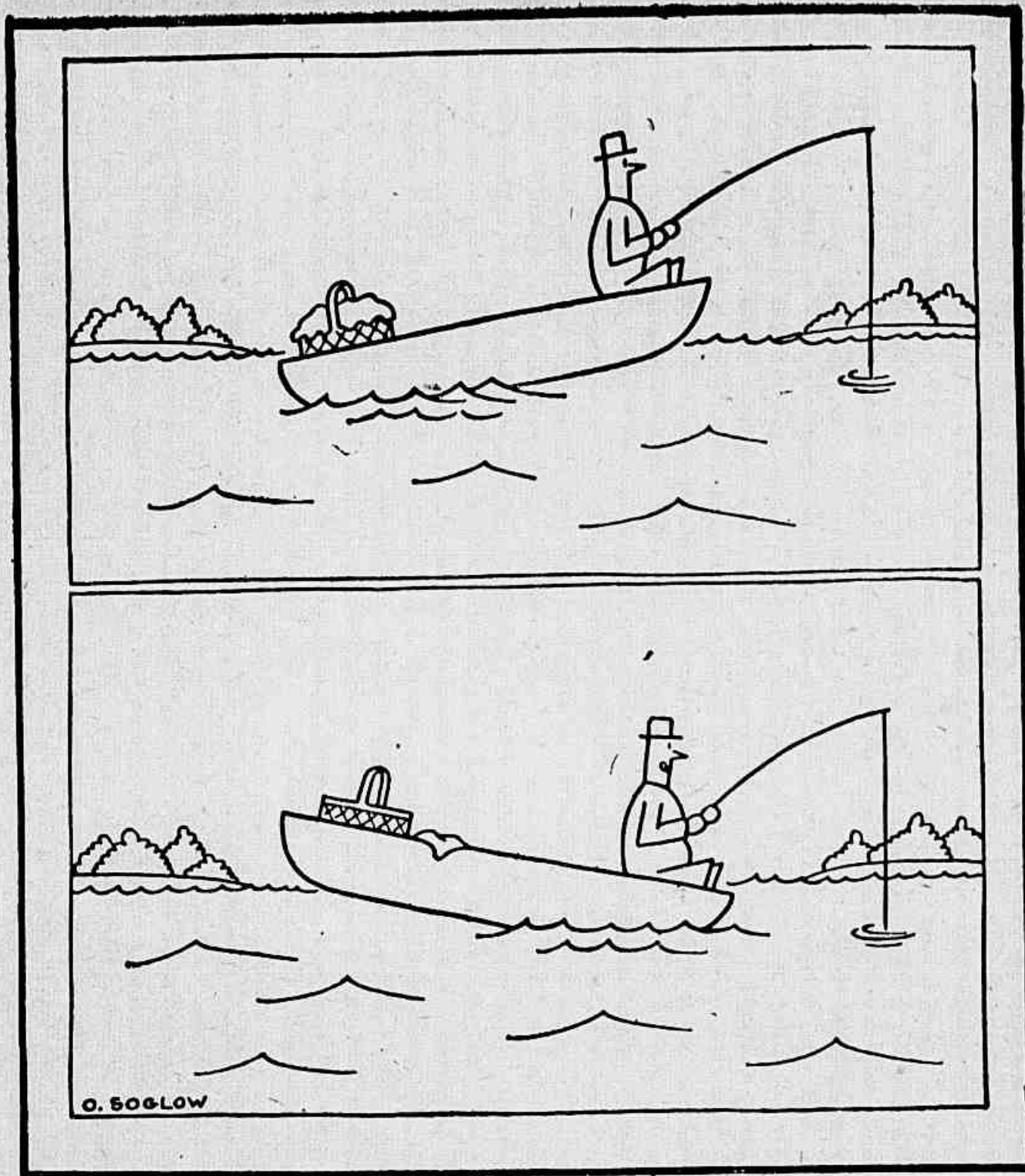
— Eu queria saber com quem me havia casado...

Não o conhecia...

— Mas então...

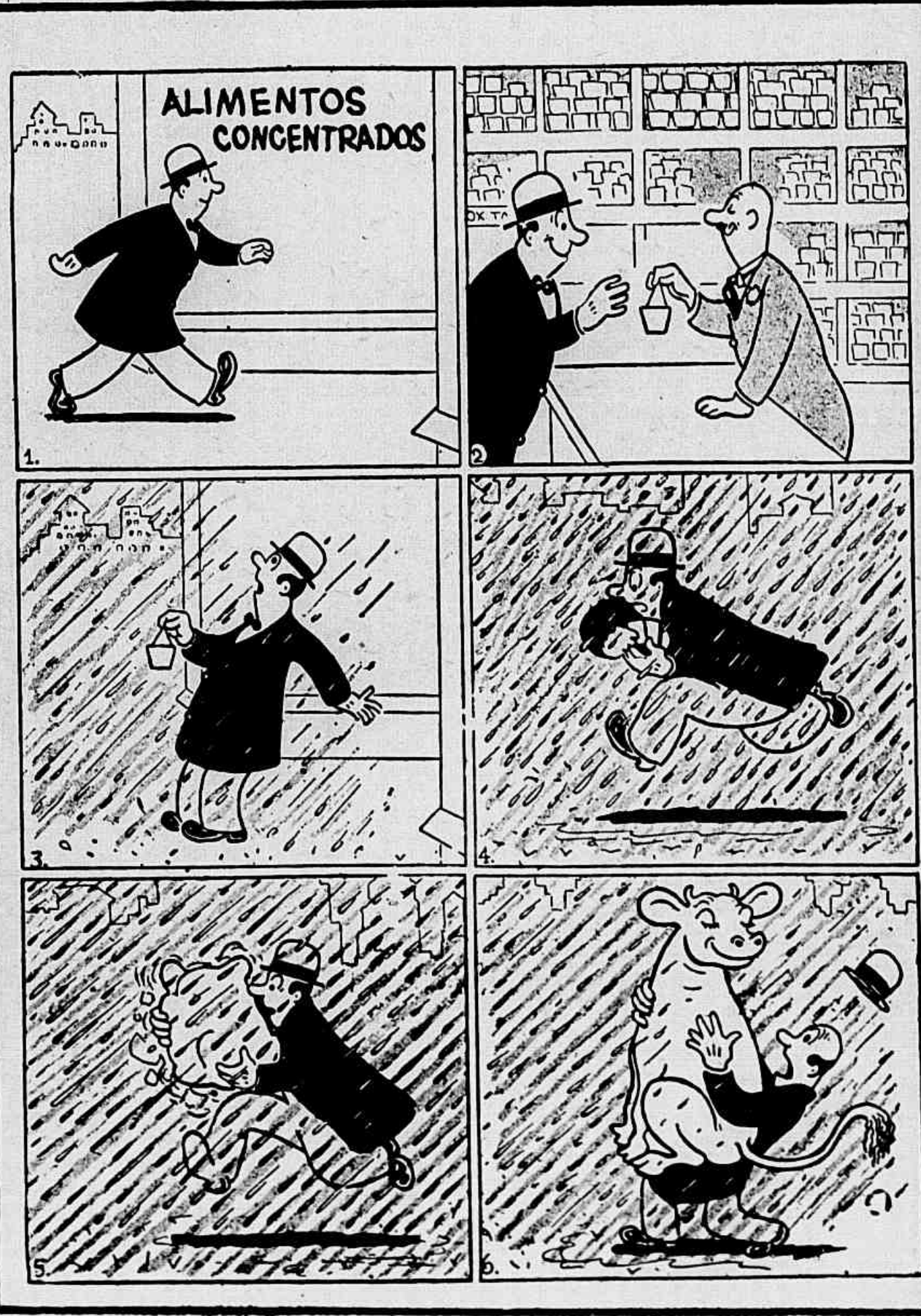
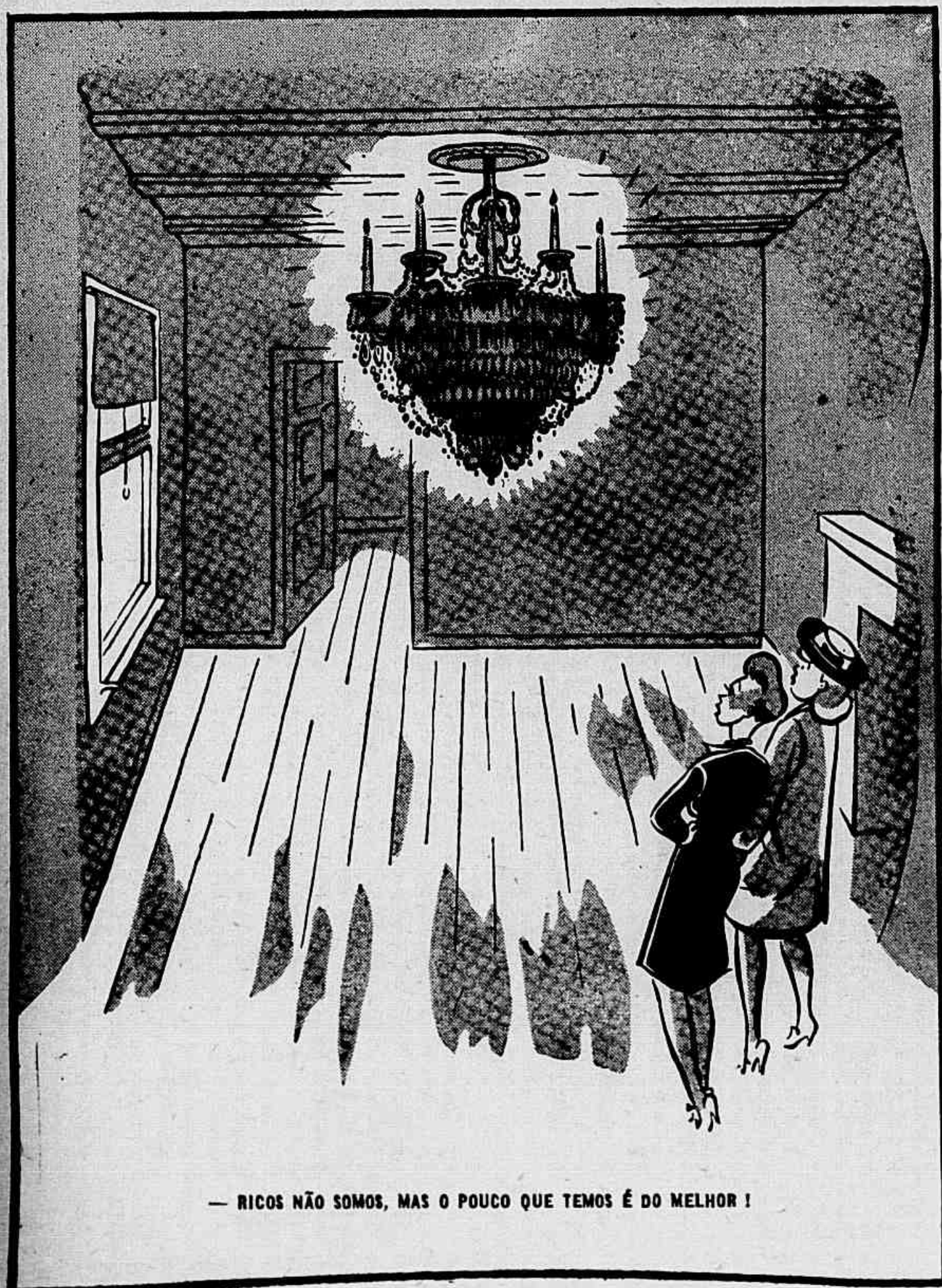
(Continua na pag. 35)





de bom HUMOR

18



O CRIME DE MINHA MULHER

Novela de Roberto Wayne

Ele estava certo de que ela era inocente. Entretanto...

OS pressentimentos são uma coisa curiosa... Naquela noite fatal, instei com minha mulher para que não saísse:

— Inês, eu...

— Compreendo, meu amor. Mas não é preciso você ficar inquieto... Ele não ousará...

— Inês, eu, francamente, não gosto de pensar... Você sozinha com aquele homem...

Não queria que ela fosse trabalhar. Talvez fosse a chuva que caía, fina e lenta. Talvez fosse uma vaga ansiedade de que eu mesmo não podia perceber. Não sei porque. Mas senti. Tinha a certeza de que alguma coisa aconteceria. Talvez fossem ciúmes, somente. Porém eu tinha razão.

— Escute, Inês...

— Que é que há?

— Inês, o emprego é bom e você gosta dele, mas nós não precisamos tanto assim de dinheiro e eu não gosto de ver você se sujeitar a ouvir graçaças daquele patife...

— Mas não são graçaças, meu amor. Ele limitou-se a dizer que me amava. Que é que eu posso fazer? Como impedi-lo?

— Bem, eu não sei. Mas não gosto disso...

— Escute, seu bôbo, você sabe por que eu estou fazendo tanta questão de ir ao escritório esta noite?

— Não. Por que?

— Porque eu vou me despedir. Vou pedir demissão...

— Bem, diante disso...

— Não é verdade que não resta objeção alguma a fazer, meu querido? Eu preciso ir mais uma vez ao trabalho para ajustar umas coisas, arrumar os papeis, além de deixar tudo em ordem; porém, assim que tiver tudo pronto, passarei no escritório do Sr. Hagen e...

— Está muito bem...

Não encontrava mais argumentos para combater. Mas continuava a

Beijei-a, então, e não sei por que o seu beijo foi mais terno do que de costume. Talvez ela também soubesse que... ou pressentisse...

Quando desapareceu na escada, senti crescer a apreensão. Estava certo. Não me enganava. A verdade, a terrível catástrofe não tardaria. Naquele mesmo dia, antes mesmo que eu tornasse a vê-la...

II

— Dentro de uma hora, dissera ela.

Sim, dentro de uma hora devia estar em casa. Era só o tempo de arrumar os papeis, escrever as cartas do dia e anunciar que não voltaria mais ao emprego.

Mas uma hora passou e ela não apareceu. Mais uma hora decorreu e nenhum sinal de minha mulher.

Eu estava sozinho em casa. O tic-tac do relógio no silêncio da casa via-se me atormentava. Tic-tac, tic-tac... Um gato preto que minha mulher estimava muito estava aos meus pés, si-

lencioso. Levantei-me. Joguei para um lado o livro que estava tentando ler, e comeci a passear para cima e para baixo, no quarto deserto. O gato acompanhava meus movimentos com o olhar. Finalmente, não podendo mais suportar o olhar do gato, enxotei-o. Mesmo depois que ele saiu, ainda eu via, no lugar onde ele estivera, dois olhos a me espiarem... a me examinarem, curiosos e terríveis.

Passeando, lembrava-me do primeiro dia que ela trabalhara no escritório de Carl Hagen. Estava nervosa, mas queria, a todo o custo, fazer alguma coisa para ajudar-me e, por mais que a tentasse convencer de que não era preciso, que o emprego que eu tinha perdido não era insubstituível, que o trabalho noturno que eu tomara temporariamente nos bastaria, por mais que eu falasse, ela não quis me dar ouvidos. Procurou uma colocação, e, muito breve, encontrou o lugar de secretária no escritório de Carl Hagen. Jane Dorster, uma amiga dela, casada com um colega meu, fôra a intermediária. Arranjara tudo. Só coube a Inês comparecer para tomar posse do lugar. Jane trabalhara com Hagen, mas ia deixar o emprego, pois seu marido fôra promovido e ela não precisava mais de trabalhar. Lembrou-se então de Inês. As duas se juntaram, e dentro de dois dias Inês já era secretária de Hagen.

— Você vai gostar do trabalho, dissera Jane.

— De que se trata? — perguntei eu.

— Arranjei um emprego ótimo para sua mulher como secretária de Carl Hagen, na fábrica de munições. Você bem sabe como ela tinha vontade de arranjar qualquer coisa para ajudar você... Além do mais, é serviço de guerra, portanto ela está não somente ajudando a você, mas, indiretamente, ao próprio Estado...

Jane tinha argumentos convincentes.

— Você não há de se opor a que sua mulher trabalhe para o bem de seu país...

— Eu sei que não é bem isso, Jane, mas já que Inês ficará feliz podendo contribuir para as despesas, dou meu consentimento, está claro.

ela... fôra

III

A chuva caía com uma regularidade enervante. Não podia mais ouvir aquele ruído. Liguei o rádio.

— ... Acabam de ouvir, na interpretação de Rosa Ponselle a Elegia de Massenet. Meu amigo, sente dor de dentes? Tome X... e economizará o dinheiro da consulta do dentista X..., não se esqueça, X.

Um carro passou, lá fora, na rua, e businou. Pensei que fosse minha mulher. Cheguei à janela. Ninguém.

Quando, depois de mais de três horas de atraso, eu já começava a inquietar-me deveras, quando já não tinha mais dúvida que acontecera alguma coisa de grave, uma terrível ideia passou pela minha cabeça:

— Terá fugido com ele?

Havia um não sei quê de despedida no beijo que ela me dera. Meu coração bateu mais apressadamente.

Nesse momento, soou o telefone.

— Inês, meu amor. Que susto você me deu...

— Alô, cavalheiro!

— Ah, desculpe meu senhor, eu esperava uma telefonada de minha mulher.

— E' ela mesma que deseja falar com o senhor. Um momento. Estranhei que tivesse sido uma voz de homem; Onde estaria ela?

— Alô, Jerry!

— Inês!

— Meu Deus!

— Onde está você, Inês? Eu já estava preocupado? Que foi que aconteceu?

— Escute, Jerry. Eles me disseram que eu só posso falar durante cinco minutos... eu...

— Inês! Quem são eles? Onde está você?

Um terrível pressentimento passou pelo meu cérebro. Era verdade.

— Estou na delegacia. Presa. A polícia...

— Polícia?

(Continua na página 49)

sentir aquele estranho mal-estar, ainda me preocupava a ameaça de uma catástrofe iminente.

A chuva caía agora com mais força. Relampagos riscavam o céu escuro e o ribombar surdo do trovão se seguia soturno.

Inês aprontou-se, enquanto eu dizia: — Você compreende, Inês, não é que eu não tenha confiança em você, mas não sei...

— Que é isso queridinho? Já estava tudo decidido e você ainda vem reabrir a questão...

Ela sorriu, acariciou-me o rosto com a mão já enluvada e afastou-se.

— Bem, eu vou indo...

— Já está na hora?

— Claro, rapaz. Então você pensa que eu trabalho de madrugada?

Ela trabalhava de dia e eu de noite, de forma que, quando para mim era hora de dormir, ela estava saindo para o trabalho.

— Até mais tarde, meu amor!

— Até mais tarde, querida.





AS pernas das estrelas de cinema não servem apenas para caminhar. Têm utilidades muito maiores, principalmente as de ordem estética. Pernas fotogênicas, emprestando aos quadros vivos formados pelas suas donas quando diante da câmera, maiores encantos, valem milhões de dólares, e as companhias de seguros já se habituaram a cobrar fabulosas quantias de prêmio, quando suas donas, ou os estúdios que as contrataram, vão "segura-las". Outrora, as de Marlene ganharam fama internacional. Marlene envelheceu, coitada! Mas, para substituí-la, Hollywood ganhou dezenas de outras pernas admiráveis com que foram dotadas pela Natureza! O talento de algumas, não raro, estaciona ali mesmo, na altura das pernas. Mesmo assim, elas triunfam. Senhoras de tão belos atributos físicos, podem facilmente transferir a outras menos favorecidas os predicados de arte... Elas contentam-se em pôsar nessas atitudes perturbadoras. E o público dá-se por satisfeito.

Ou não se dá?

As cinco "estrelas" que aqui vemos, são: Bonnie Edwards, alto; Jean Rogers e Vicky Lane, na página imediata, também ao alto — e na parte inferior Miriam Lavell e Kathryn Grayson. Todas da Metro. E cada qual legítima proprietária de um par de pernas bem fotogênicas.





DOIS QUADROS DE ARMANDO VIANA



ARMANDO VIANA, prêmio de viagem ao Brasil, de 1941, vem de realizar uma nova exposição de seus mais recentes trabalhos. Damos, nesta página, a reprodução de dois quadros do vitorioso artista que mereceu de Tapajós Gomes estas palavras: "Pintor de interior ou de ar livre, Armando Viana é sempre interessante, porque á sua grande virtuosidade técnica junta o essencial, que é o sentimento, elemento indispensavel para que uma obra de arte atinja a sua finalidade emocional". Sem favôr nenhum, constituiu remarcada nota de arte e de elegancia social a exposição do consagrado artista.

A GUERRA EM MARCHA

DERROCADA EM TODOS OS FRONTS

23

QUANDO se aprecia o panorama atual da guerra, podemos constatar em todos os fronts, uma série interminável de derrotas, de recuos, de retraimento de linhas ou de cerco e aniquilamento dos outrora orgulhosos e invencíveis exércitos de Hitler.

Em nenhum setor, em nenhuma linha de combate podemos citar uma vitória das armas nazistas. El Alamein e Stalingrado parecem ter posto um ponto final naquela série estrondosa de vitórias que davam a Hitler elementos para sonhar com o domínio do mundo, o esmagamento das raças e dos países menos armados, o pan-germanismo nazificado, que, segundo os teóricos germanicos iria transformar o mundo num paraíso. Um paraíso para os nazistas, é claro, com toda a humanidade escravizada a trabalhar para eles.

Mas tudo isto passou. O sonho de Hitler, que era o pesadelo do mundo, desvaneceu-se ante o jato de água fria da energia anglo-saxã.

Aquelas duas derrotas, fizeram pender definitivamente o prato da balança em favor dos aliados.

A gigantesca fabricação de armamentos nos Estados Unidos, a arregimentação das tropas americanas e de todo o império britânico, a coordenação e transporte de todas essas forças para a Inglaterra, possibilitando a invasão vitoriosa e já agora transformada na tão esperada segunda frente, tiraram aos alemães as derradeiras esperanças.

Na Rússia, na França e na Itália, diariamente, estão sendo mortos, feridos ou aprisionados milhares de soldados, o que representa uma sangria a que evidentemente os nazistas não poderão resistir por muito tempo.

Nenhuma pessoa de bom senso poderá agora pôr em dúvida a vitória líquida e certa dos aliados.

Rokossovsky avança com seu exército em direção da Prússia oriental da qual os duzentos mil homens

que o compõem, estão separados apenas por 60 milhas, depois de terem reconquistado todo o território da Rússia Branca.

A infantaria se aproxima, pois, do próprio território da Alemanha, tendo atravessado as fronteiras da Letônia e da Lituânia. E a dois anos, esta hipótese pareceria extremamente ridícula a qualquer alemão.

E' provável que o povo germanico não espere dos russos um tratamento muito lisonjeiro, principalmente se tiverem em conta o que se passou com o povo russo nas cidades conquistadas e arrasadas pela "Wehrmacht".

A paciência, uma das características da raça eslava, é substituída pelo ódio insopitável, quando esse povo se exaspera.

E talvez tenham os nazistas, muito brevemente de refletir com amargura sobre aquela frase latina: "Vae victis"!

Realmente a queda de Vilna e de Kaunas, ameaçam de cerco e aniquilamento quasi 250 mil nazistas, num dos maiores desastres militares dos muitos que têm sofrido os alemães.

Os desastres nazistas na França têm se revestido de enorme importância. Em Caen o Marechal Rommel sofreu uma das suas derrotas mais contundentes e graves enfrentando Montgomery. Parece que a série interminável de fracassos da famosa raposa do deserto, na luta com Montgomery, ainda não terminou, mas

terminará de modo bem desagradável para o alemão.

Na verdade, a conquista de Caen e o movimento coordenado entre os exércitos americano e inglês, respectivamente nos setores desta cidade e de St. Lô, para onde estão convergindo os yankees, tornou muito séria a situação das tropas alemãs que defendem a França. A luta é vital e Montgomery já iniciou a sua marcha para Paris.

A série de vitórias ininterruptas dos aliados que se vem verificando dão ao observador a certeza do sucesso em cada nova campanha que se inicia.

Os prognósticos giram agora em torno da maior ou menor duração da luta e não quanto ao vencedor.

Na Itália, Clark à frente do 5.º exército americano e Alexander no comando do veterano 8.º exército britânico veem, sineronicamente, infringindo sem interrupção uma série interminável de derrotas a Kesselring, que foge para o norte do país, depois de ter perdido quasi todo o território peninsular. Os aliados se aproximam das grandes cidades industriais do norte da Itália, onde provavelmente os alemães procurarão oferecer a sua ultima e desesperada resistencia. O rompimento de todas as linhas defensivas cuidadosamente preparadas por Kesselring, não parece augurar grande sucesso nesta ultima resistencia.

Este panorama, que aos alemães, embora fanaticos e cegos, ha de forçosamente parecer desolador, não deixa duvidas quanto ao resultado da luta.

O emprego de armas destinadas a aterrorizar as populações civis, como o "avião sem piloto", incapazes porém de uma ação contra as tropas ou a produção bélica, não poderá sequer retardar a marcha dos acontecimentos, quanto mais mudar-lhes o rumo.

E, em vista desse panorama, uma paz repentina não poderia constituir surpresa.

UMA CASAMATA NAZISTA SOB NOVA ADMINISTRAÇÃO
— POUCO DEPOIS DE TEREM SIDO ANIQUILADOS E APRISIONADOS OS NAZISTAS QUE A DEFENDIAM, ESTA CASAMATA ALEMÃ FOI TRANSFORMADA EM QUARTEL-GENERAL PROVISÓRIO DE UMA UNIDADE AMERICANA. OBSERVE-SE AS PAREDES DE CIMENTO ARMADO DE GRANDE ESPESSURA QUE PROTEGIAM OS DEFENSORES NAZISTAS — MAS QUE NÃO FORAM SUFICIENTES PARA RESISTIR AO IMPETO DOS SOLDADOS LIBERTADORES. (Foto da Inter-Americana).



ENFERMEIRAS EM AÇÃO — LOGO APÓS O DESEMBARQUE DAS TROPAS ALIADAS EM TERRAS DA NORMANDIA, ALI SALTAVAM TAMBÉM OS PRIMEIROS GRUPOS DE ENFERMEIRAS. ESSAS EXCELENTESSAS CRIATURAS, TODAS VOLUNTARIAMENTE, INTERROMPERAM SEU BEM-ESTAR DOMÉSTICO PARA SERVIR AOS PERIDOS DA GUERRA. E NESSE MOMENTO, VIAJANDO POUCO CONFORTAVELMENTE EM TRANSPORTES MILITARES, CHEGAM PARA DAR CONTA DA SUA MISSÃO ESPINHOSA E HUMANITÁRIA.

NOVOS Flagrantes

NOVOS REFORÇOS PARA AS UNIDADES QUE LUTAM NA NORMANDIA — SOB A PROTEÇÃO DOS CANNHÕES PESADOS DA ESQUADRA, NOVOS E NUMEROSOS COMBOIOS CRUZAM INCESSANTEMENTE O CANAL, PARTINDO DE PORTOS INGLÊSES, AFIM DE LEVAR NOVOS REFORÇOS E ABASTECIMENTOS PARA OS VALOROSOS SOLDADOS QUE DERROTARAM OS ALEMÃES EM CHERBURGO E ESTÃO MARTELANDO AS POSIÇÕES INIMIGAS EM CAEN. OBSERVEN O ESPLÊNDIDO EFEITO DOS VASOS DE GUERRA À DISTÂNCIA.





O GENERAL MARC CLARK NO VATICANO — AQUI VEMOS O TENENTE-GENERAL MARC CLARK, COMANDANTE DO EXERCITO ALIADO, E SEU CHEFE DE ESTADO-MAIOR, MAJOR-GENERAL ALFRED M. GRUENTHER, QUANDO CUMPRIMENTADOS POR UM SACERDOTE À ENTRADA DA CIDADE DO VATICANO, APÓS A LIBERTAÇÃO DA CAPITAL ITALIANA PELOS ALIADOS, A 4 DE JUNHO DE 1944. NO MESMO DIA OS EXERCITOS ALIADOS REINICIARAM SUA PERSEGUIÇÃO AOS GERMANICOS EM RETIRADA PARA O NOROESTE DE ROMA.



OS FRANCÊSES AGORA ESTÃO ALÍGRES! — QUANDO AS TROPAS BRITANICAS IAM PENETRANDO NAS PRIMEIRAS LOCALIDADES FRANCÊSAS, ÉRAM RECEBIDAS ENTRE EXCLAMAÇÕES DE JUBILO POR PARTE DOS SEUS HABITANTES. AQUI ESTÁ UMA FAMILIA RADIANTE COM SEUS NOVOS HOSPEDES. FRANCÊSES E INGLESES FINALMENTE JUNTOS!



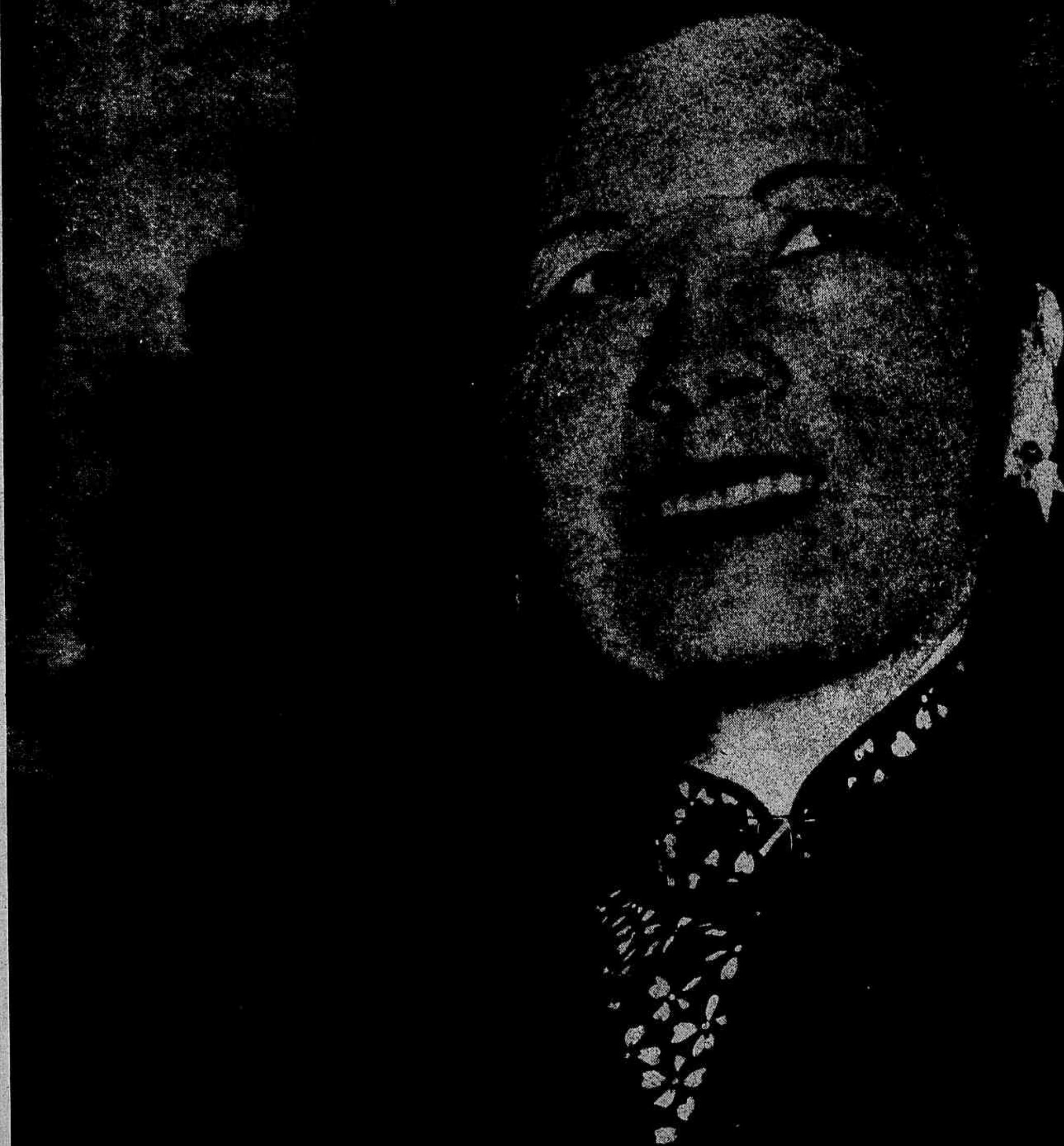
DE GAULLE COMEMORA A RESISTENCIA DOS FRANCÊSES LIVRES — AQUI ESTÁ O BRAVO GENERAL FRANCÊS, PRESIDENTE DO COMITÉ NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DA FRANÇA, ENTÃO AINDA NA ARGELIA, COMEMORANDO O 4.º ANIVERSÁRIO DO APÊLO POR ÊLE MESMO FEITO, ATRAVÉS DO RÁDIO DE LONDRES, A POPULAÇÃO FRANCÊSA PARA NÃO DESANIMAR E RESISTIR...



CHURCHILL EM PLENO "FRONT" NA FRANÇA — O PRIMEIRO MINISTRO WINSTON CHURCHILL ACENDE SEU FAMOSO CHARUTO, A BORDO DE UM "JEEP", EM COMPANHIA DO GENERAL SIR BERNARD. FOTO TIRADA NO DIA 12 DE JUNHO POR OCASIÃO DE SUA VISITA AOS CAMPOS DA INVASÃO.



REFUGIADOS NA SUÉCIA — QUATRO ESTUDANTES NORUEGUESES DE TEOLOGIA, QUE SE ENCONTRAM REFUGIADOS NA SUÉCIA, FORAM RECENTEMENTE ORDENADOS NA CATEDRAL DE STRANSNGAS NA SUÉCIA, DE ACORDO COM O RITO NORUEGUÊS. A GRAVURA MOSTRA-OS, VESTIDOS DE BRANCO, VENDO-SE AO FUNDO O BISPO DA DIOCESE DE STRANSNGAS, GUSTAF AULÉN.



O BRASIL HOSPEDA A PRIMEIRA DAMA DA CHINA

"A ALMA HEROICA DA CHINA". Eis uma frase que define perfeitamente a ilustre hóspeda que nos vem do Oriente.

E' realmente para nós uma honra hospedar a esposa do Generalissimo Chiang-Kai-Shek, essa descendente da aristocrática família dos Sung, que vem dedicando toda a sua vida, a sua inteligencia e a sua energia inquebrantável à luta pela preservação da liberdade da sua pátria multi-secular.

Quase nove anos de guerra contra um inimigo desumano, feroz, muito mais armado, seriam suficientes para exgotar nervos de aço.

Ao lado do seu esposo, esta mulher heróica vem dando ao mundo um exemplo de capacidade e dedicação.

O prestígio da senhora May Ling é, no seu país, tão grande quanto o de seu esposo. O ódio dos japoneses se faz sentir contra ela de modo terrível e por diversas vezes tem escapado aos atentados dos espiões do Mikado que pululam na China.

Todas as emoções da guerra já foram sentidas e vividas pela nossa atual hóspeda.

Todos os brasileiros estão ansiosos para demonstrar á ilustre dama chinesa a simpatia e o contentamento que temos em hospeda-la.

ESTE FOI O PRIMEIRO FLAGRANTE BATIDO EM BELO HORIZONTE, QUANDO CELESTINO SILVEIRA SE ENCONTROU COM CHICO XAVIER QUE SE SURTOU, ENTRE SORRISOS HUMILDES, A QUALQUER ENTREVISTA, DECLARANDO: — "FUI ACONSELHADO POR EMMANUEL A AGUARDAR OS ACONTECIMENTOS, DESCULPE... MINHA VONTADE SERIA ATENDÊ-LO... ALÉM DISSO, MEUS AFAZERES NÃO ME PERMITEM... NÃO ME LEVE A MAL, SIM?"

O ESPIRITO DE EMMANUEL

FALA A' "REVISTA DA SEMANA"

POR INTERMEDIO DE CHICO XAVIER

VIAJANDO A BELO HORIZONTE E PEDRO LEOPOLDO PARA OUVIR O EMBAIXADOR DO ALÉM — O PRIMEIRO ENCONTRO NA EXPOSIÇÃO PECUÁRIA — O HOMEM DO OLHO VIRADO NEGA-SE A FALAR — E O CHEFE DE SERVIÇO MANDA O REPORTER DE VOLTA — MAS ALGUMA COISA ACONTECE... — A PRIMEIRA APARIÇÃO E A PRIMEIRA MENSAGEM DE HUMBERTO DE CAMPOS — "É VOCÊ O MENINO DO PARNASO"? — INFÂNCIA DE CHICO XAVIER — ONDE APARECE O GUIA EMMANUEL — VÊ, OUVI E ESCRIVE — CINCO RESPOSTAS EM 28 MINUTOS — O ESTILO DO ESCRITOR, O MUNDO APÓS-GUERRA, OS ESPÍRITOS PRIVILEGIADOS — CONSELHEIRO XX NÃO ESCRIVIA IGUAL AO ACADEMICO — A FAMÍLIA DE CHICO XAVIER EM SÃO LEOPOLDO — PAI, IRMÃS, CUNHADAS E SOBRINHOS — DESTA VEZ O 13 DEU SORTE! — CONCLUSÃO: QUEM É AFINAL CHICO XAVIER?

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA)

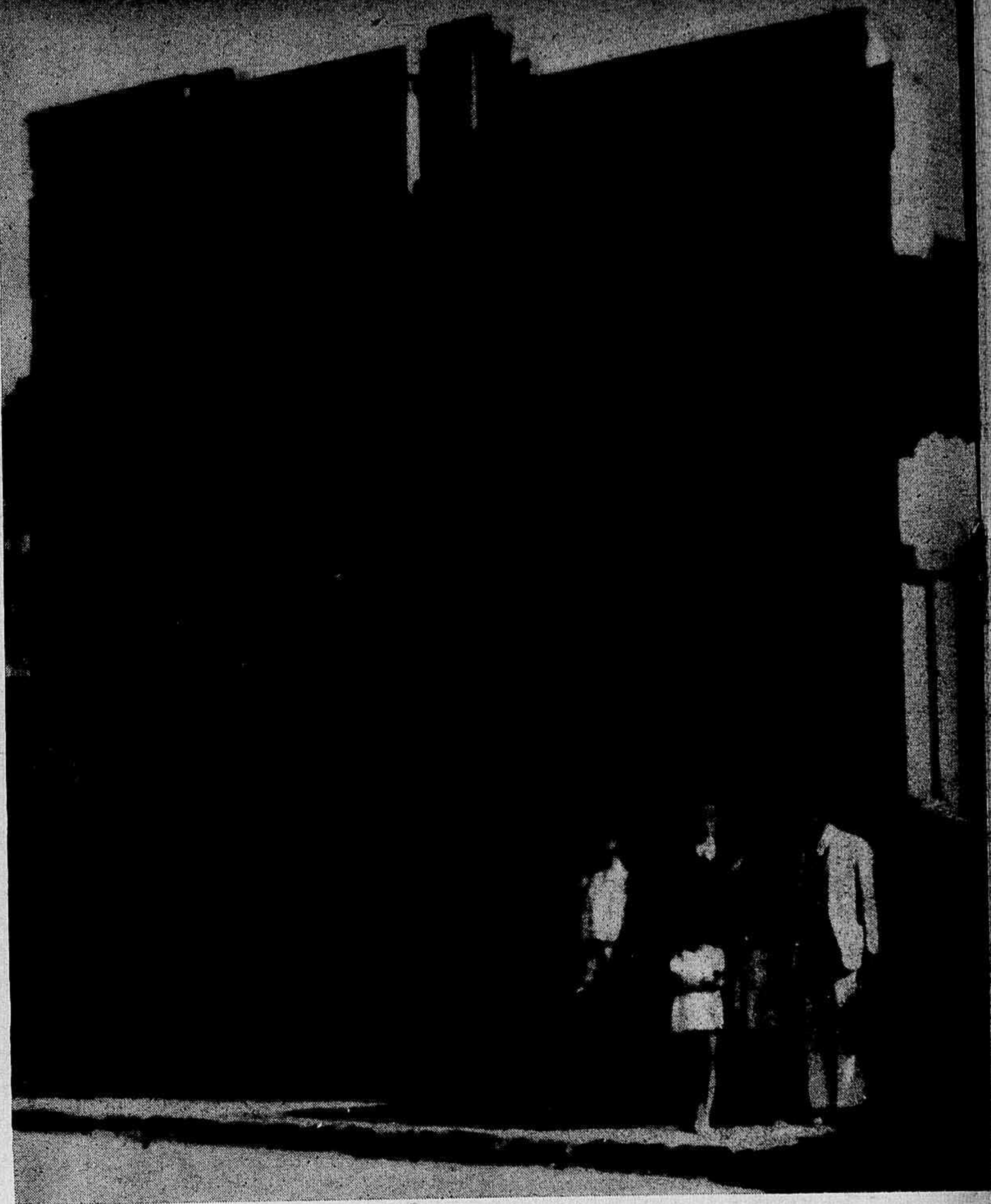
Foi em nossa edição de 8 de Abril do corrente ano que se focalizou pela primeira vez o momentoso "caso" da literatura póstuma de Humberto de Campos, a propósito da iniciativa do atual governo maranhense, no sentido de serem trasladados para seu Estado natal os despojos do saudoso escritor, bem como os de Coelho Neto e Apolonia Pinto, ambos também nascidos no Maranhão. A reportagem despertou in-

teresse muito além da nossa melhor expectativa, movimentando vários colegas cariocas que se puseram em campo, ouvindo várias personalidades, pró e contra a autenticidade dos livros de além-túmulo, ditos do autor de "Memórias". Desde então, procuramos também consultar várias fontes, de ambas as partes, fazendo assim que o assunto crescesse de interesse e atualidade, de edição para edição. A tal ponto o "caso" ga-

nheu vulto — agravado com a medida adotada pela família de Humberto de Campos, no sentido de impedir que essas obras continuassem editadas — que a REVISTA DA SEMANA resolveu destacar um de seus redatores para viajar especialmente a Minas Gerais, com o objetivo de entrevistar o "pivot" da controvérsia, o "medium" Francisco Candido Xavier, conhecendo também seu "habitat", na cidade de Pedro



NÃO FOI MUITO FÁCIL CONSEGUIR ESSA POSE DE CHICO XAVIER. ELE ESTAVA SEMPRE ATENTO AOS CHAMADOS DA SECRETARIA; MAS, ASSIM MESMO, POSOU PARA O NOSSO FOTOGRAFO, EMBORA RECLAMANDO QUE PRECISAVA AFASTAR-SE QUANTO ANTES.



FACHADA DO PRÉDIO QUE UM GRUPO DE AMIGOS, ANOS ATRÁS, OFERECEU AO "MEDIUM" E PSICOGRAFO. CUSTOU, NAQUELA OCASIÃO, DEZ MIL CRUZEIROS. O CONSTRUTOR NADA COBROU PELO SERVIÇO. À PORTA, LADEANDO O NOSSO COMPANHEIRO, VÊEM-SE O PAI DE CHICO XAVIER, SR. JOÃO CÂNDIDO XAVIER, E TRÊS SOBRINHOS DO FAMOSO PERSONAGEM.

28

Leopoldo. A escolha recaiu na pessoa do nosso redator-secretário, Celestino Silveira, que daqui partiu na tarde de 6 do corrente, regressando pelo noturno do dia 8 com a reportagem desejada, da qual foi publicado um fragmento na edição final do vespertino "A Noite", do dia 15, e cuja inserção, na íntegra, passamos a fazer:

PREPARÁMO-NOS para o desempenho desta missão com o firme propósito de transmitir fielmente aos leitores, interessados no assunto, seja qual for o seu ponto de vista a respeito, as impressões colhidas no transcurso da nossa viagem. O papel do reporter limita-se a traduzir, em palavras, o que seus olhos tenham observado, reproduzindo outras palavras que haja recolhido no seu caderno de apontamentos, é claro. Não foi nossa a culpa do motivo daquela nossa reportagem inicial ter assumido as proporções que hoje possui, mandando a verdade reconhecer que já então, em Abril, quando pela primeira vez abordamos os herdeiros de Humberto de Campos, fomos encontrá-los movidos do firme propósito de movimentar a questão judiciária hoje entregue à decisão dos juizes competentes. Apenas, nessa ocasião, esses herdeiros nos solicitaram que a REVISTA se abstivesse de maiores informações a respeito, considerando não ser, então, oportuno esse detalhe. Mas sem dúvida a agitação do tema, posto em discussão nestas páginas, fez que essa medida se apressasse, a tal ponto que hoje provoca, mesmo, o interesse das revistas e grandes jornais norte-americanos. Ora, de vez que o assunto estava amplamente discutido aqui, na REVISTA, nada mais natural que nos antecipssemos a ouvir também o personagem central de todo o delicado tema, na pessoa do discutido psicógrafo das Alterosas; daí as providências tomadas na redação com o propósito de sermos, como de fato fomos, os primeiros jornalistas do Rio

a colher a palavra desse personagem. Outros nos seguraram no encaço, iniciativa perfeitamente natural e que já esperávamos, dada a relevância do assunto. Uma vez mais ficou patenteado que a reportagem carioca não "dorme no ponto", sempre que lhe seja permitido expandir-se.

De Francisco Cândido Xavier conhecíamos o que todos conhecem, através das suas obras expostas à venda em todo o país e do rumoroso incidente verificado há sete anos atrás, quando seu nome andou, como agora, em grande evidência nas colunas dos jornais. Quanto a Humberto de Campos, guardávamos do escritor as mais gratas recordações, de quando o conhecemos, já na derradeira fase de sua dolorosa existência. Várias vezes fomos visitá-lo, no seu apartamento do Edifício Rosa, na praça Duque de Caxias, onde, então, em seu gabinete de trabalho, o víamos debruçado naquela histórica máquina de escrever portátil, hoje conservada por um filho, preparando, em reduzidíssimo espaço de tempo, suas crônicas para os jornais do Rio e dos Estados, e algumas, também, para uma pequena publicação cinematográfica que então dirigíamos. Seus filhos eram garotos, esses mesmos que agora estão articulando esse agitado pleito nos tribunais brasileiros. Vimos Humberto rebuscar nos livros das suas estantes, cobrindo as quatro paredes do seu gabinete, o "motivo" para uma nova crônica, lutando com a escassez visual, com os sofrimentos de todas as horas. Também o ouvimos, não raro, em confidências eventuais, sobre o drama que era, então, a sua luta pela vida, perdida a cadeira de deputado em consequência da Revolução de 30, e obrigado a manter o sustento da família. De uma feita, dois meses antes do desenlace, disse-nos: — "Afinal, meu caro, morrer deve ser um descanso, um grande descanso para quem trabalhou tanto assim, neste mundo..."

Meditávamos nessas palavras de Humberto, agora, na "cabine" do noturno que nos transportava a Belo Horizonte.

Vida singular e cheia de imprevistos! Si porventura o escritor, de alguma parte do Infinito, pode acompanhar os capítulos deste pequeno drama onde seu nome está em foco — que juízo poderá fazer de tudo isto! E terá mesmo descansado?

Ao desembarcarmos em Belo Horizonte, uma pontinha de recelo queria insinuar-nos que tudo ia ser feito por nós em pura perda. Já aqui no Rio, quantas pessoas consultávamos a respeito da nossa viagem para ouvir o "medium", tentavam demover-nos formalmente. E na capital montanhosa sentíamos que em tudo se pensava, de tudo se falava, menos na literatura de além-túmulo. Belo Horizonte estava tomada de assalto pela invasão do zebú e do zebuêiro, para lhe sobrar tempo, mesmo escasso, com que se houvesse com os espíritos. O famoso "Canadá", avaliado em cinco milhões de cruzeiros, exposto na Gameleira, era muito mais importante que todas as revelações mediúnicas por ventura conseguidas. Mas foi lá exatamente, na exposição pecuária da Gameleira, que nos avistamos pela primeira vez com o discutido homem a quem o escritor teria confiado a tarefa de psicografar seus trabalhos produzidos depois de morto. Sem dúvida, nós seríamos entre os milhares de indivíduos que se acotovelavam naquela feira de gado e seus derivados, os únicos desinteressados pelos maravilhosos tipos de zebús espalhados pelos estábulos, onde o povo se comprimia, de olho parado e beijo caído, para lhes apreciar o "pedigree". Mas também nos pareceu que o único homem, dentro daquela grande área, a quem as cifras astronômicas por que se vendiam e compravam admiráveis touros reprodutores, nada interessassem, devia ser, por força, aquele misterioso dactilógrafo, debruçado sobre a sua máquina, tamborilando no teclado algarismos e mais algarismos, alinhando cifras e mais cifras.

Quando o procurámos, na secretaria da Exposição, tinha ido almoçar e só voltou quase hora e meia transcorrida. Um rapazola, funcionário também da Agricultura, apontou-nos o homem:

— E' aquê que vem lá, moço. Aquê com um olho virado...

Fomos ao encontro do homem de olho virado. Estava ali, enfim, à nossa frente, o famoso "medium" a quem gregos e troianos atacam e defendem, o mensageiro do Além, o intérprete da voz dos mortos... Francamente, tudo isso é muita coisa, junta, para um homem só. Na realidade, Chico Xavier — passemos a tratá-lo assim, mais na intimidade — é um tipo inteiramente comum. Passando ao nosso lado, em qualquer parte, só conseguiria despertar atenção si nele esbarrássemos e tivéssemos de nos desculpar. De estatura média, a pele morena, de leve tom cinzento, a cabeça chata, os cabelos crespos sempre despenhados, tocados pelo vento, tem uma fisionomia que traduz certa candura, um "quê" espiritual. Não, não nos deixamos dominar pela impressão. Muita gente possui o mesmo "quê", embora não captando mensagens do Além. Mas aquela catarata, obrigando o rapaz — não completou ainda a idade de Cristo — a olhar de relance, a revirar o olho direito para cima, empresta-lhe um semblante de êxtase. De resto, Chico Xavier veste pobremente um casaco e uma calça de casemira escura, roupa que não vê ferro de passar há muito tempo. A camisa, de fazenda barata, está repuxada no cós da calça sem cinto e parece querer expandir-se a qualquer momento. Uma gravata comum, um par de sapatos cambados, brancos de poeira; e aí está, pintado em dois traços o homem de Pedro Leopoldo, que fomos encontrar na Exposição Pecuaría de Belo Horizonte, exatamente na véspera do seu encerramento.

Não há exagero declarando que nossa primeira interpelação assustou Chico Xavier. Ele não conseguiu disfarçar a preocupação que o assaltava com a nossa presença, tão logo soube tratar-se de um reporter, e ainda mais certificando-se que esse reporter havia viajado quase vinte horas para ouvi-lo:

— O senhor sabe... — começou por dizer-nos. Lamento muito o senhor ter viajado só por esse motivo... Mas eu não posso falar. Compreende... A causa está entregue à justiça... Só me resta aguardar o seu pronunciamento...

Um detalhe: Chico Xavier não nos falou assim, correntemente. Engasgou-se por duas ou três vezes. Titubeou, sorriu, sorriu sempre, um sorriso aparentemente ingênuo, de dentes muito claros, estendendo-nos a mão morena, querendo despedir-se:

— Depois, estou trabalhando... Não posso afastar-me do meu posto... Temos muito movimento aqui... Perdoe, sim? Não me queira mal... Mas não é possível, desculpe...

E sorria outra vez. E tentava afastar-se. E queria, assim, furtar-se à nossa palestra mais demorada. Convenhamos, porém, que não se viaja do Rio a Belo Horizonte, em condições nada confortáveis, por sinal, para ouvir tão pouco de um homem de quem tanto seria lícito esperar. Voltámos à carga, advertindo-o de certos pormenores. Aludimos às recomendações pessoais de que éramos portadores e usámos, enfim, de certas inocentes artimanhas às quais não pode furtar-se, por sua vez, o reporter disposto a dar conta do recado.

Chico Xavier resolveu apresentar-nos ao seu chefe de serviço — talvez para justificar a demora em ocupar de novo a mesinha de trabalho onde o esperava a máquina. Mas esse bondoso cavalheiro, que também nos confessou professar o credo espírita, nada mais fez senão corroborar as negativas de Chico Xavier e suplicar-nos que o deixássemos em paz:

— O melhor serviço que o senhor pode prestar-lhe, será esse, não o pôr em evidência. O rapaz já sofreu muito com os excessos de publicidade. Não o perturbe... E de resto — que diabo! — uma montanha de serviço o espera, ali ao lado, não vê? Tenha pena dele — e volte mais tarde, daqui a um mês, a dois, a três...

Sorriu também. Nós, idem. Chico Xavier, então, nem se fala. Mas o seu sorriso era o mais humilde. Aparentá-mos considerar frustrado o nosso intuito e despedimo-nos.

Foi quando se operou alguma coisa estranha. Uma transição brusca desenhou-se nos modos, na atitude e na fisionomia do "medium". Era ele, agora, que nos acompanhava à porta da secretaria, desculpando-se sempre, sorrindo sempre, mas deixando entrever uma possibilidade:

— Ainda si o senhor voltasse mais tarde... Em hora que tivesse menos afazeres... Neste momento, é isto que o senhor vê... A exposição fecha amanhã...

Claro que aproveitámos a "deixa". E conseguimos a promessa de alguns minutos de palestra, daí a uma hora. Poderíamos até levar o fotógrafo... Estava vencido o primeiro obstáculo.

Nosso segundo encontro, já com a presença do fotógrafo, começou a causar melhores proveltos, mas ainda poucos. Chico Xavier "posou", embora sempre receoso, atento aos chamados do alto-falante da secretaria, um deles poderia repetir-lhe o nome... E disse-nos, então, alguma coisa.

Não estava captando mensagens de Humberto de Campos, ultimamente. A primeira chegara três meses após o falecimento do escritor. Foi durante a noite. Estava deitado, tentando adormecer, quando seus olhos, bem escancarados, deslumbraram-se com uma visão surpreendente. Era uma linda árvore, tôda de cristal, no tronco, nos galhos, nas folhas, cristal que, balouçado pelo vento, tinha e espalhava os sons de uma divina harmonia. Depois, por detrás da árvore, surgiu a figura de um homem baixo, gordo, "muito feio mas muito simpático"... Pouco tempo antes, Chico Xavier havia publicado o seu livro "Parnaso de Além-Túmulo". Foi a esse livro que aludiu o homem "muito feio mas muito simpático":

— E' você o menino do "Parnaso"? — perguntou.

Chico respondeu que sim. A um nosso pedido de esclarecimento, declarou que tinha, então, pouco mais de vinte anos de idade. E continuou:

— Humberto de Campos falecera em Dezembro. Apareceu-me em Março. E depois voltara a fazê-lo, dizendo-me: — "Prepare-se, menino, temos muito que fazer"...

Foi quando o "medium" começou a receber as mensagens do escritor. Em cada noite destinava uma ou duas horas para esse mister. Antes, porém, Humberto de Campos lhe havia ditado uma crítica ao livro "Parnaso de Além-Túmulo".

— E antes dessas revelações?

— Desde criança eu e uma irmã possuíamos o dom de recebê-las. Aos quatro anos de idade perdi minha mãe, e meu pai teve de entregar-me a uma criatura, impossibilitado de me conservar a seu lado. Eu e minha irmã. Essa criatura, uma pobre mulher, coitada, castigava-nos diariamente com quatro grandes sóvas, a horas certas, com ou sem a prática de qualquer travessura. Desde aí comecei a rezar, suplicando a Deus que me tirasse daquela tortura... E já então se manifestavam alguns fenômenos. Pensaram que eu fosse louco. Quiseram enclausurar-me num hospício, quando apareceu um médico, que me deu os primeiros livros sobre espiritismo. Neles compreendi o que se passava comigo...

— E seus outros irmãos?

— Meu pai contraiu segundas núpcias — continuou Chico Xavier. Minha madrasita tratava-nos com todo o carinho. Eu tinha quatorze anos quando ela morreu. Na véspera, chamou-me e pediu-me que tomasse conta de meus irmãos, os do primeiro e do segundo matrimônio de meu pai. Fiz-lhe a vontade. Continuo zelando por eles, embora alguns tenham morrido. Mas tenho os sobrinhos...

— E' casado, Chico?

O rapaz menela a cabeça:

— Nunca pensei em casamento. Talvez porque minhas preocupações de família — tenho duas cunhadas viúvas, irmãs solteiras, sobrinhos, tudo num total de dezoito pessoas — não me deram tempo. Além disso, consagro-me por completo ao meu trabalho material e ao espiritual. Com muito esforço conseguí instruir-me um pouco, apenas o curso primário, mas procuro ler bastante, quero assimilar tudo o que leio. E conseguí este emprego depois de ter passado por outros.

Contou-nos, então, que em 1935, quando recebeu as primeiras mensagens de Humberto de Campos, ocasionando publicidade muito ampla nos jornais cariocas, ocupava um modesto emprego em Belo Horizonte. Era caixeiro de um armazem. Mas as perseguições foram tantas que perdeu o emprego. Plorou: o armazem faliu, pois ninguém mais se atrevia a frequentá-lo, diante das ameaças surgidas. E o negociante é hoje mendigo.

A conversa foi interrompida. Os trabalhos da secretaria não podiam ficar mais ao abandono. Despedimo-nos pela segunda vez... E conseguimos nova promessa: Chico Xavier iria jantar em casa de uma irmã, no bairro da Graça.

Será preciso dizer que fomos interromper o jantar da família Xavier?

Agora Chico Xavier coloca-se à nossa disposição. Os primeiros receios dissiparam-se; lográmos conquistar-lhe a confiança maior e ele atende-nos com solicitude:

— Que fenômeno se opera em você quando recebe uma mensagem?

— E' como si aplicassem no meu cotovelo direito um aparelho elétrico com dispositivo automático. Não sou eu quem escreve. Obedeço à força superior.

— E, enquanto escreve, está lendo o que sai do seu lápis?

— Não. Só leio depois.

— Quem é Emmanuel?

— Meu guia, um espírito muito esclarecido. Viveu, na Terra, ao tempo de Jesus Cristo. Depois, encarnou por várias vezes; de uma delas foi um sacerdote muito humanitário e puro. E' um espírito que já cumpriu seus deveres neste mundo e a ele eu devo tôda a felicidade dos meus trabalhos.

— Quantos livros já psicografou?

— Dezenove.

— Que acontece quando vai dedicar-se a um novo livro?

— Previamente sou advertido pelo meu guia que devei destinar uma ou duas horas, por noite, a esse serviço. Obedeço, simplesmente.

— Quanto tempo consome no recebimento de cada livro?

— Depende. "Renúncia" levou três a quatro meses. Outros não exigem mais de quinze dias a um mês.

— Sua função de "medium" limita-se a escrever automaticamente ou também "vê"?

— A princípio, eu "via" muito mais. Depois, fui aconselhado a aperfeiçoar minhas aptidões de psicógrafo. Mas também costumo ouvir.

— E como recebe essa "voz"? Longínqua? De perto?

— Com tôda a naturalidade, como estou ouvindo o senhor agora mesmo.

— Já "ouviu" o seu guia desde que estamos mantendo estas nossas conversas?

— Sim, já.

UM ANGULO DA SALA DE JANTAR, VENDO-SE, SOBRE A MESA, PACOTES DE CARTAS, LIVROS E JORNAIS QUE HAVIAM CHEGADO A PEDRO LEOPOLDO NA AUSENCIA DO DONO DA CASA. NA PAREDE, UM QUADRO: "DEUS ESTEJA NESTA CASA". UMA PEQUENA FOLHINHA COMERCIAL REPRODUZ UMA FRASE DO EVANGELHO.



CHICO XAVIER ESCRREVENDO A MENSAGEM DO GUIA EMMANUEL. ASSIM PERMANECIU DURANTE VINTE E OITO MINUTOS, RABISCANDO AS LAUDAS DE PAPEL QUE LHE ENTREGAVAMOS, SEM QUEBRA DE CONTINUIDADE, APENAS COM TRÊS RAPIDAS PAUSAS PARA EMENDAR, LINHAS ACIMA, QUALQUER PALAVRA.

NESTA S
AS SESS
BEM ELE
BANCOS

OUTRA CHAPA BATIDA QUANDO CHICO XAVIER, NO APOSENTO, FECHADO COM O NOSSO COM
EM RESPOSTA AOS CINCO QUESITOS QUE LHE HAVIAMOS APRESENTADO. O LAPIS COM QUE E
O "MEDIUM" ESCRIVE COM LETRA INTEIRAMENTE DIVERSA DAQUELA COM QUE NOS

— Que lhe diz o seu guia em relação ao "caso" da família Humberto de Campos?

— Ordenou-me que silenciasse e aguardasse o desenrolar dos acontecimentos.

— Mas por que Humberto de Campos não voltou a manifestar-se?

— Ignoro. Nunca invoquei seu espírito. Recebo as mensagens que por meu intermédio são transmitidas. Nada mais.

— E dos livros publicados, que compensação tem recebido?

— Nenhuma. Todos os direitos são imediatamente legados, por mim, a instituições de caridade. Não me pesa a consciência de ter ficado com um níquel sequer.

— Se alguém lhe pedir uma receita médica, atende?

— De modo algum. Não seria lícito e não o faço, além de que, meu guia não interfere nesse propósito.

— Seria possível ouvir, por seu intermédio, o seu guia Emmanuel?

Chico Xavier não respondeu prontamente. Mas, como insistíssemos, e depois de ter desviado o assunto, de inesperado pediu-nos que redigíssemos cinco perguntas. Ia tentar satisfazer-nos.

E foi realmente nessa noite, após a refeição modesta da família, que conseguimos o objetivo culminante do nosso serviço. Francisco Candido Xavier fechou-se, em nossa companhia, em um aposento. Sentámo-nos a seu lado, em uma pequena mesa, munidos de três folhas de papel com o timbre do hotel em que estávamos hospedados, o "Hotel Metrópole". Preconcebidamente, redigimos as perguntas focalizando assuntos distintos, não apenas o que diz respeito a Humberto de Campos, de vez que em relação a esse Chico Xavier poderia estar mais preparado para responder por conta própria. Exercíamos uma função de reportagem, apenas. Nosso espírito de observação estava, portanto, adrede prevenido. Chico Xavier disse-nos que podíamos perguntar por escrito. As cinco consultas foram redigidas, a lapis, em laudas de papel avulso que leváramos da redação, destinando as folhas do hotel para as respostas.

PRIMEIRA PERGUNTA

— SOU UM LEIGO EM ESPIRITISMO. QUE PONTO DE REFERÊNCIA PODERIA DAR-ME PARA ACREDITAR?

RESPOSTA: — Meu amigo, compreendemos a sua fome de verdade e louvamos o propósito honesto de seu coração. Entretanto, não somos daqueles que pretendem a imposição da crença que deve ser pura e espontânea. Além disso, consideramos que o legítimo ponto de referência, nesse particular, é a própria consciência. Continue trabalhando no terreno das convicções novas, entendendo, como é justo, que a curiosidade, por mais respeitável, não pode substituir o serviço metódico. A ação persistente atingirá sempre o objetivo justo, como a dúvida honesta alcançará um dia o castelo da certeza.

SEGUNDA PERGUNTA

— NESSE CASO DE HUMBERTO DE CAMPOS, POR QUE MOTIVO FOI ORDENADO A FRANCISCO CANDIDO XAVIER QUE SE CONSERVASSE EM SILÊNCIO? NÃO É ESTE O MOMENTO OPORTUNO PARA DEMONSTRAR A EXISTÊNCIA DO FENÔMENO?

RESPOSTA: — Humberto de Campos nunca foi coagido a fornecer mensagens de além-túmulo, nem é obrigado a silenciar no momento. Espírito consciente de si mesmo e livre em suas ações, terá motivos particulares para manter-se à margem da celeuma levantada em torno da tarefa missionária a que se consagrou voluntariamente no plano espiritual. Quanto ao medium, é natural que se mantenha em expectativa guardando a prudência necessária. Questão de responsabilidade moral, a que não deve ser inteso. Há uma ação judicial e devemos aguardar a manifestação dos missionários do direito encarregados da solução do processo comum. Relativamente a demonstrações, preferimos acreditar que o fenômeno não atende às necessidades do homem interior. Pode incentivar a pesquisa e adiar llações indefinidamente, mas não sacia a sede do coração. Que fenômeno maior que o da vinda de Jesus aos círculos escuros da terra? Entretanto as criaturas ainda esperam pela visão do entendimento espiritual.

TERCEIRA PERGUNTA

— QUE DESTINO ESTÁ TRAÇADO AO MUNDO, DEPOIS DESTA GUERRA TÃO TRÁGICA?

RESPOSTA: — Ninguém pode meditar no futuro da Terra esperando por enquanto a concórdia universal, com verdadeira confiança. A humanidade debater-se-á, por muito tempo ainda, nas trevas da incompreensão a que se prendeu, imprevidentemente. Não será lícito aguardar a paz sem os espíritos desarmados. Os fenômenos do ódio internacional, os desvarios das coletividades, as perturbações políticas oriundas da autarquia econômica continuarão a fermentar no espírito moderno as disposições destruidoras da guerra. O armamentismo suceder-se-á ao armamentismo, até que o homem espiritual possa estabelecer o seu domínio sobre o homem físico, singularmente desequilibrado pela ambição. E' nesse sentido, preparando os valores religiosos da nova era, que os espíritos do Senhor espalham na terra as suas mensagens de esperança. As igrejas dogmáticas dormem à sombra de tradições teológicas, enquanto o mundo novo caminha para a frente, a passos de gigante. E' necessário despertar a nova visão de Deus no espírito popular, semear a confiança na providência para que o pão terrestre seja menos amargo ao coração, porque dia virá em que as escolas religiosas serão chamadas à conta justa e é indispensável preparar-lhes a garantia espiritual, embora o sacerdócio organizado em bases essencialmente convencionais e políticas, persista, em sua maioria, no desconhecimento de nossa missão. A paz do mundo, porém, virá com o reino de Jesus e, não obstante as dores deste século, devemos cooperar pelo seu estabelecimento definitivo no porvir.

ALAM OS JU
TERATURA DE
DE

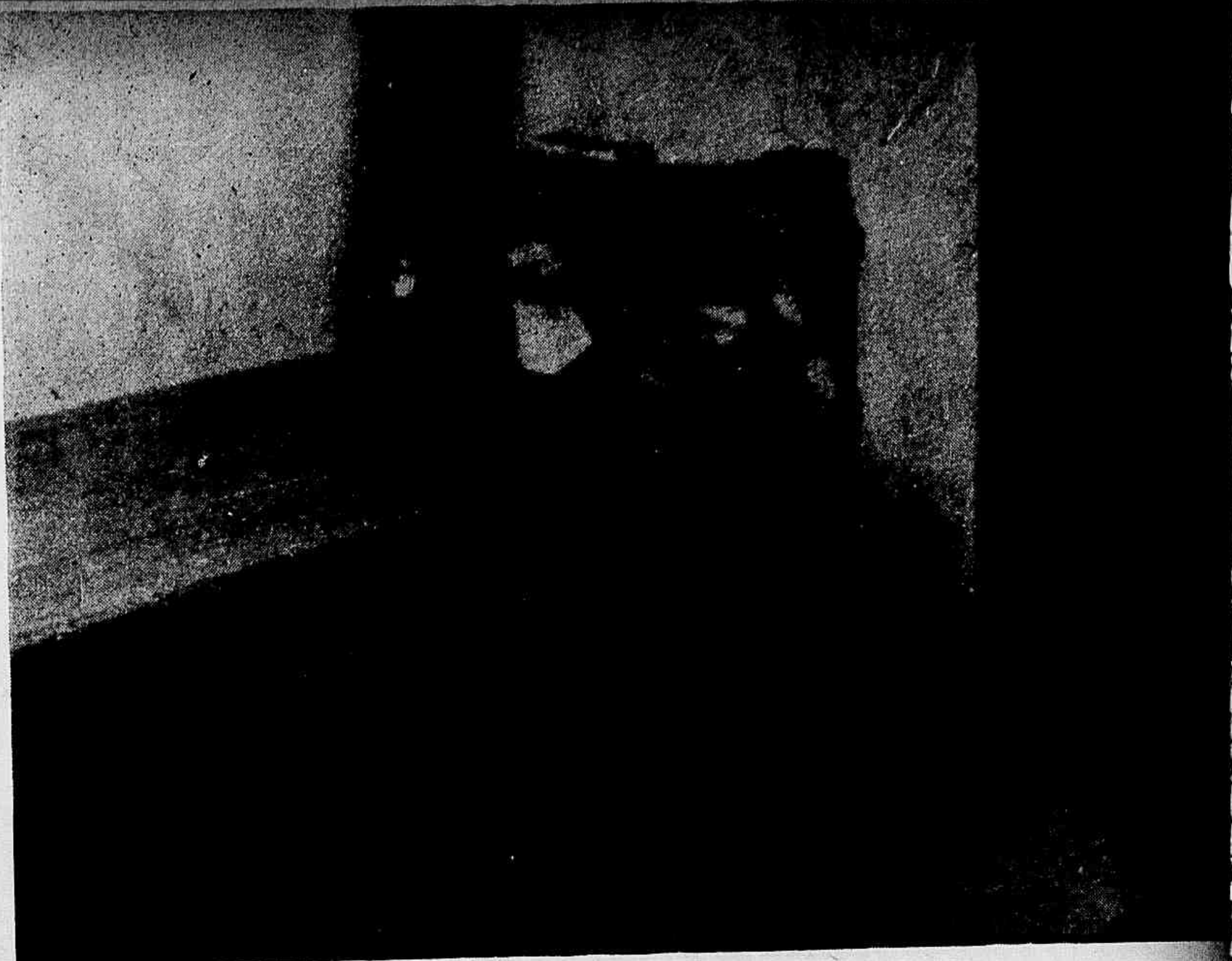
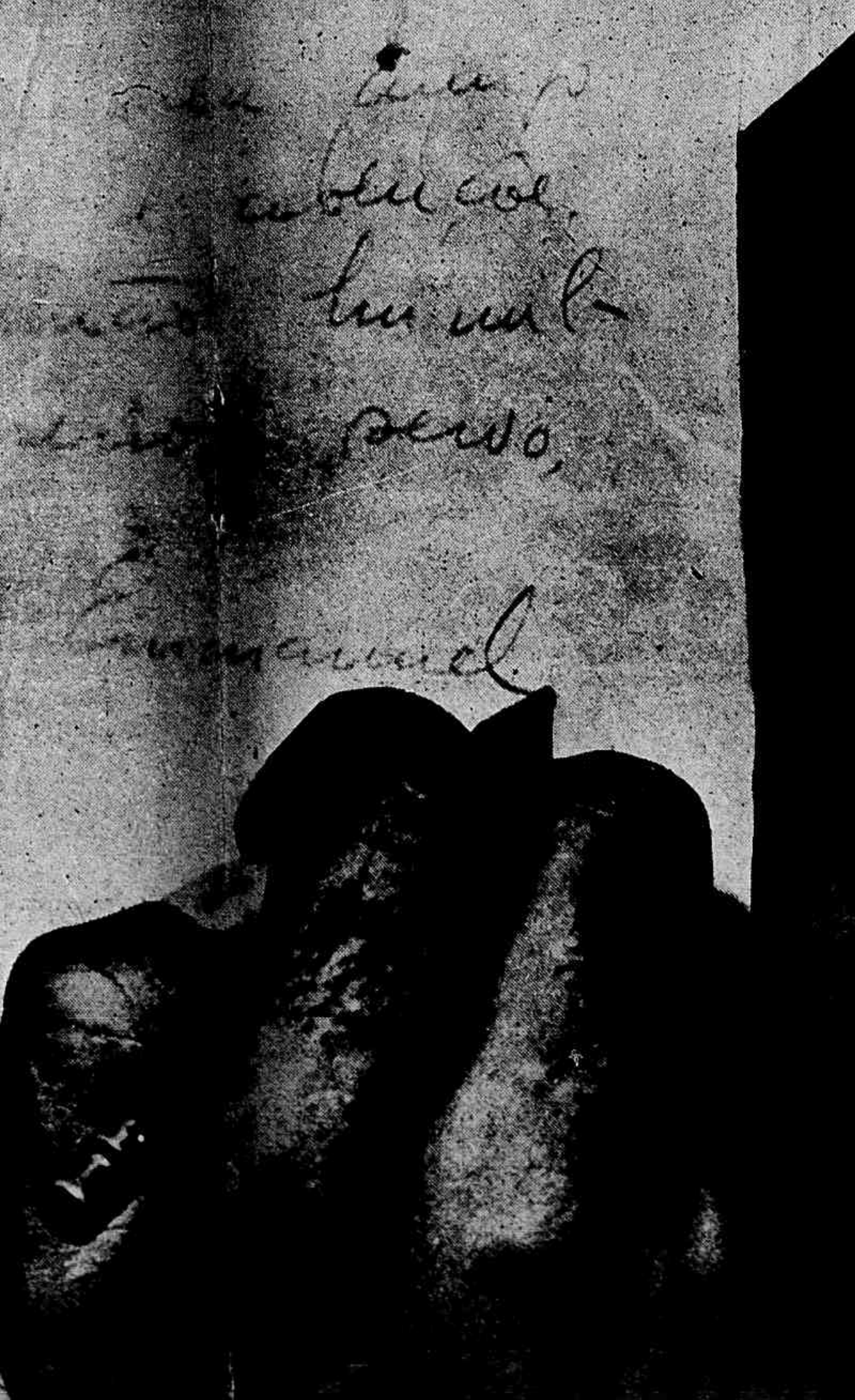
EL. AS-
SCANDO
EBRA DE
A EMEN-

NESTA SALA, DA RESIDENCIA EM PEDRO LEOPOLDO, REALIZAM-SE AS SESSÕES PROMOVIDAS PELO "MEDIUM" EM QUESTÃO. AQUI TAMBÉM ÉLE "RECEBE" OS LIVROS DO ALÉM. UMA MESA DE PINHO, DOIS BANCOS CORRIDOS E UMA ESTANTE IMPROVISADA, REPLETA DE LIVROS E PAPEIS AVULSOS, SEM SELEÇÃO.

O APOSENTO, FECHADO COM O NOSSO COMPANHEIRO, RECEBIA A MENSAGEM DE EMMANUEL VIAMOS APRESENTADO. O LAPIS COM QUE ESCRIVE É O MESMO QUE REDIGIU AS PERGUNTAS. TE DIVERSA DAQUELA COM QUE NOS OFERECERA, HORAS ANTES, UM SEU AUTOGRAFO.

OS JURISTAS
DE ALEM-TUMULO
DE CAMPOS

ÚZA



QUARTA PERGUNTA

— NÃO TERÁ HAVIDO MODIFICAÇÃO NO ESTILO DA LITERATURA DE HUMBERTO DE CAMPOS, DEPOIS DA SUA MORTE?

RESPOSTA: — Naturalmente. O "estilo é o homem-espírito". O observador mais avisado verificaria, mesmo aí no mundo, diferenças essenciais entre o jornalista moço e o escritor amadurecido. Entre o Conselheiro XX e o grande acadêmico, há singular distância na apreensão dos problemas da vida. Ora, a morte do corpo alarga a paisagem que se universaliza ao infinito.

QUINTA PERGUNTA

— QUALQUER ESPÍRITO PODE DITAR O QUE PENSA OU SÓ OS PRIVILEGIADOS? E, NESSE CASO, OS INTELECTUAIS SÃO TODOS PRIVILEGIADOS?

RESPOSTA: — Não somente os intelectuais podem falar para os que ficaram. Logicamente aparecem com mais frequência nos cartazes da publicidade doutrinária, pelas características da missão que lhes foi conferida no campo do pensamento. Bastaria multiplicar visitas, através das organizações espíritistas, a serviço do esclarecimento, para constatar a existência dos milhares de desencarnados, a se comunicarem com os homens, transmitindo-lhes suas impressões penosas ou felizes. É outro problema de observação e verificação pessoal.

A mensagem veio assinada: "Emmanuel". Após, uma frase foi ainda endereçada por Emmanuel ao reporter — e Francisco Candido Xavier posou o lapis. Esregou ligeiramente os olhos. Haviam transcorrido, a rigor, vinte e oito minutos. Não estremeceu, não gemeu, não bateu com os pés, nem exteriormente pudemos admitir que tivesse ficado "em transe". Apenas, escreveu com letra muito diferente da assinatura que, à tarde, havia aposto em uma folha de papel, enquanto o fotógrafo, na Exposição, batia a primeira chapa.

Outra observação: depois de redigirmos as cinco perguntas, procedemos à leitura das mesmas, de uma assentada, em voz alta. E os papéis ficaram em nosso poder, "distradamente". No transcurso do tempo consumido por Chico Xavier para escrever, não releu o que havíamos consultado. As três folhas de papel com timbre do hotel, que lhe deixamos sobre a mesa, cobriram-se em ambas as faces e, para não interromper o serviço, nós lhe chegávamos outras laudas avulsas, inclusive o reverso de algumas em que se continham as nossas perguntas. Por quatro vezes fez correções, substituindo "coração popular" por "espírito popular", "dominação" por "ambição", "fenômenos" por "demonstrações", e "contemplar" por "meditar", como qualquer um de nós ao aperfeiçoar o estilo. Na primeira pergunta acrescentou um "legítimo" quando se refere ao "ponto de

referência". As três correções foram feitas sem quebrar a continuidade da escrita, parando-a de súbito, emendando, linhas acima, e prosseguindo sem ralar. O acréscimo da palavra "legítimo" ocorreu quando a mensagem estava terminada. De súbito, Chico Xavier disse-nos apontando os papéis misturados, já em nossas mãos:

— Espere... Estou ouvindo Emmanuel dizer para acrescentar a palavra "legítimo"... Aí, logo no princípio... E como não encontrássemos facilmente a folha em questão:

— Com licença. É esta aqui. Veja aí no meio da página...

Verificámos. A folha era a tal. A linha, a décima-primeira num total de vinte e quatro rabiscadas na mesma página.

Depois, voltámos ao convívio da família. Conversámos ainda por muito tempo. Agora, o datilógrafo e copista da Secretaria da Agricultura, humilde diarista, por contrato, extranumerário, percebendo menos de quinhentos cruzeros mensais, convidava-nos a visitar, na manhã seguinte, a casa que os espíritos lhe ofertaram em Pedro Leopoldo. Folheava os jornais e revistas que leváramos do Rio. Sempre humilde, sempre se furtando a falar muito d'ele mesmo.

E quando nos despedimos, surpreendeu-nos com um pedido de desculpas por não ter correspondido ainda melhor aos nossos desejos.

E beijou a mão do reporter...

EM PEDRO LEOPOLDO

Chico Xavier não nos acompanhou na viagem a Pedro Leopoldo, empreendida na madrugada seguinte. Seus afares na Exposição ali o prendiam. Ao ocuparmos nosso lugar no ônibus, um cavaleiro, de lado, metido no seu capote, de gola alta, sussurrou-nos:

— Treze, hein? Não viajava nesse lugar nem por um decreto...

Mas nenhum acidente ocorreu. A viagem fez-se, agradável, por duas horas e pouco, quando saltámos bem no centro da simpática cidade. Entrámos no primeiro bar, vizinho à igreja da matriz:

— O senhor conhece Chico Xavier?

O rapaz assustou-se:

— Conheço, sim. Mas, si também quer saber coisas a respeito d'ele, perde o tempo. Só lhe posso dizer que é queridíssimo de toda a gente neste lugar. Trabalhador. Amigo da família. Mais nada.

— Sabe onde mora?

— Ali perto, na rua São Sebastião.

— Que número?

— Ah, isso não se usa. O senhor encontra logo, perguntando.

Encontrámos, realmente. Embora nas fotografias essa casa dê a idéia de uma construção aparatosa, dela só impressiona agradavelmente a fachada; de resto, vista de

Belo Horizonte.

Meu amigo, compreendo
de novo a sua forma
de verdade e louvamos
o propósito honesto de seu
coração. Entretanto, não so-
mos daqueles que preten-
dem a imposição da
crença que deve ser
pura e espontânea. Além
disso, consideramos que
o legítimo da referência, no

A PRIMEIRA PAGINA REDIGIDA POR CHICO XAVIER, NO PAPEL TIMBRADO DO HOTEL EM QUE SE HOSPEDOU O NOSSO COMPANHEIRO. NA DÉCIMA-PRIMEIRA LINHA, PODE VERIFICAR-SE O ACRESCIMO DA PALAVRA "LEGÍTIMO" FEITO APÓS TERMINADA A PSICOGRAFIA.

Francisco Candido Xavier

AQUI ESTÁ A LETRA DE CHICO XAVIER NO AUTOGRAFO QUE NOS FORNECEU, HORAS ANTES DE RECEBER A MENSAGEM DE EMMANUEL. ESSE AUTOGRAFO FOI ESCRITO A TINTA, ENQUANTO AS RESPOSTAS O FORAM A LAPIS-TINTA. OS INTERESSADOS PODEM CONFRONTAR A CALIGRAFIA.

OUTRO DETALHE DA MENSAGEM, ESTA REFERENTE À TERCEIRA PERGUNTA. A PALAVRA "CONTEMPLAR" FOI SUBSTITUÍDA POR "MEDITAR". O ACRESCIMO "POR ENQUANTO", EMBORA ORDENADO POR CHICO XAVIER, FOI FEITO COM A LETRA DO NOSSO COMPANHEIRO, A SEU RÔDO.

perto, muito aquém do efeito fotográfico. No interior, tudo humilde, bastante pobre. Um velho cachorro, de quase vinte anos, descadeirado e de olhar amortecido, recebe-nos com indiferença. Dos fundos, chega-nos um agradável fio de voz feminina, cantarolando. Batemos palmas. A voz silencia. Passos. A porta entreabre-se. Uma jovem recebe-nos com reservas, mesmo depois de dizermos que ali estávamos por determinação do dono da casa. Chama alguém, do interior. Aparece outra mocinha. Entreolham-se, trocam palavras em voz baixa e resolvem permitir que entremos, nós e o fotógrafo. Somos acompanhados pelo cão descadeirado e modorrento. Lembramo-nos, incidentalmente, das medidas postas em prática aqui no Rio, contra os cães vadios.

Logo após, um ancião dá entrada, vindo da rua. É o sr. João Candido Xavier, setuagenário, pai de Chico Xavier, vendedor ambulante de bilhetes de loteria. As moças, Lucília e Cidália, são irmãs do "medium". Surgem os primeiros rostinhos de crianças amedrontadas, pálidas. São sobrinhas do Chico Xavier. Lá dentro está uma das cunhadas viúva, entregue aos arranjos da cozinha. A outra, trabalha na fábrica. Colhemos pormenores. Algumas crianças encontram-se no colégio, outras ocultaram-se envergonhadas. O velho João Candido fala-nos do filho com ternura:

— Esse rapaz mata-se de serviço... Não sei para que... Quando está em casa só vai dormir madrugada alta, depois que minha filha volta do trabalho. Ela faz serão, na fábrica. E quando viaja, como acontece agora, manda-nos tudo que recebe. Nem sei como vive...

Percorremos as dependências da casa pobre. Dois dormitórios modestos. Onde está o gabinete de trabalho? Não tem. Num "puxado" do prédio, abrem-nos uma porta tósca e apontam-nos o interior:

— É aqui que ele trabalha. Nesta mesa escreve. Sentase neste banco. E aqui também se realizam as sessões...

Não há um quadro na parede. Apenas uma grande mesa de pinho, dois bancos corridos e uma estante improvisada, de caixote, transbordante de livros.

— E as obras de Chico Xavier? Onde as guarda?

— Não guarda — responde Lucília. De cada livro recebe dois ou três exemplares, que dá aos amigos.

— Correspondência, muita?

— Bastante. Agora mesmo, como não tem vindo em casa há duas semanas, guardámos esta que aqui está...

Cidália, Lucília e duas crianças trazem montes de cartas, de pacotes com livros, de jornais e revistas. Examinámos os carimbos. De Belo Horizonte, do Rio, de São Paulo, do interior de Minas, de outros Estados. Um ou dois selos estrangeiros.

— Ele responde a tudo?

— Sempre que tem tempo. Passa noites em claro. Não deixa carta sem resposta. Quando está "recebendo" algum livro, a correspondência atrasa... Mas ninguém tem o direito de abrir coisa alguma...

— E presentes? Recebe?

É o pai quem nos satisfaz na resposta:

— As vezes. Ainda não faz muito tempo, chegou um embrulho grande, com roupas de agasalho. Até cobertores, imagine!... E nós bem que precisamos. As pequenas ficaram satisfeitas... O inverno estava para chegar...

Lucília interrompe:

— É, mas quando o Chico chegou, de noite, abriu o embrulho, viu as roupas... mandou que na manhã seguinte fôsse tudo para fora de casa. Deu por aí... Faz sempre assim. Não fica com um níquel. Si recebe, passa adiante.

Pedimos licença para bater uma chapa da correspondência. As moças titubeiam. Muitas vezes têm tido a casa invadida por gente estranha, inclusive de jornal, que rebusca tudo, abre gavetas, e escancara portas...

— Foi preciso pôr fechadura nas portas... Coisa que nunca se tinha usado aqui em casa. Também, não há nada para carregar, não é?

Damos por terminada a visita. O velho João Candido sai para continuar a sua peregrinação, de bilhetes em punho. A cunhada cozinheira furtou-se a sair no grupo. As crianças espalham-se pelo terreiro. Umas, choram. Outras, riem. E nós voltámos para a praça, onde novas interpelações aos habitantes de Pedro Leopoldo, e aos negociantes, de nada adiantam. A resposta é invariável:

— Chico Xavier? Um ótimo rapaz... Bom filho... Bom irmão... Tudo que ganha dá para a família...

— Espiritismo? Não sabemos, não... Sessões espíritas? Não sabemos...

Ninguém pode contestar
a fé da Vera
esperando ^{por enquanto} a concordância
verbal, com a verdade
humana. A humanidade
está se preparando para
uma revolução, nas suas
concepções a que
jornal deu um precedente
muito hácia a luz da água

No ônibus, que volta de Sete Lagoas, ocupamos o nosso lugar. O condutor reconhece-nos e sorri. Aponta-nos o número do banco: 13...

Mas aínda dessa vez nada aconteceu de anormal. Ou si aconteceu foi apenas tudo isso que vimos de relatar, sem comentários, sem "parti-pris", sem aumentar nem restringir, num simples "report" para informação dos leitores.

CONCLUSÕES

Quem é Chico Xavier? Um místico? Um mensageiro do além-túmulo? Um embustreiro? Um bom? Um mau?

Que o julquem terceiros. Não nos cabe fazê-lo. Tanto quanto nos foi possível apurar nos quatro encontros mantidos com êle, quinta e sexta-feira, 6 e 7 de Julho, afigurou-se-nos um homem pobre, trabalhador, perfeitamente crédulo, de instrução relativa, exercendo um emprego modesto. Um homem que veio ao Rio prestar concurso para modesto lugar público e foi reprovado. Mas que diante de nós, fechado conosco no mesmo aposento, teve a faculdade de responder com extraordinária presteza, correntemente, sem pausas nem meditações, às cinco consultas divulgadas nesta reportagem. Como as respondeu? Por processos sobrenaturais? Apenas por êle próprio? Não sabemos. Mas,

maior valor que Chico Xavier recebeu, "Parnaso de Além-Túmulo" e "Paulo e Estêvão" são as obras primas que garantirão a êsse extraordinário médium a admiração e o respeito que êle merece, como um dos maiores do mundo.

O sr. Ismael, a princípio, alegara que nada tinha a acrescentar às palavras autorizadas de seus colegas espíritos, que já haviam dito tudo o que era necessário sobre o caso das obras póstumas de Humberto de Campos. Entretanto, mal conseguimos vencer a sua modéstia, êle nos revelou que é admirador de Humberto de Campos desde os tempos anteriores à "desencarnação" do ilustre maranhense. Conhece, portanto, a fundo, a obra do autor de "Memórias Inacabadas".

— Sou suspeito, muito suspeito, para falar.

— Queríamos, apesar disso, a sua opinião.

Ante a nossa insistência, êle cedeu.

— Comparando as obras passadas com as presentes, encontramos, não há dúvida, pequenas diferenças, porém estas resultam da evolução natural que sofreu o seu caráter. O escritor vivo de ontem cuidava mais dos pormenores, da lapidação da frase, da finura do dito, e muito menos das consequências das idéias. Não presidia à obra o critério de construir o bem, de edificar a harmonia, de traçar normas de conduta. Lindo, encantador, fino, atraente,

mões, Milton, Castilho, Dante, Cervantes, Tolstoi e Pushkin continuam em tumular silêncio. Si é pastiche o escrito mediúnico, por que nenhum médium inglês até hoje produziu poema de Shakespeare? Por que não aparece Camões no Parnaso de Além-Túmulo? Por que os romances recebidos por Geraldine Cummings e Francisco Candido Xavier não veem assinados com nomes de romancistas conhecidos da Inglaterra e do Brasil?

Faz pouco tempo um brilhante escrito patricio disse-nos que pretende deixar lavrado um protesto judicial preventivo para que depois de sua morte não possam ser publicados novos livros com seu ilustre nome...

— E êsse nome tão conhecido é...?

— Para que citar nomes? Não quero acusar ninguém... Porém direi ao nosso glorioso patricio que fique tranquilo, porque talvez o seu nome desapareça para sempre com a morte, como o de tantos outros...

— O senhor acha que êle mudará de opinião, depois de morto?

— Sem dúvida. Talvez mesmo antes da crise da morte.

— As obras de Francisco Xavier...

— Deixe-me fazer-lhe aqui uma profecia fácil. Assim como ainda hoje se estuda o sânscrito para ler os "Vedas"

ALÉM DAS CINCO RESPOSTAS PRONTAMENTE OBTIDAS, EMMANUEL "MANDOU", POR INTERMÉDIO DE CHICO XAVIER, ESTE BILHETE PARA CELESTINO SILVEIRA: "QUE DEUS, MEU AMIGO, O PROTEJA E ABENÇOE. SEU IRMÃO HUMILDE E MENOR SERVO, — EMMANUEL".

Que Deus, meu amigo,
o proteja e abençoe.
Seu irmão humilde
de e menor servo,
Emmanuel

si êsse Chico Xavier tão discutido pode opinar com tanta facilidade e presteza sobre assuntos tão discutidos, e o faz em bom estilo, então, senhores, na pior hipótese, êle sabe pensar... e escrever.

Manda a verdade declararmos, porém, que, por maiores os esforços empregados de nossa parte, coisa alguma nos levou a admitir que se aproveite materialmente, ao menos, das acusações imputadas.

O resto foge à nossa alçada. Resolvam-no os mestres, os juizes ou quem for. Nós voltámos de Belo Horizonte sem ter encontrado o fio da meada. Conscientes, embora, de termos deparado com um indivíduo bem intencionado.

FALA O PRESIDENTE DA HORA ESPÍRITA RADIOFÔNICA
— HUMBERTO DE CAMPOS NÃO É UM SUCESSO DE LIVRARIA — INSUSTENTÁVEL A HIPÓTESE DO PASTICHE — MEDIDAS PREVENTIVAS — OS AGRADECIMENTOS DOS ESPÍRITAS À VIÓVA HUMBERTO DE CAMPOS

— As obras de Humberto de Campos não são as mais lidas entre as psicografadas por Francisco Candido Xavier, declara o sr. Ismael Gomes Braga, presidente da Hora Espírita Radiofônica. E prossegue: nem são, tampouco, as de

mas nem sempre construtivo era o Humberto de Campos da Academia. Era grande, mas poderia ter sido ainda maior. E vai se tornando, hoje, maior. Em plena madureza nos reaparece êle nos livros mediúnicos. A riqueza de idéias é a mesma mas a orientação está melhor definida, é sempre construtiva. Não escreve para mostrar lindas frases, mas para corrigir defeitos, indicar caminhos, apontar alvos, estabelecer normas de conduta, sempre com finalidade superior para o indivíduo e para a Pátria. Não é um frasista. Não é um filósofo. Não é passatempo, é ensinamento. Não nos diverte com os nossos defeitos, ensina-nos a corrigi-los. Perdeu, por isso, a personalidade? Não; melhorou muito. São outros os seus caminhos? Não; são os mesmos, mas traçados com outra finalidade. Outros chegarão a resultados diferentes dos nossos — meu e de todos os espíritos

— no estudo comparativo das duas fases. Cada um tem que julgar por si mesmo e chegar às suas conclusões pessoais, para seu uso pessoal. É só isso que podemos desejar: que todos estudem os livros de Humberto e concluam por si mesmos.

— Que diz o senhor da hipótese do pastiche como explicação dos escritos mediúnicos?

— Quantos grandes escritores nunca deram uma página mediúnica! Medeiros e Albuquerque, Longfellow, Ca-

no original e o hebraico para ler os antigos profetas de Israel, obras tôdas essencialmente mediúnicas, assim também, daqui a três mil anos, hão de estudar português para ler e meditar no original as obras de Francisco Candido Xavier. De todos os nomes que aparecem nos frontispícios dos livros em nossos dias, no Brasil, o único que vencerá os milênios é o dêsse humilde enviado de Deus à terra. Por que? Simplesmente porque uma parte grande de seus contemporâneos aceita como revelação divina, como livros sagrados, como partes da Bíblia os seus escritos.

— O senhor acha, então, que êsses livros têm o valor de verdadeiras palavras de profeta?

— Sim. E os processos judiciais não hão de matar, mas sim de eternizar os livros maravilhosos recebidos pelo lapis de Francisco Candido Xavier e outros grandes médiuns dos nossos dias. A perseguição e a morte dada aos profetas e a Jesus não mataram, ao contrário perpetuaram as suas palavras.

— Que pensa o senhor da atitude da família Humberto de Campos?

Nosso entrevistado não hesitou, não parou para medir as palavras.

— A propaganda que nós não fizemos em três anos a senhora Humberto de Campos fez para nós em três meses.

Em seguida, mostrou-nos as cartas de seu tio que tinha nas mãos. Eram em versos.

— Tal como quase sempre me escrevia... Em versos... Detalhes íntimos que Francisco não poderia conhecer, pequenas particularidades, como escrever certas palavras com letra maiúscula... Assombroso. Assombroso e Incontestável.

Falou mais um espírito sobre o assunto. O requerimento da família Humberto de Campos já foi encaminhado. Dentro em breve o caso será julgado. Que acontecerá, então? Serão consideradas autênticas as obras póstumas de Humberto de Campos, ou não? Por enquanto essa pergunta não pode ser respondida.

A BIOGRAFIA DE CHICO XAVIER CONTADA POR ELE MESMO

No prefácio de "Parnaso de Além-Túmulo", encontramos esta auto-biografia do medium de Pedro Leopoldo:

"PALAVRAS MINHAS

Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades, mesmo de sofrimentos.

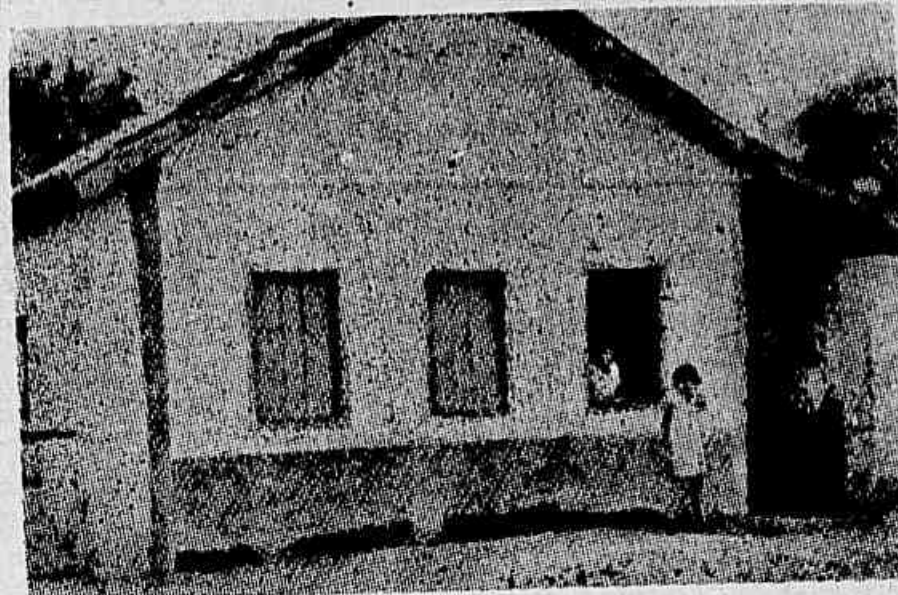
Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor há muito que já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas, neste mundo.

E, se decidí escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor quanto à sua formação.

Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente, a melhor boa vontade animou-me para o estudo. Mas, estudar como? Matriculando-me, quando contava oito anos em um grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia, trabalhando em uma fábrica de tecidos das quinze horas às duas da manhã; cheguei quase a adoecer com um regime tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da atualidade.

Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. É verdade que em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores prediletos; aprezem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros,



A CASA ANTIGA ONDE RESIDIA A FAMÍLIA XAVIER. NO MESMO TERRENO FOI CONSTRUÍDO O PRÉDIO CUJA ILUSTRAÇÃO DAMOS EM OUTRO LOCAL DESTA REPORTAGEM.

por diferenciar muito pouco essas questões. Também o meio em que tenho vivido foi sempre árido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu, com uma vida de múltiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu ocasião de conviver com os intelectuais da minha terra.

O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura: ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras.

Assim tem-se passado os dias sem que eu tenha podido, até hoje, realizar as minhas esperanças.

Prosseguindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha família era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui pois criado com as teorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor, desde os tempos de criança, quando ia às aulas de catecismo era para mim um prazer.

Até 1927, todos nós não admitíamos outras verdades além das proclamadas pelo catolicismo; mas, eis que uma das minhas irmãs, em Maio do ano referido, foi acometida de terrível obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora, sequer. Vários dias consecutivos foram para nossa casa horas de amargos padecimentos morais. Foi quando decidimos solicitar o auxílio de um distinto amigo, espírito convicto, o sr. José Herminio Peracio, que caridosamente prontificou-se a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discípulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residência, bem distante da nossa, junto à sua família, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ela estudar as bases da doutrina espírita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. Ai, sob os seus caridosos cuidados e da sua exma. esposa D. Carmen Pena Peracio, medium dotada de raras faculdades, minha irmã hauria, para nosso benefício, os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutares, por intermédio da esposa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa

(Continúa na página 54)

O SR. JOÃO CANDIDO XAVIER, PAI DO "MEDIUM", Á PORTA DE CASA, EM PEDRO LEOPOLDO, RECOMEÇANDO O SEU GIRO NA VENDA DE BILHETES DE LOTERIA, DIZ-NOS: — "BEM, VOU ANDANDO, SI QUIZER ALGUMA COISA É SÓ DISPOR, A CASA É SUA..."

Asseguro-lhe que os espíritos lhe ficaram muito gratos por isso. Nós não queremos mistério, nem coisas escondidas. Agimos abertamente e convidamos todos a discutir a nossa doutrina. Queremos, somente, que estudem o espiritismo. Porque eu creio que, uma vez que uma pessoa comece a estudar o espiritismo, com isenção de ânimo, não poderá deixar de aceitá-lo como verdadeiro. E a quem nos vem com o velho argumento da imitação, da charlatanice, responderei com o "Parnaso de Além-Túmulo"; é irresponsável, sobretudo para os que viram, como eu, a maneira pela qual Chico Xavier recebe os versos. Até a ortografia do espírito ele conserva, como no caso de meu tio. Chico usa, para escrever as mensagens dele, a ortografia que a pessoa usava!

O SR. ISMAEL GOMES BRAGA, PRESIDENTE DA HORA ESPÍRITA RÁDIOFÔNICA QUANDO FALAVA AO NOSSO REPÓRTER.

CIDALIA E LUCILIA, IRMÃS SOLTEIRAS DE CHICO XAVIER, INCUMBIDAS DOS ARRANJOS DA CASA, E QUATRO SOBRINHOS DO "MEDIUM". FOTO BATIDA NO TERREIRO DA RESIDÊNCIA EM PEDRO LEOPOLDO.





DE SÃO PAULO

O DR. ROBERTO SIMONSEN FOI AGRACIADO PELO GOVERNO DO CHILE

No dia 21 do ultimo mês, em sessão solene realizada na sede da Federação das Industrias, o sr. embaixador Gonzalez Videla fez entrega ao sr. Roberto Simonsen da Comenda da Ordem do Mérito do Chile, com que o Governo do País amigo houve por bem recompensar a destacada atuação do industrial patricio no incremento das relações economicas e industriais entre o Chile e o Brasil. O homenageado, que ocupa os elevados cargos de presidente da Federação das Industrias e do Centro das Industrias do Estado de S. Paulo, sendo ainda membro do Conselho Nacional de Politica Industrial e Comercial, foi saudado pelo eminente embaixador, que acentuou o magnifico trabalho de aproximação dos dois povos posto em pratica pelo sr. Roberto Simonsen. Em resposta, o agraciado manifestou a sua gratidão pela elevada distinção que lhe fôra conferida. Ao ato compareceram numerosos representantes da industria, do comércio e das finanças de S. Paulo. A foto acima mostra a mesa que presidiu à reunião no momento em que falava o sr. Roberto Simonsen. A da direita é um flagrante da entrega da condecoração.



Lembra-se daquele dia?

(Continuação da pag. 17)

— Então eu vim tomar conta do meu lugar... Você estará por acaso apaixonado por outra mulher?

— Sim, por um linda moça que encontrei a bordo. Seu nome é Mariana.

— Enquanto for essa a minha unica rival, estarei tranquila...

— Madame; Quer visitar os meus humildes aposentos para podermos conversar mais à vontade?

— Pois não, cavalheiro.

— Ah! E' verdade! A proposito, a senhora deseja casar-se com este seu criado?

— Não posso?

— E' casada?

— Sim. Com um rapaz encantador. Chama-se Roberto Rios...

— Enquanto esse fôr o meu único rival estarei tranquilo...

O groom, mais tarde, disse ao porteiro:

— Aquele casal do 331 é meio maluco...

E o porteiro, com ar superior, replicou:

— Hum! Creio que não é bem loucura...

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA

Qual a sua Idade?

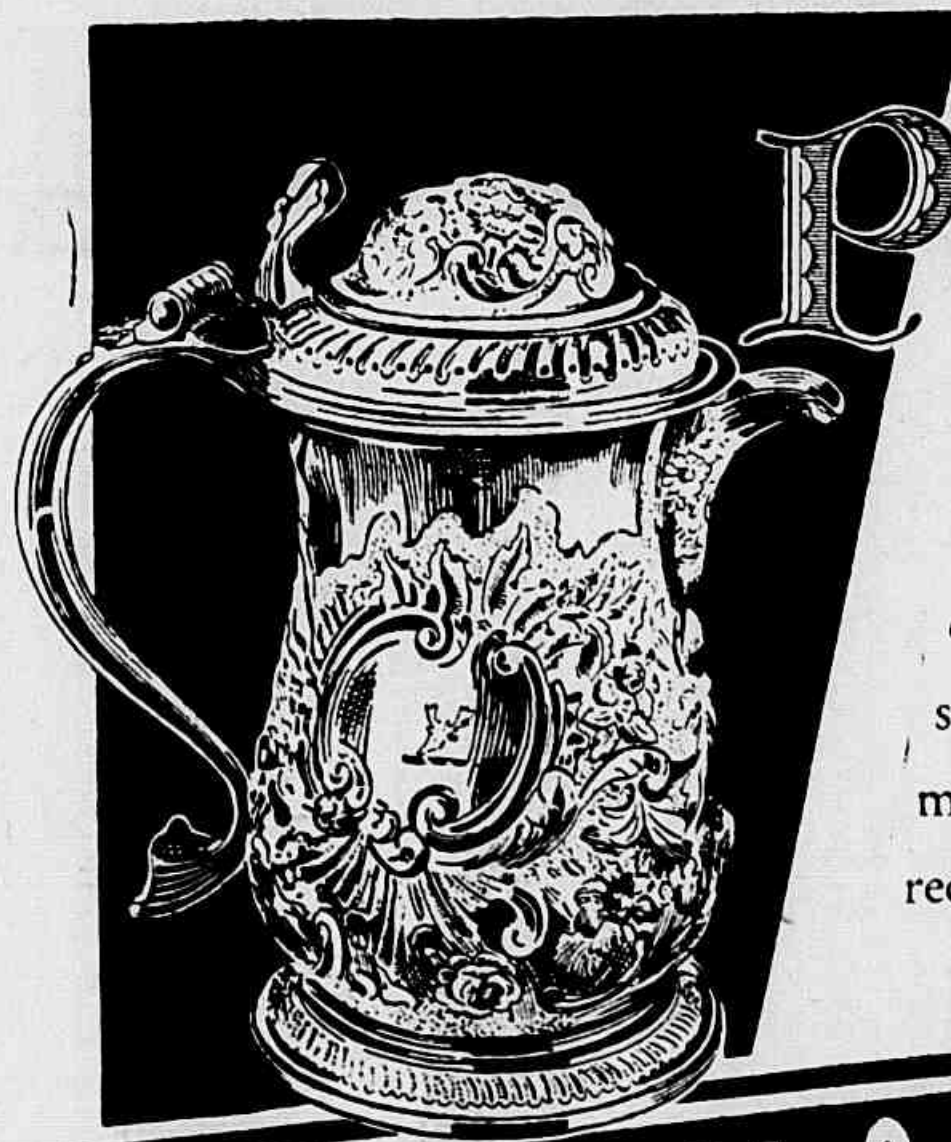
A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus proprios cabelos.... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opáco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cincoenta!...

Uma fricção diária com **TRICÓFERO DE BARRY**, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvicie.

Em todas as idades — da infancia á velhice — **TRICÓFERO DE BARRY** é recommendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY



Prata Antiga INGLÊSA

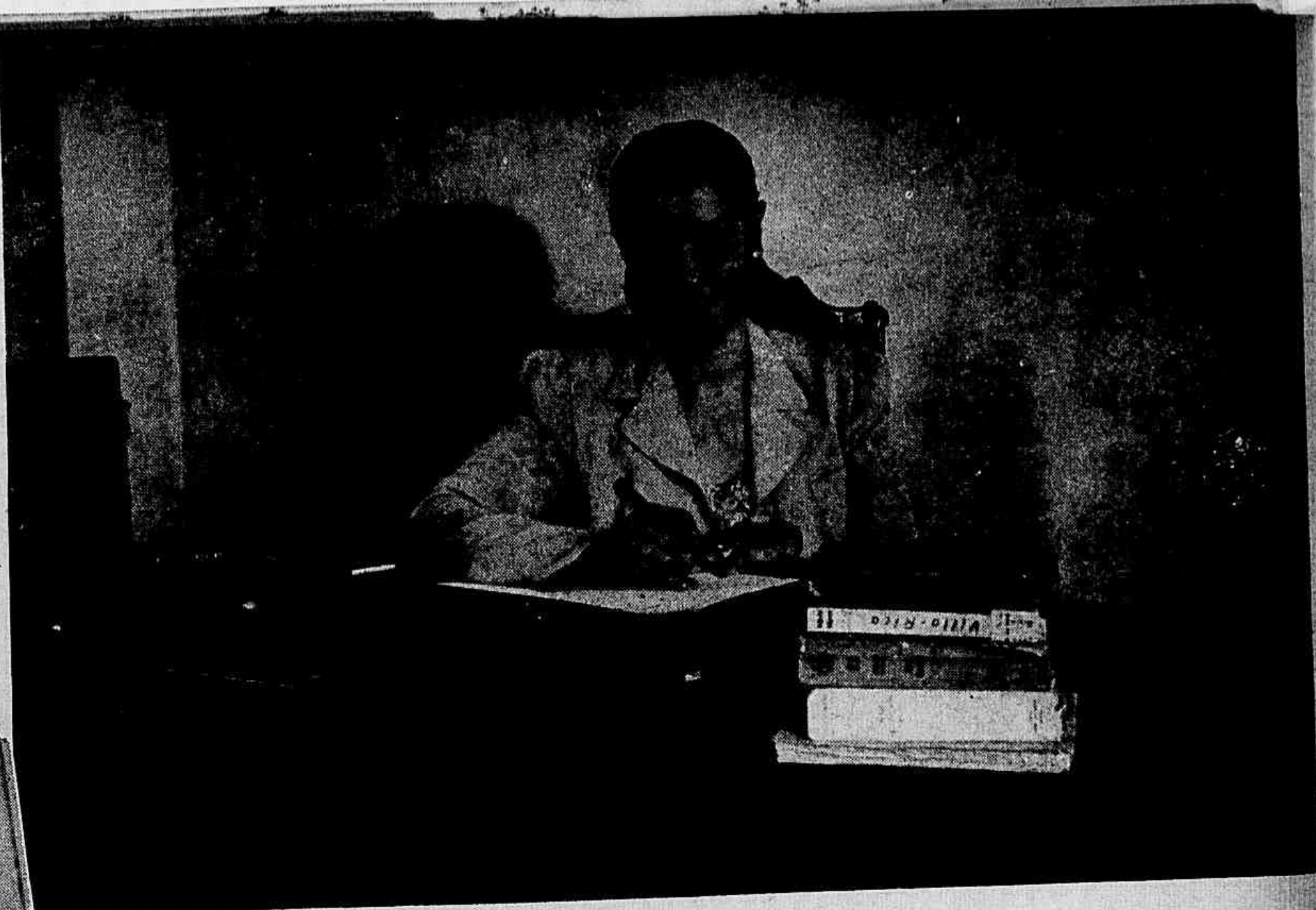
Aos apreciadores destas reliquias de arte, Mappin & Webb sugerem uma visita para examinar as magníficas peças recém-importadas.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO



A sra. Mercedes Silveira em três instantâneos para a REVISTA DA SEMANA. Na página imediata, em uma pose de estúdio.



A MULHER NA

"A MULHER BRASILEIRA NÃO ENVERGOU A FARDA DA DEFESA CIVIL OU O UNIFORME SIMBÓLICO DA CRUZ VERMELHA POR OSTENTAÇÃO", DIZ-NOS A SRA. MERCEDES SILVEIRA — "ELA SACRIFICARÁ PELA PÁTRIA OS ADEMANES FEMININOS, A CALMA DO LAR, OS PRAZERES E, O QUE É MAIS, ALGO DE MUITO SEU, PARTE DE SUA ALMA E DA SUA RAZÃO DE VIVER: O MARIDO, O FILHO, O PAI, O IRMÃO, O AMADO"... — A GUERRA NÃO VAI ALTERAR A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO TERRENO SENTIMENTAL.

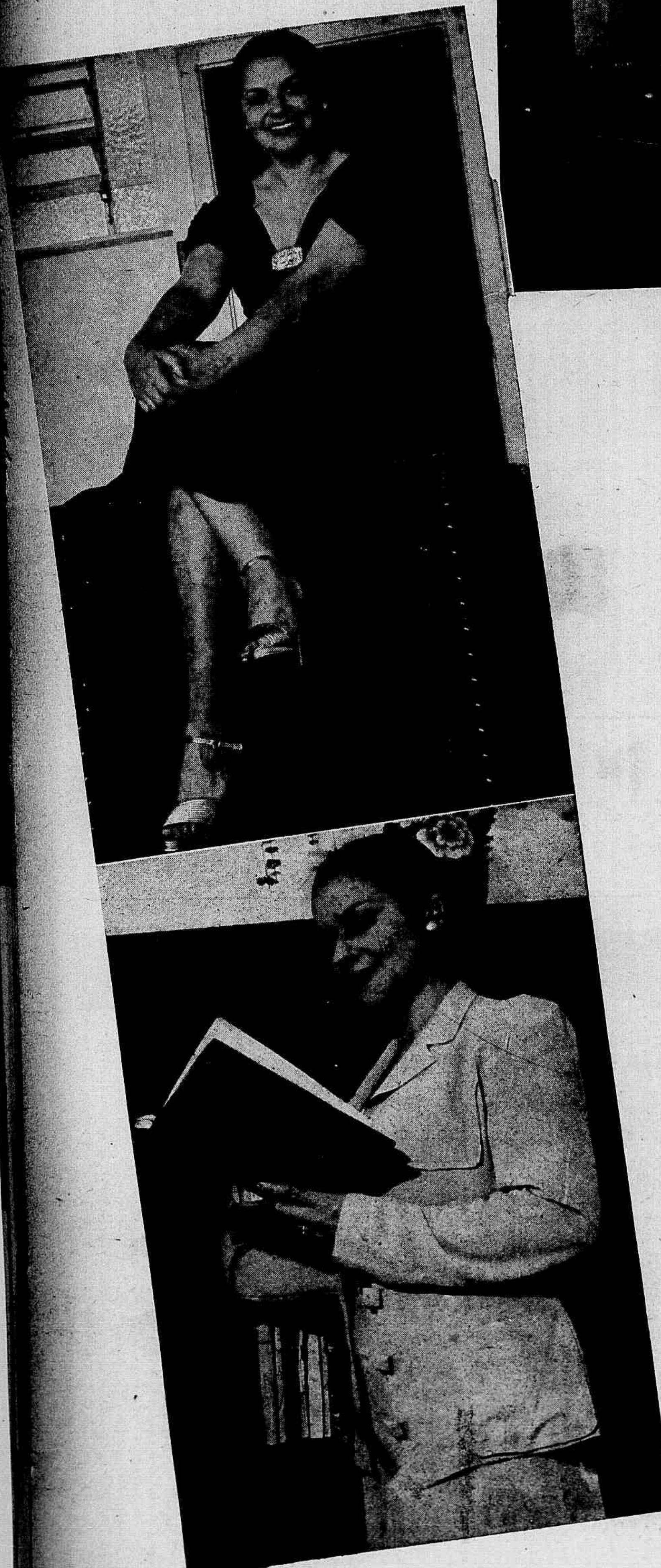
Reportagem de JUANITA BOREL MACHADO

Fala Mercedes Silveira

— Como encara o papel da mulher brasileira na hora em que os nossos soldados vão cooperar no campo da luta?

— Com a admiração com que sempre encarei o papel da verdadeira mulher patriota, quando se trata de salguardar a honra de sua pátria — aquela que coopera com todas as suas forças, para o bem comum, não só físicas como intelectuais — quer seja uma Ana Nery, partindo ao lado de seus irmãos para o campo da guerra, quer simbolise uma Catarina Paraguassú, ajudando-os na defesa do solo pátrio e educando seus filhos no culto do civismo, uma Joana Angélica que defende seus sentimentos de honra contra a furia dos invasores ou, ainda, uma sublime Rosa da Fonseca que oferece sorrindo seus filhos à pátria.

Na guerra atual a mulher brasileira tem papel saliente e digno de menção. Não envergou a farda da Defesa Civil ou o uniforme simbólico da Cruz Vermelha por ostentação. Ao primeiro apelo apresentou-se corajosa para qualquer eventualidade. Nos postos de assistência, aos grupos, costurando, auxiliando, semeando sempre, heroicamente, está a mulher brasileira de 1944. Quando se perdeu o Baependi, ou melhor, quando do assassinio dos seus compatriotas, a multidão que enchia as ruas nos "meetings", nas passeatas, clamando justiça, não era composta somente do elemento masculino — viam-se mulheres de todas as idades, exaltadas; e à chamada de coadjuvação acorreram, numa verdadeira avalanche, velhas moças, adolescentes, de todas as classes — surgiram então as mulheres bombeiras, as armadoras, as condutoras, as motoristas,... a mulher brasileira está apta para enfrentar os horrores de uma guerra destruidora e despotica. Sacrificará pela pátria os ademanos femininos, a calma do lar, os prazeres, e, o que é mais, algo de muito seu, parte de sua alma e da sua razão de viver — o marido, o filho, o pai, o irmão, o amado... e até as



suas lágrimas para que não falte o apoio moral àquele que parte...

— Na sua opinião, que orientação terá a primeira geração de após-guerra?

— Não sei. Como seria belo adivinhar! No entanto, atrevo-me a imaginar uma geração progressista e salvadora, orientada pela voz da experiência e do cumprimento do dever, uma geração que se ampare mutuamente amando o solo em que nasceu, e respeitando o alheio. Uma geração brasileira que desconheça a miséria material, física e moral, verdadeira pleiade de belos expoentes de uma raça que ressurgir, sem prepotências nem ambições desmedidas, sadia e sem fome, com inteligências desenvolvidas amplamente, olhando os vastos campos semeados, pela mão de

MERCEDES — *Musa ela própria pelo encanto de uma radiosa personalidade, faz versos como anda, e respira e ama, por determinismo como a água corrente e as ondas do mar; a poesia na sua vida canta em prosa e fala em rimas; está na bondade unda de sua alma e na elegância de sua figura profundamente feminina, numa época de complexos viris que vai atingindo desoladoramente o sexo e o sentimento da mulher em todo o mundo.*

Inteligência cristalina e facetada em iluminuras cambiantes, ela tem a delicadeza sutil de arminhos e perfumes. Mãe abnegada e amante, ela, que tem um filho na carreira das armas, deve sentir dentro da alma e erindo-lhe o espírito, a hora da tragédia que nos atinge por todos os lados.

Para aquelas que têm varões em sua prole, a guerra começou desde 33, porque para elas a guerra de nervos, desde então, é o pesadelo e o fantasma de todas as horas.

Temos, aí, portanto, a opinião de uma preclara poetisa e de uma amorosa e abnegada mãe que não esquece, contudo, o seu acendrado amor à terra brasileira.

A GUERRA E NO APO'S-GUERRA

Deus, no mapa do mundo, o nome do Brasil, com tinta de café e de petróleo, num tinteiro de borracha e penas feitas de juta; uma geração que tenha o valor de Caxias, o cérebro de Ruy Barbosa; o patriotismo indómito de Plácido de Castro e a bondade de Pedro II... rapazes e moças irmanados pelo mesmo sentimento, admirando o grande painel da natureza brasileira e escrevendo, num egoísmo muito justo sobre as florestas riquíssimas, o ouro, a prata, o manganês — nosso... nosso... nosso... uma geração inteira de químicos, dirigentes, inventores, engenheiros, exclusivamente brasileiros, sem outro auxílio que o da sua inteligência privilegiada, dote divino quando vencermos, porque jamais seremos derrotados e eu não quero pensar no que seria o novo mundo sob um regime nazista, desprezível e humilhante.

— Nas artes, nas letras e em todas as atividades materiais, a mulher terá participação mais destacada no mundo de após-guerra?

— Creio que sim. A mulher tem rompido, a pouco e pouco, com os preconceitos do passado. Sua cooperação e mesmo sua colaboração tem sido preciosíssima, em tudo e por tudo, no ante e no após guerra. A capacidade de trabalho, a cultura, a atividade em qualquer setor de há muito deixaram de ser privilégio do homem. Em qualquer classe a mulher tem demonstrado suas aptidões idóneas, quer nas artes, nas ciências, nas letras e até no arado, no campo. E nada disso é incompatível com a doce feminilidade que a caracteriza e com seus deveres de esposa e mãe.

— E no terreno sentimental?

— Bem... acredito que a guerra não altere a participação da mulher no terreno sentimental porque ela jamais será passível de influências estranhas ao seu próprio sentimento, tão delicado e exclusivo, na mulher brasileira principalmente. Entretanto, creio que haverá uma certa modificação no seu modo de encarar essa mesma participação. As grandes catástrofes têm altos e secretos poderes, às vezes benéficos, mesmo salutares, quando não são terrivelmente prejudiciais...



ESCRAGNOLLE DORIA

DOUS PREGADORES

Complexo de singularidades e repetições, a vida, no que diz Historia, apresenta singularidades e repetições. Para prova os sucessos de dia a dia.

Uma das singularidades da Historia é a celebração de perseguidores e algozes pela memoria de suas vítimas. Disto Jesus oferece exemplo supremo. Basta ler a narração de sua vida, de sua doutrina e sua Paixão pelos Evangelistas, cada qual a seu modo, cada qual na sua linguagem, quatro sublimando um, mas que Um!

Sem Jesus não registraria a Historia esse Poncio Pilatos, sob cujo poder padecia Cristo, como diz o Credo, oração diaria de milhões de catolicos. Por Jesus entrou Pilatos na incessante repetição do Credo, afirmando crença.

Regedora de universo, senhora de povos, Roma confiou estes a delegados de varia especie, probos ou rapinantes, como Verres, sentenciado perante a posteridade pela voz de Cicero. A Historia tem seus pelourinhos, Cicero levou Verres a um destes, para sempre.

Não pela execravel fome do ouro, profligada por Virgilio, Pilatos foi a paginas da Historia, na qual figura pelas cenas do martirio de Cristo, levado a Pilatos pelos judeus descidos em tumulto e falsa indignação.

No papel de juiz, Pilatos interroga Jesus. Não lhe achando crime algum busca libertal-o, não sem lembrar ao acusado o seu poder de mandal-o crucificar. No brado da consciencia o entono do cargo discricionario.

Enfuria-se a turba, ameaça Pilatos, atira-lhe em rosto a ameaça: "Se deixares Jesus livre não és amigo de Cesar e contra ele é todo o que se diz rei. E Pilatos constringido pergunta a Jesus se é rei dos Judeus. Tu o dizes, tal a resposta incisiva do incriminado. Sabes de quantas cousas te acusam, torna Pilatos; Jesus cala e o silencio não raro diz muito.

Em ultimo sobresalto de consciencia, manda Pilatos trazer agua e lava as mãos à vista do povo amotinado, para declarar à posteridade: estou inocente do sangue deste justo.

Ao redigir a inscrição a ser pregada no cimo da cruz no Calvario, Pilatos escreve: Jesus Nazareno, rei dos Judeus.

Torvos de ira, os pontifices dos judeus observam a Pilatos: não escrevas Rei dos Judeus, sim que Jesus tal se intitula. Num assomo de poderoso, responde Pilatos à observação insolente: O que escrevi está escrito.

SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS CR\$ 1,90

No sangrento da Paixão, o governador da Judéa ainda surge quando José de Arimatéa roga lhe ser permitido tomar conta do corpo de Jesus, deferida a rogativa, deferida também a dos sacerdotes e fariseus pedindo a Pilatos guardas para vigilância do sepulcro de Jesus.

Ter medo das grandes sombras é vulgar. Por isto os judeus pedem a Pilatos a guarda do tumulo do Crucificado por três dias. Receiavam os discipulos de Cristo lhe furtassem o corpo dizendo à plebe: ressuscitou dentre os mortos, desta sorte o ultimo engano resultando pior que o primeiro.

MAIZENA DURYEA

A VENDA EM TODA PARTE

PRODUTOS "LALAQUE"
Complemento indispensavel a beleza!

BATON · ESMALTE · LEITE · ROUGE

LaLaque

A marca suprema em produtos de toucador!

ESMALTE Nº 1425

LEITE Nº 1430

BATON Nº 1410

ROUGE Nº 1460

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pilatos, não sem desdem, declara aos judeus: Vós aí tendes guardas, guardai o sepulcro como vos parecer.

No julgamento do Justo por Pilatos, uma figura sai da sombra e nela logo reentra. E' a da mulher de Pilatos. Não se lhe sabe o nome, apenas refere o Evangelho ter mandado dizer ao marido, no seu tribunal: "Não te embaraces por causa desse justo, porque são muitas as angustias que sofri em sonhos por sua causa."

Decorridos seculos e seculos, achou-se Pilatos julgado, por ocupante da cadeira da Verdade, cuja definição Pilatos solicitára de Cristo sem lograr resposta.

O julgador do juiz foi o padre Antonio Vieira, possuidor das três cousas que, segundo Bossuet, tornam o orador sagrado agradável sobre eficaz: a qualidade da pessoa, a beleza dos assuntos a tratar, o modo engenhoso de explical-os.

Tudo isto concorria em Vieira, no respeito devido ao pulpito dizendo o que queria a quem queria, na liberdade de atirar verdades aos poderosos, por estes concedida tal liberdade aos ministros do Rei dos Reis. Daí serem chamados a pregar em capelas régias sermon' stas boca de ouro, como se qualific-u a de S. João Crisostomo.

Na terceira domingo quaresmal de 1655, Vieira discorreu em Lisboa, na Capela Real. Tomou temas a S. Lucas, e em certo passo do sermão tratou do julgamento de Jesus, pondo sobre Pilatos a eloquencia da frecha para a condenação de muita gente cortezã.

Pilatos — patenteou Vieira — cometeo a maior injustiça cometida no mundo ao julgar Cristo.

"Qual a causa da injustiça? Uma dependencia, por não arriscar a amizade de Cesar. Pilatos pede água, lava as mãos. Que importa que as mãos de Pilatos estejam limpas se a consciencia não está limpa?"

Vieira não deixou Pilatos só, trouxe-lhe Judas à companhia, considerando ambos entregadores do Justo.

O pregador proseguio julgando: "Pilatos conhecia e confessou a inocencia de Cristo, Judas também a conheceu e confessou. Fez mais alguma cousa Pilatos? Fez mais alguma cousa Judas? Judas restituiu o dinheiro lançando-o no Templo. Pilatos não fez restituição alguma. Pois porque restitue Judas e não restitue Pilatos? Porque Judas entregou Cristo por dinheiro, Pilatos entregou-o pelo respeito. As restituições do dinheiro algumas vezes se fazem, as dos respetos nenhuma."

Julgado Pilatos, o hesitante, Vieira passou a perguntar se na corte se fazia alguma cousa que não proviesse do respeito. E sem esperar resposta acudiu: Ou nenhuma, ou muito poucas.

Nova pergunta do pregador, nova resposta dele mesmo: na vida ou na morte ha alguém que restitua o que o respeito o levou a fazer? Nem vimos, nem o ouvimos.

Como se confissão disto os que o fazem, ou como os absolvem os que o confessão?

Sem mais uma vez aguardar resposta, Vieira dirigio-se ao auditorio mudo e quedo:

"Se eu estivesse no confessorario eu vos prometo que os não houvêra de absolver senão condenar; mas como estou no pulpito não absolvo nem condeno, admiro-me com as Turbas."

Era muito costume de Vieira aproximar o Evangelho de coévos para lhes mostrar maldades ou fraquezas. No sermão da terceira domingo quaresmal de

(Continua na pág. 53).

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE ESTIMULA O CEREBRO DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

NOS BASTIDORES FEMININOS



CHAMA-SE AMELITA WARD. PERTENCE AO "CAST" DA RKO. ACABOU DE FILMAR "SETE DIAS DE LICENÇA". ESTARÁ REPOUSANDO?

DIZEM OS nossos amigos homens que o narcisismo é uma doença secular ou, melhor, milenar das mulheres. O mito grego, que não é outra cousa mais do que o símbolo objetivo e literário da egolatria, nos mostra, bem claramente, que a força do narcisismo, como patologia inerente à creatura humana, é muito mais acentuada no homem.

A vaidade da mulher, essa adoração que ela tem pelo seu eu, é quasi ingenuidade superficial, diante da vaidade do seu companheiro. A sua egolatria, não é senão o amavio da sereia, o desejo natural de prender o homem e acorrenta-lo aos seus encantos naturais,

N A R C I S I S M O

ao passo que a vaidade do homem vai além da vida. A mulher deseja ser bela para ser amada, e ama sua beleza por que lhe faz a oferenda do amor.

O amor do homem por si mesmo transcende a vida; sua egolatria criou a imortalidade, esse anseio de sobreviver. Criou a superestimação do seu ego, inventando os mausoléus e as estatuas como consagrações póstumas.

Pela imortalidade ele se alçou às culminancias de um deus; criou além disso a alma, esse outro ego que sobrevive e se transporta pela migração,

deste mundo a outros mundos. Essa ansia de sobreviver-se foi que lhe deu a maravilhosa concepção de outra vida, e transmitiu essa crença a outras gerações; deu-lhe com isso a grande herança da Fé e da Esperança, que são forças construtivas e criadoras.

A egolatria, como vemos, é uma religião masculina, a sua primeira religião e ainda hoje, a mais ardente, a mais profunda e imutável.

O narcisismo não é senão o reflexo dessa adoração. Narciso, o belo infante da lenda grega a olhar-se embevecido

de sua beleza, no lago hialino e translúcido, irizado de luz, era homem, e o símbolo continua a servir admiravelmente à classe masculina.

A mulher não chega a dar à sua vaidade outra significação maior que a de servir como isca formosa e fascinante à perpetuação da espécie.

Nem os defeitos que o egoísmo do homem criou nelas, nem as fraquezas que lhe são atribuídas, nem mesmo o desejo de igualdade econômica e social, que a empolgam, podem tirar-lhe o sagrado, o divino dom da feminilidade pela qual ela se tornou igual às deusas e às musas.

Modelos

DA SEMANA

Não há dúvida alguma de que a guerra com suas imposições, que ninguém ousa discutir e muito menos desobedecer, quando o espetáculo da tragédia está sob os nossos olhos e não apenas no noticiário do dia, está ensinando a humanidade a viver praticamente valorizando todos os elementos que lhe podem ser úteis, e sobretudo ensinou-lhe a tirar partido de tudo quanto lhe sobra. Si é que há sobras...

Uma mulher elegante, à qual o racionamento obrigou a reduzir o seu guarda-roupa, pode bem arranjar de modo económico o problema da parcimónia fazendo de dois vestidos simples, vestidos que são para as compras, quatro: transformando-os em mais

dois bonitos vestidos para um *cocktail*, uma reunião chic etc. Nos nossos *clichés* ns. 1, 2, 3, podemos observar os detalhes desse magico passe de costureiro... A moda dos botões continua a imperar como enfeite preferido: damos disso um exemplo no *cliché* n. 4.

O complemento de uma *toilette*, que é o conjunto de sapato, luva, chapéu, bolsa e uma flôr ou uma joia, revela o grau de bom gosto de cada pessoa, pois nada mais difícil de escolher do que um complemento que combine com o vestido e que combine entre si os elementos de que se compõe. Um sapato, por exemplo, quando não seja da mesma cor da bolsa, luvas, etc. deve combinar com o vestido. Quando a *toilette* é toda escura,

COSTUME EM LÃ AMARELO-FENO, COM BORDADOS DE CADARÇO EM ESTILO HUSSARD NA FRENTE E NOS BOLSOS. A "MODELO" USA UMA "ECHARPE" DE PÉLE, ÚLTIMA NOVIDADE, COM DOIS LAÇOS PRENDENDO DOS LADOS. A TOQUE ALTA É DE VELUDO E DO MESMO PÉLO COMO ENFEITE. OBSERVE O CORTE DO CASACO E O DISFARCE DOS OMBROS SEM GRANDE ENCHIMENTO, BEM COMO A QUEDA SUAVE DA SAIA, DE COMPRIMENTO DISCRETO.

OUTRO ELEGANTE VESTIDO DA "GALERIA VOGUE", EM JERSEY CÔR DE TABACO-QUEIMADO. A BLUSA, DE ENCANTADORA SIMPLICIDADE, É EM ESTILO "CHEMISIER". A SAIA AMPLA, COM FRANZIDOS NA CINTURA. ABOTOADO ATÉ O MEIO DA SAIA. TEM COMO ENFEITE DOIS ESCARAVELHOS MULTICOLORIDOS, CHAPÉU ALTO ATRÁS COM UM PASSARO DE CORES VIVAS. LUVAS DE CANO LARGO TAMBÉM CÔR DE TABACO-QUEIMADO, DE MUITO EFEITO.



ENTRE
NA
FILA



ESTE É TAMBÉM UM MODELO DA "GALERIA VOGUE". TODO ABOTOADO NA FRENTE, SENDO OS BOTÕES DE MATERIA PLÁSTICA. NA FRENTE DA BLUSA UM CORTE ORIGINAL, ARREDONDADO COM UMA ORDEM DE FRANZIDOS PRESOS DOS DOIS LADOS E DESCENDO ATÉ A SAIA ONDE FICAM CAINDO SOLTOS. O CHAPÉU É UMA TOQUE DE FELTRO POSTA PARA TRÁS. LUVAS LONGAS, DE JERSEY OU SUEDE, REALÇAM AINDA MAIS ESTE ELEGANTÍSSIMO FIGURINO, MUITO PRÓPRIO PARA A ESTAÇÃO ATUAL.



OBEDECENDO ÀS LINHAS MAIS MODERNAS, "VOGUE" APRESENTA ESTE ELEGANTE VESTIDO DE LÃ, EM FORMA DE JAQUETÃO. SAIA A DUAS PRÉGAS, CONVERGINDO PARA A CINTURA. TEM UM CORTE UM POUCO "GODET", O QUE LHE DÁ MAIOR LARGURA. MANGA TRÊS QUARTOS, TOQUE DE FANTASIA ENTERRADA ATRÁS. LUVAS DE SUEDE OU PELICA, BEM LONGAS. PRÓPRIO PARA OS DIAS INVERNOSOS, PASSEIO, CINEMA OU HORA DE CHÁ.



COSTUME DE LÃ, CÔR PURPURA — É ROXO CARDINALÍCIO — COM BONITOS MOTIVOS BORDADOS EM AZUL-TURQUESA E FILAMENTOS PURPURA. VESTIDO DE GRANDE EFEITO, SE ESSES TONS FOREM FIELMENTE OBEDECIDOS. CHAPÉU DA MESMA CÔR DOS BROCADOS OU PURPURA, LUVA COMPLETANDO O JOGO DA "TOILETTE". O VÉU DO CHAPÉU, EM AZUL-TURQUESA, CAI ATRÁS EM DOBRAS LEVES. MAIS ACONSELHÁVEL PARA "SOIRÉE" NO INVERNO.

o chapéu pode ser de uma cor contrastante. E assim por diante. Ser elegante não é apenas poder comprar coisas caras, é sobretudo saber escolhê-las...

Com a dificuldade de figurinos, os modelos de Hollywood são, necessariamente, os mais procurados mesmo porque eles nos podem dar sempre as últimas novidades em modas e de uma forma que alia à beleza da *toilette* o encanto do modelo. Este inverno os casacos são curtos, do tipo francês; e, embora não sejam mais elegantes que os casacos longos, são mais juvenis e mais práticos porque ficam bem a qualquer tipo de mulher.

Esses casaquinhos são sempre enfeitados com motivos que lembram trajes militares, como os bordados à Hussard, as franjas postas como dragonas e as passamanarias de cordões de seda ou metal.

Apesar do racionamento de pano, os vestidos têm aparecido com mais largura na

saia embora mais curtos. A mulher sabe sempre tirar partido de tudo até da *insuficiência* para realçar sua elegância.



A mulher que aspira a ser elegante deve ter em seu enxoval, de desposada ou solteira, sem que a palavra defina a roupa de noiva, tudo quanto lhe é indispensável para vestir em casa, na rua quando sai em ronda matinal às compras, nas reuniões elegantes de qualquer gênero. Os modelos de Hollywood que vestem as belas mulheres do cinema, imaginados pelos grandes costureiros, são sempre adaptados aos tipos e às ocasiões, e assim terão as nossas leitoras desta seção todas as facilidades para organizar o seu guarda roupa de mulher elegante de fato.

Saber vestir é arte e requer inteligência.

O CIGARRO E A SEDUÇÃO

MARIA LUIZA

TENHO um amigo que costuma dizer que um dos exercícios mais eficientes para acelerar o ritmo do raciocínio e aperfeiçoar os dons psicológicos é escutar a conversa dos nossos vizinhos do banco de trás do onibus e, através dela, deduzir qual o seu tipo físico, a sua posição social e a sua capacidade intelectual. Não sei se ele tem ou não razão nas suas conclusões, mas o que sei é que, sobretudo para uma mulher, é extremamente agradável e divertido escutar as conversas de pessoas que nunca havíamos visto e que talvez nunca mais vejamos e, através delas, descobrir os pequenos mistérios individuais, que outra coisa não são do que partes integrantes dos grandes mistérios sociais. Quantas coisas não descobrimos assim, quantos dramas de amor e quantos dramas sociais! E isso na verdade nos traz um conhecimento bem maior da humanidade do que as coisas que são ditas diretamente para nós e raciocinadas antes.

Ontem, por exemplo, ouvi algo profundamente estranho e que poria em pé os cabelos de nossas puritanas avózinhas e, sobretudo, dos velhos carranças que não permitiam a nossos pais que fumassem diante deles, antes de constituir família e se tornarem, por sua vez, respeitáveis. Atrás de mim, no onibus, vinha um casal encantador (eu nunca espero para deduzir o tipo físico através da conversa): ela, louríssima, com um aspecto de "girl" ingenua, olhos azuis e sonhadores; ele, bem brasileiro, "alto, moreno e simpático".

Ele insistia para que ela aceitasse um cigarro e declarava que a seus olhos não podia haver nada mais atraente nem mais sedutor do que uma mulher que fuma com elegância. "Não posso compreender uma mulher que não fume, parece-me antiquada, sem sedução. Você deverá aprender a fumar, querida, ficará mais linda ainda e parecerá completamente mulher, perderá esse aspecto demasiado infantil que você tem."

E ela tomou o cigarro e começou a aprendizagem...

Eis aí, minhas amigas, um novo e moderno método de sedução. Não pensam realmente que ele assustaria nossas mães, que fumavam entre as quatro paredes do quarto para não serem repreendidas pelos maridos?





STA. IVETTE DOUAT BLEY, QUE ACABA DE SE CONSORCIAR COM O SR. HELIO SILVEIRA, BRILHANTE OFICIAL DA NOSSA AERONAUTICA MILITAR, SENDO O SEU ENLACE EFETUADO NA TRADICIONAL IGREJA DO OUTEIRO DA GLORIA NESTA CAPITAL. É ELA FILHA DO MAJOR JOÃO PUNARO BLEY, EX-INTERVENTOR FEDERAL NO ESPIRITO SANTO E ATUAL DIRETOR DA COMPANHIA DO VALE DO RIO DOCE, E DE SUA ESPOSA A SRA. D. ALZIRA DOUAT BLEY. O NOIVO É FILHO DO DR. ABEL AZEVEDO DA SILVEIRA E DE SUA ESPOSA A SRA. D. OLGA SILVA SILVEIRA.

A PASCOA DOS ESTUDANTES. NA IGREJA DOS CAPUCHINHOS (TEMPLO DE S. SEBASTIÃO) REALIZOU-SE A PASCOA DOS ALUNOS DO INSTITUTO LA-FAYETTE, ATO QUE SE REVESTIU DE GRANDE SOLENIDADE, DADOS O RESPEITO COM QUE TRANSCORREU E O GRANDE NUMERO DE ALUNOS DOS DIVERSOS CURSOS, DESDE O PRIMÁRIO ATÉ O UNIVERSITÁRIO. É DESSA CERIMONIA O ASPECTO QUE COLHEU A NOSSA OBJETIVA.



OFERECIDO POR COLGATE PALMOLIVE PEET CO. LTD., NO RESTAURANTE DO AEROPORTO SANTOS DUMONT, UM GRANDE ALMOÇO QUE AQUELA FIRMA DEDICOU AOS SEUS AUXILIARES DO DEPARTAMENTO DE COBRANÇAS. AO AGAPE, QUE TRANSCORREU EM MEIO DA MAIOR CORDIALIDADE E ALEGRIA, COMPARECERAM PESSOAS DE DESTAQUE DA FIRMA EM APREÇO, FIGURANDO ENTRE ELAS OS SRS. AGENOR MARQUES DE AZEVEDO, GERENTE DE VENDAS NO RIO; OSCAR REINOSA, GERENTE DO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE, E FRANK DU-PUY, GERENTE DOS ESCRITÓRIOS DA MATRIZ, TENDO ESTE ÚLTIMO TOMADO LUGAR À CABECEIRA DA MESA, FAZENDO AS HONRAS DO ALMOÇO.

Figuras e Fatos

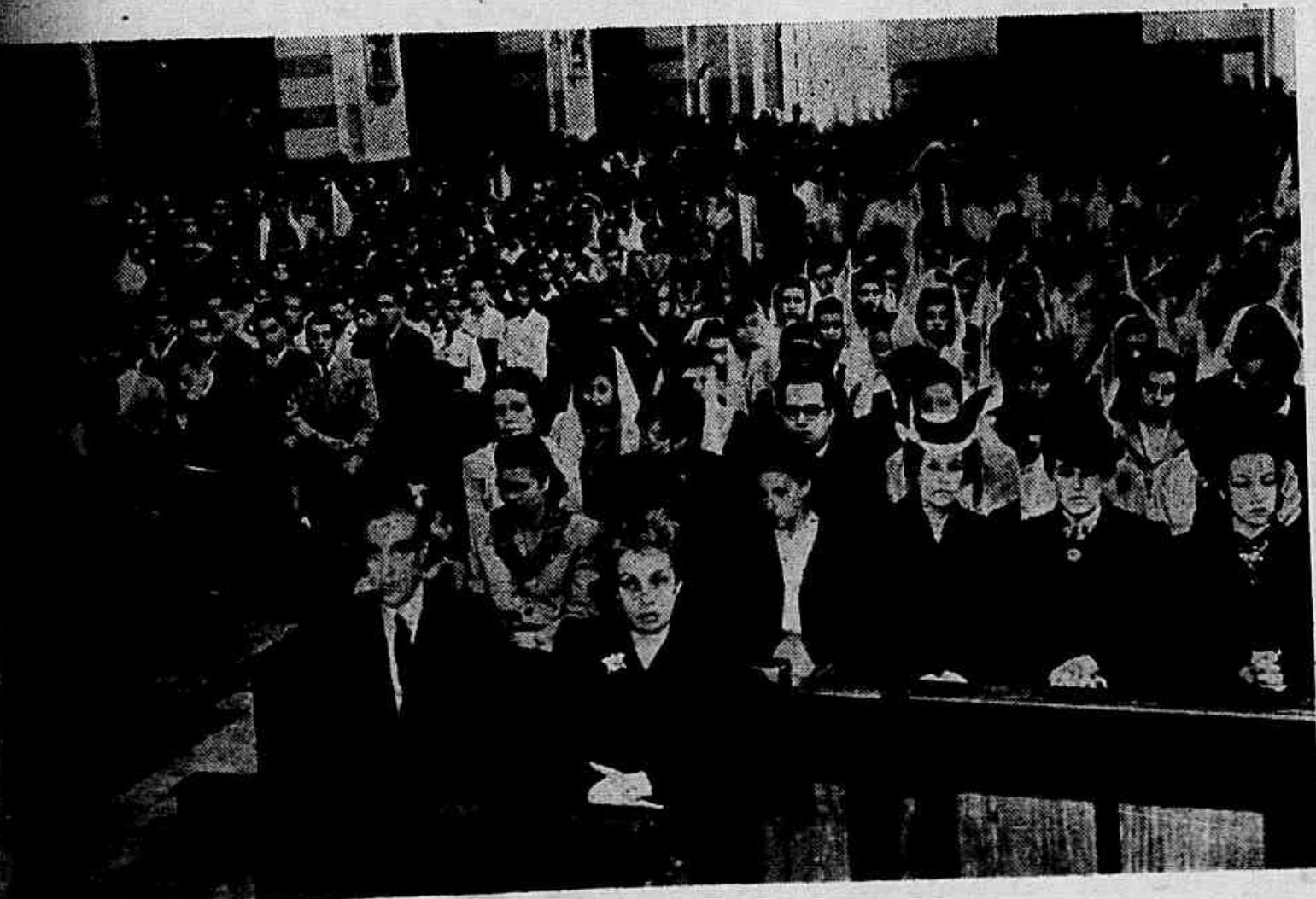
ANIVERSARIOS

23 — Senhoras: D. Alice Abrantes de Souza Leite, Feliciano Sodré, João Luiz Alves. Senhores: Custodio Martins, Jeronimo Monteiro Filho.

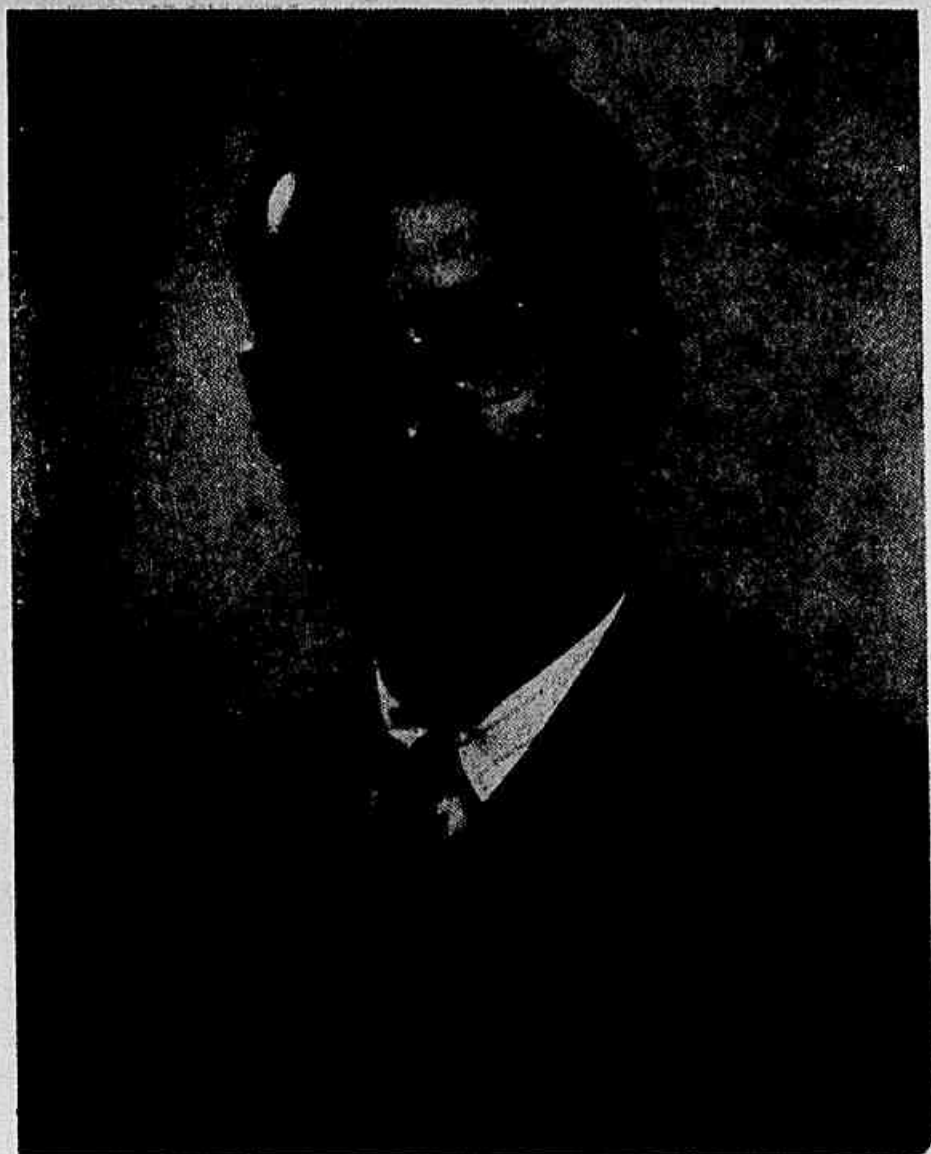
24 — Senhoras: Henrique Rôxo, Licinio Cardoso, Alaide Tosta de Andrade, senhorinha Helena de Irajá. Senhores: General Otaviano José da Silva, coronel Eduardo Uchôa Cavalcanti de Albuquerque, coronel Mario de Sá Brito, coronel Carlos Mena Barreto Monclaro, Guilherme de Almeida, major Onesino Backer de Araujo, Antonio Braga, Dario Martins Torres, Ronald Requião.

25 — Senhoras: D. Eunice Vanni, Maria da Piedade Rodrigues, Dr. Castro Nunes, D. Maria Eulália Lins de Azevedo. Senhores: General Cristovão Barcelos, coronel Manuel Candido Fernandes, coronel Luís Batista, Dr. José Vieira Resende da Silva, José

EM SUA RESIDÊNCIA EM COPACABANA, A SENHORITA MARIA HELOISA SALLES, FILHA DO DR. ALVARO SALLES, OFERECEU UMA LINDA FESTA JOANINA ÀS SUAS AMIGUINHAS, NA NOITE DE DOMINGO, 25 DE JUNHO, PROXIMO FINDO. O CLICHÉ ACIMA MOSTRA-NOS A SENHORITA MARIA HELOISA CERCADA DE SUAS AMIGUINHAS, NUM GRUPO FORMADO DURANTE A SUA FESTA.



O SR. ALVARUS DE OLIVEIRA, QUE VOLTA AGORA ÀS LIDES LITERÁRIAS, COM O LANÇAMENTO DA NOVA EDIÇÃO DE SEU LIVRO "GRITO DO SEXO!" (SENHORINHA ICA RAI). ESTE ROMANCE DO CONHECIDO ESCRITOR FLUMINENSE TEM ALCANÇADO INVULGAR SUCESSO.



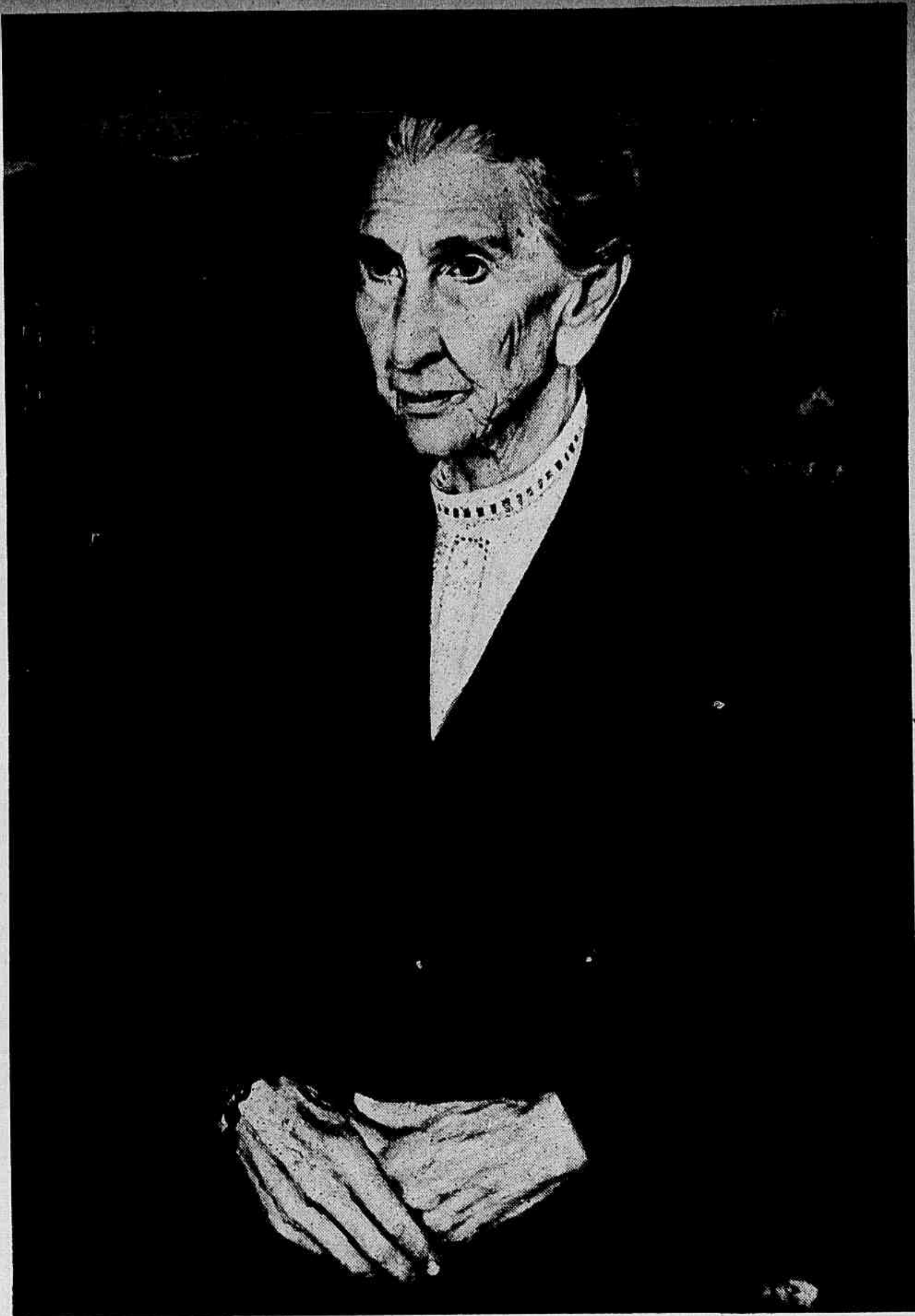
Barros dos Santos, Agostinho Ferreira Chaves, major Amangá Castro Menezes.

26 — Senhoras: Teresita Porto da Silveira, Georgina Catapreta. Senhores: Dr. Jorge Doria, Dr. Angelo da Cruz, Joaquim Borges de Souza, Dr. Francisco Lenoir Merocourt, capitão Manuel Fernandes dos Anjos, Cassiano Ricardo, Dr. Orlando de Góis, Mario Mendes, Anibal Petersen Junior.

27 — Senhoras: Henriqueta Porto de Albuquerque; Menina Mariza Reis. Senhores: Coronel Dr. Pio Borges, tenente-coronel Waldemar Meira de Vasconcelos, Dr. Plinio Catanhede, Dr. Milton Caldas Barreto, Dr. Herbert Moses, Durval Montenegro.

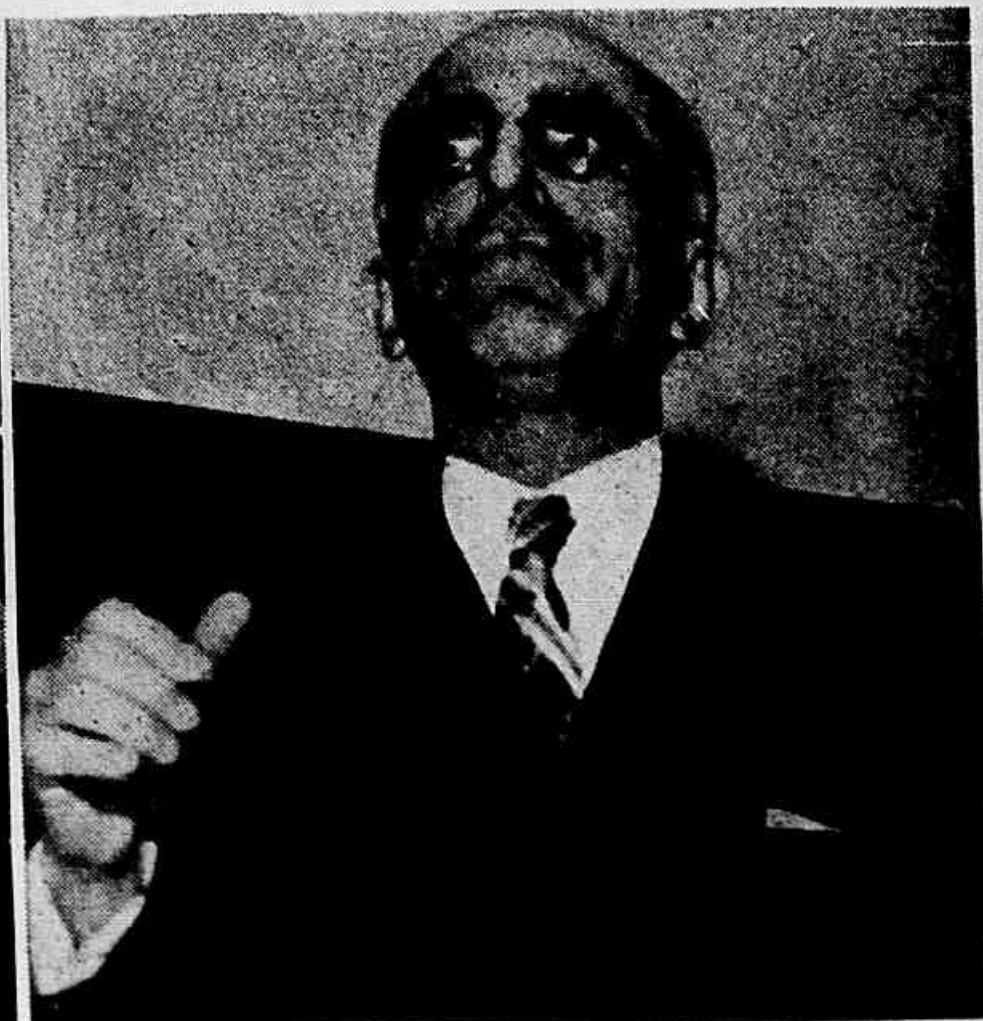
28 — Senhorita: Maria Alice Barbosa da Fonseca. Senhores: Comandante Magalhães de Almeida, Hugo Carneiro, coronel Leopoldo Neri da Fonseca, Helio Araujo, Antonio Xavier Mercante.

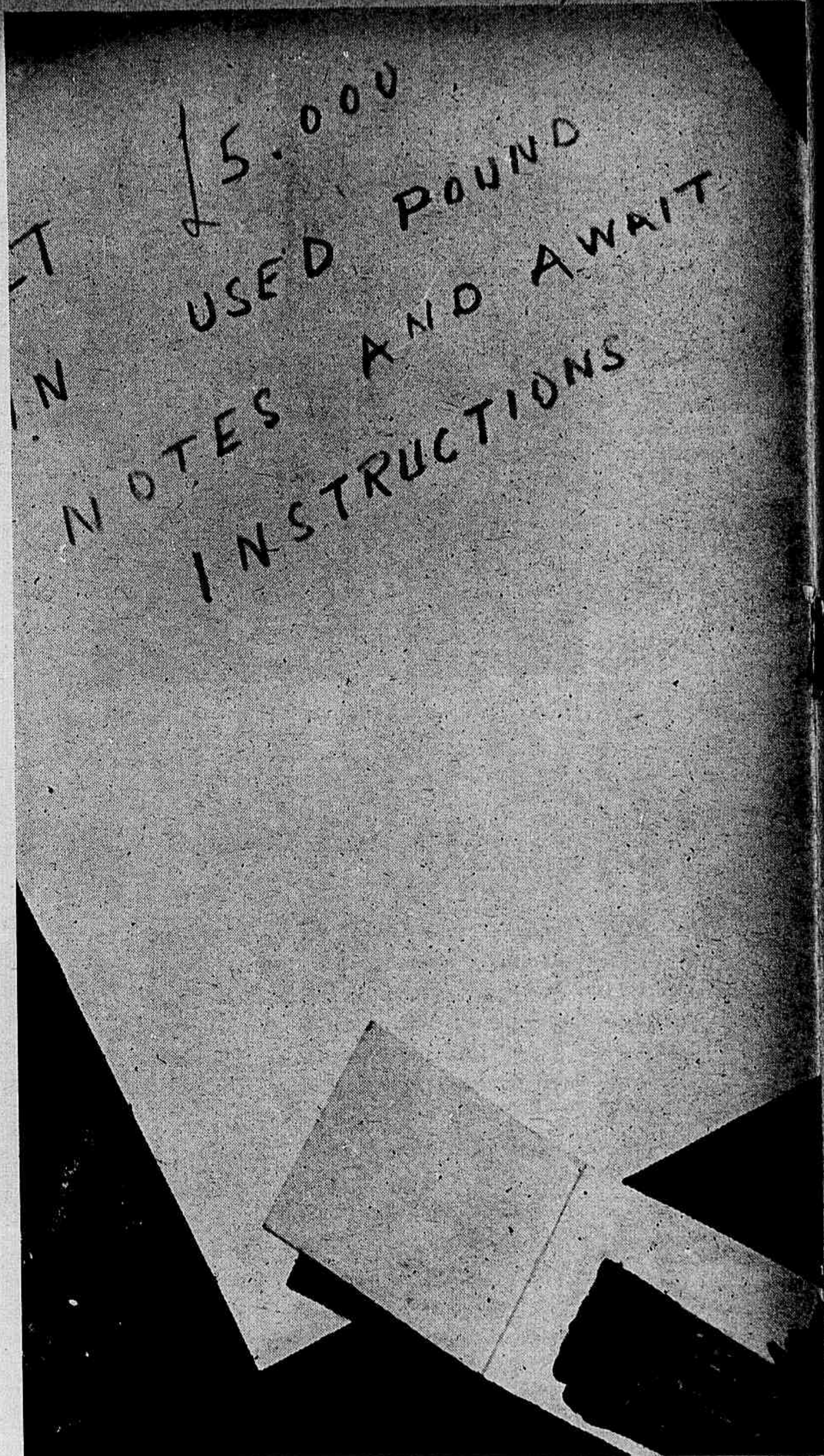
29 — Senhora: Alzira de Freitas Brito; Senhores: Coronel Mario de Campos Freire, Dr. Lino Emerton Martins, Marconi Vinicius, José Panza, José Mosqueira Failde, Dr. Francisco Torreão, Dr. José Cardoso Tosta.



A EXMA. SRA. D. LIDIA AUGUSTA REZENDE SILVA, VENERANDA EXPRESSÃO DE ILUSTRE FAMÍLIA PATRICIA, NUM DESENHO DE D. ISMAILOVITCH.

JACY REGO BARROS. A POSSE DO SR. JACY REGO BARROS NO INSTITUTO BRASILEIRO DE CULTURA, NO DIA 4 DESTE, FOI UM ACONTECIMENTO MARCANTE NOS MEIOS INTELECTUAIS DO RIO. OCUPANTE DA CADEIRA PATROCINADA POR EVARISTO DA VEIGA, O SR. JACY REGO BARROS PROFERIU BRILHANTE CONFERENCIA A PROPOSITO DO GRANDE JORNALISTA DO IMPERIO. A PARTE ARTISTICA DA FESTA, IGUALMENTE INTERESSANTE, ESTEVE A CARGO DA PIANISTA ANA CAROLINA, DA CANTORA MARIA SILVA E DO MADRIGAL PAZ, SOB A DIREÇÃO DA PROFESSORA CACILDA BORGES.





1 A's oito da manhã, a criada foi encontrar a enfermeira Evelyn amarrada e amordaçada ao leito, ao lado do berço vazio. A chefatura da Policia foi avisada imediatamente de que o filho unico do milionario John Mortimer havia sido sequestrado. Quando o inspetor Frost chegou, a enfermeira lhe explicou que, ao despertar durante a noite, vira dois homens mascarados dentro da sua habitação. O policial vai anotando, cuidadosamente, as palavras de Evelyn e procura nela fixar o seu olhar arguto e perspicaz. Há um mistério que será preciso esclarecer, quanto antes...

2 Evelyn continua: — "Enquanto um dos intrusos me ameaçava com um revolver, o outro me amarrrou e amordaçou. Logo em seguida, um dêles tirou do bolso um pedaço de papel, escrevendo no mesmo algumas palavras e colocando-o sobre a mesa. Sem perda de um minuto, tiraram o menino do berço e saltaram pela janela."

O inspetor examinou detidamente o papel que os sequestradores tinham deixado. Estaria ali o "pivot" da história? Tratava-se de um caso sem precedentes, cujas aparencias poderiam errar no julgamento final. E o "velho" Frost pensou, pensou muito...

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA

FAÇA UM "TEST" DA SUA ARGÜCIA POLICIAL PROCURANDO O FIO DA MEADA DESTES MISTÉRIO

Por MILESON HORTON

Observando minuciosamente as quatro ilustrações desta página, e acompanhando a leitura dos textos, o leitor poderá encontrar facilmente o esclarecimento do mistério e apurar por que o inspetor chegou a tal conclusão. O indício transparece de uma das fotos. Mas, não apurando o mistério, queira procurar a solução no próximo número.

Na pag. 52: — SOLUÇÃO DO CASO DO NÚMERO ANTERIOR, "HOMICÍDIO PREMEDITADO".

4 Em seguida, Frost procurou fazer nova vitória no quarto de Evelyn. E submeteu-a a um rigoroso interrogatório. Afinal, deixou-a até segunda ordem. E, acompanhado do milionário, dirigiu-se a uma casa nos arredores da cidade. Mortimer saiu da referida casa, contente, com o filhinho nos braços, enquanto o inspetor Frost derrubava, com um golpe certo, o sequestrador, aplicando-lhe as algemas. "Sim, você é muito esperto, meu caro, mas seu cúmplice praticou um erro muito grave..." E, assim, tudo foi descoberto. Não existia mais mistério algum... Por quê?!

A CRIANÇA SEQUESTRADA

3 Escrita a lapis sobre papel grosseiro, que evidentemente havia sido apanhado com luvas, não mostrava, por isso, nenhuma impressão digital. Do lado de fora da janela, via-se uma escada. Debaixo, no jardim, Frost encontrou um sapatinho de criança, desses de lã que os recém-nascidos usam. A secretária Lilian declarou: — "Eu estava dormindo a sono solto, não ouvi coisa alguma." Frost surpreendeu a moça escutando á porta e indagou, consigo mesmo, si o estaria fazendo por simples curiosidade ou porque estivesse complicada em todo esse episodio tão cheio de enigmas...

47

RA DETECTIVE?



Grupo formado à porta de um dos modelares hospitais da "Fundação Benjamin Guimarães", por ocasião de sua inauguração, vendo-se o Presidente Vargas, Governador Valadares, Sr. Manoel Ferreira Guimarães e outras altas autoridades e pessoas de destaque da sociedade belorizontina.

Fundação Benjamin Guimarães

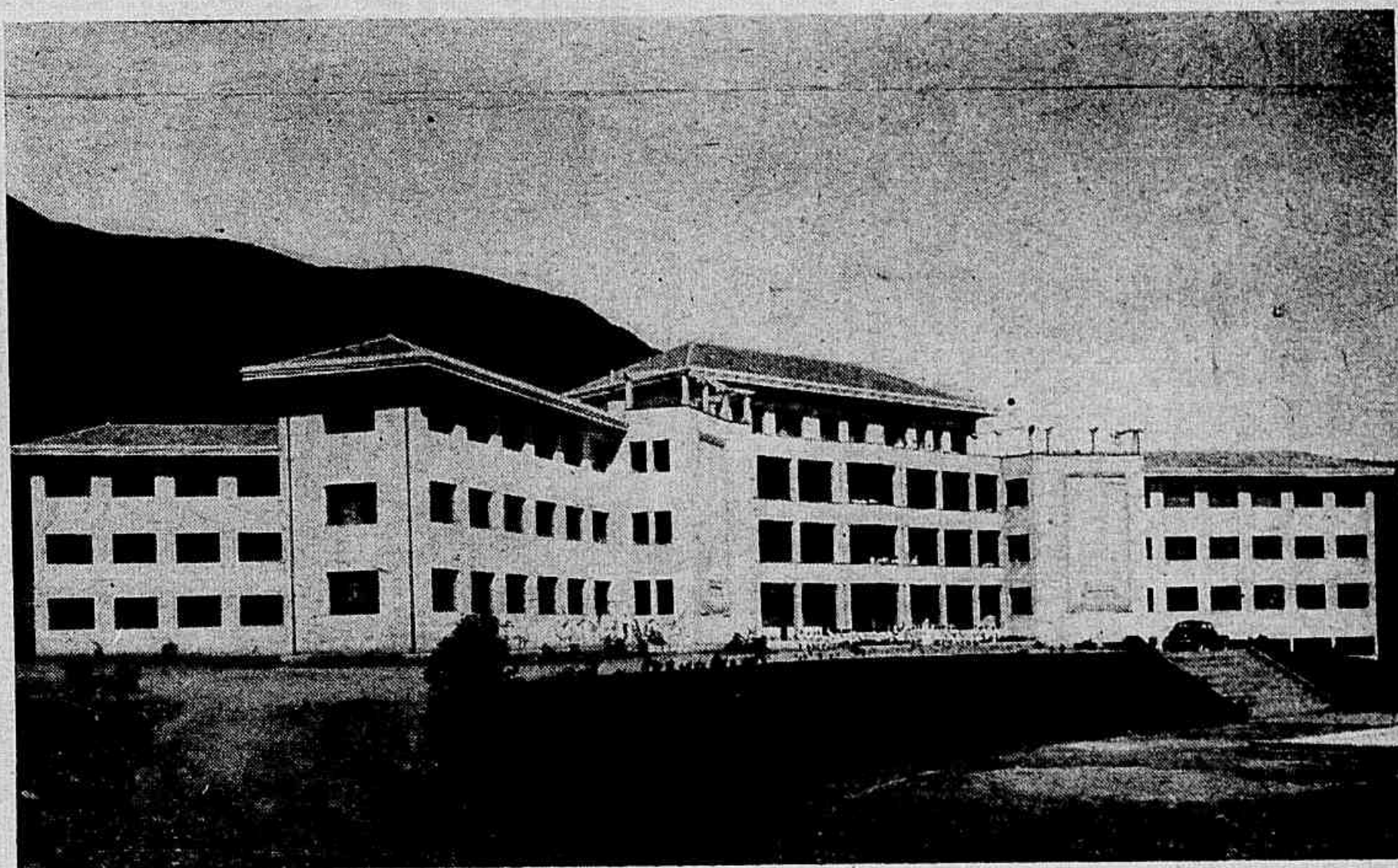
REALIZOU-SE festivamente, em Belo Horizonte, em 2 do corrente mês, com a presença do Presidente da República, do Governador Benedito Valadares, do Arcebispo D. Antonio dos Santos Cabral, de altas autoridades e da sociedade belorizontina, a inauguração dos hospitais da "Fundação Benjamin Guimarães", instituição que se criou dentro da "Cruzada Mineira Contra a Tuberculose", graças à benemerência do grande industrial mineiro Coronel Benjamin Ferreira Guimarães. Esses ilustre cidadão fez construir na proximidade de Belo Horizonte, em bellissimo local, ótimo hospital, preventivo e colonia de férias para crianças fracas e um hospital para crianças tuberculosas, ambos bem equipados com as mais modernas instalações, tendo o primeiro capacidade para 550 leitos e o segundo 250. O Coronel Benjamin Ferreira Guimarães despendeu dez milhões de cruzeiros nas construções e ao inaugura-las fez ainda, por intermedio do seu digno filho Sr. Manoel Ferreira Guimarães, mais uma doação de seis milhões para o patrimonio da Fundação. O Presidente Getulio Vargas, encerrando a cerimonia, da mais alta significação, manifestou o seu aplauso e satisfação pela iniciativa que era inaugurada. Lembrou então detalhes do plano do Governo, no combate á tuberculose, o esforço que tem procurado realizar na construção de sanatórios e preventórios nos mais diversos pontos do país; elogiou a iniciativa da "Fundação Benjamin Guimarães", ressaltando que um cidadão como esse, pela elevada significação de seus atos, bem merece o reconhecimento oficial, que lhe foi testemunhado com a inclusão de seu nome no "Livro do Mérito", distinção raramente concedida. Acentuou, ainda, o primeiro mandatario do país que a realização, além do significado pessoal do seu gesto, é também uma aspiração que eleva a cidade em que vive, porque uma obra que assim se concretiza, como a "Fundação Benjamin Guimarães", de iniciativa particular, engrandece, também, o meio em que é executada. Terminou o Sr. Getulio Vargas apresentando congratulações ao patrono da filantrópica iniciativa.

A Cruzada Mineira Contra a Tuberculose, louvando como todo o povo de Minas Gerais o faz, o generoso gesto do Cel. Benjamin Ferreira Guimarães, faz votos para que outros bons corações o imitem, mesmo em menores proporções, em beneficio da coletividade.

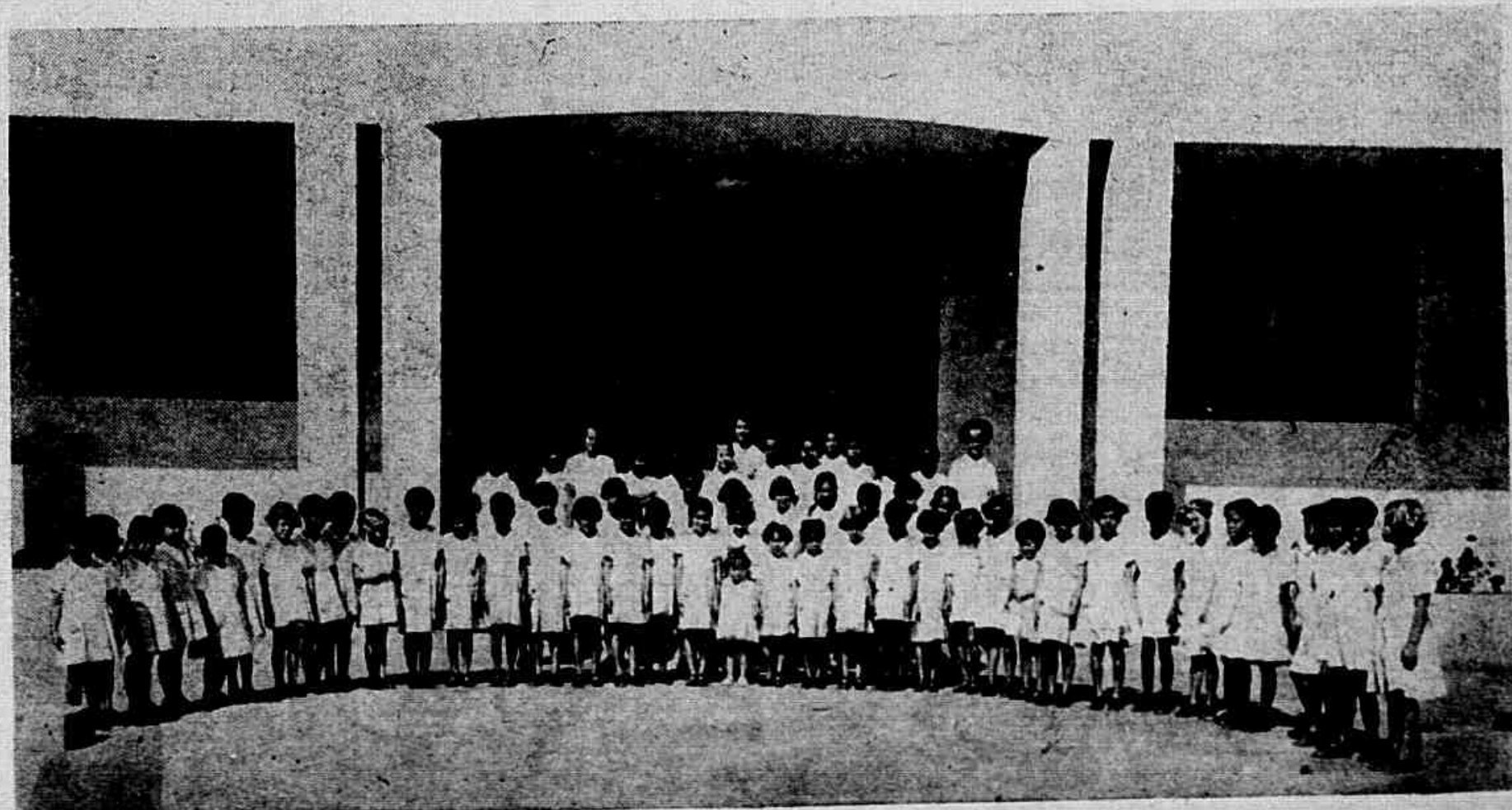
Um dos majestosos edificios componentes do sistema hospitalar da "Fundação Benjamin Guimarães."



Fachada principal de um dos hospitais da Fundação, inaugurados pelo Presidente Getulio Vargas.



Um grupo de crianças amparadas pela benemerita instituição, á porta do hospital que as abriga.



O crime de minha mulher

(Continuação da pág. 19)

— E', Jerry. Eu...
Ela estava soluçando ao telefone.
— Inês, que foi que aconteceu?
— Carl Hagen morreu...
— Morreu?
— Assassinado. Eles pensam que eu o matei. Prenderam-me!
— Mas isso é impossível! Você não faria uma coisa dessas! Você não seria capaz...
— Jerry, eu tenho que desligar. Venha cá, por favor. Polícia Central. Venha logo!
Ouví o barulho produzido pelo fone ao ser colocado no gancho.
Nesse momento um trovão ribombou, seguindo de perto um clarão ofuscante.
Inês presa!
Vestí, às pressas, uma capa e saí. Tomei o carro que estava parado à porta de casa e dei toda a velocidade. Nunca, nem um instante sequer, admitia possibilidade de que a polícia PUDESSE ter razão...

IV

Uma atmosfera opressiva foi o que encontrei na polícia. Fumaça de charuto; janelas fechadas; ar viciado.
Um homem, com ar indiferente, me guiou até ao gabinete do chefe.
Era alto e magro; tinha olhos escuros e penetrantes. Seu nome era Frank Vanton.
Comecei a explicar quem era. As palavras saíram confusas. As frases, de tão nervoso que eu estava, não tinham nexos.

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

— Não é preciso explicar, disse o homem, por fim.
— Obrigado.
— Sua mulher está numa situação muito difícil, O'Hara.
— Mas eu sou capaz de jurar que ela não matou...
— Bem, nós não estamos aqui para discutir juramentos. Vou lhe contar o que conseguimos apurar.
— Que sabem?
— Pouca coisa, mas basta.
— Conte-me tudo, logo. Não está vendo que assim me tortura?
— Descobrimos o seguinte. Quando sua mulher chegou ao escritório, encontrou um bilhete de Hagen pedindo-lhe que fosse ao seu apartamento, pois estava adoentado e tinha umas cartas urgentíssimas para ditar.
— E ela foi?
— Foi.
— Que imprudência!
— De fato, foi uma imprudência, tanto que ela o matou depois: essa foi outra imprudência.
— Ela não o matou!
— Como sabe?
— Tenho a certeza!
— Isso não vale como prova. Você pode estar enganado.
— Impossível! Conheço minha mulher!
— Não discutiremos. Mas deixe-me prosseguir com a história.
— Estou ouvindo...
Sua mulher arrumou todos os papéis. Pôs tudo em ordem e, em seguida, dirigiu-se para a casa desse homem. Ele mora num apartamento elegante no centro da cidade.
— Sim. Eu sei.
— Já esteve lá?
— Não, nunca, mas todos conhe-

cem o famoso apartamento de Carl Hagen. Tem a pior reputação possível.
— Exatamente. Pois bem. Sua esposa foi a esse apartamento que tem a pior reputação possível... Chegou lá vinte minutos depois. Por volta de oito horas e meia, Madame Hagen chegou em casa. A porta estava trancada. Ela usou sua chave particular, e entrou. O salão estava vazio, mas havia sobre a mesa umas cartas. O marido estava caído morto com uma fratura na base do crânio, no quarto de dormir. O golpe foi vibrado com uma garrafa térmica de metal. As impressões digitais de sua mulher estavam na garrafa.

Vanton acendeu um cigarro, com muita calma, olhando fixamente para mim, e depois continuou.

— Sua esposa estava no chão ao lado da vítima, desmaiada. Tinha levado um golpe na cabeça. Sua roupa estava rasgada.

— Então, foi em defesa própria! Ele tentou... tentou...

— Não adianta perder tempo procurando um termo mais adequado. A hipótese que você ia formular é insustentável. O rosto de Hagen estava sujo de baton. Não seria concebível que ela só tivesse começado a reagir depois de algum tempo...

— Isso é uma calúnia!

— ... que você mesmo inventou. Eu não disse nada de mais. Somente afirmei — e posso provar — que, se o encontro degenerou em luta, não começou da mesma forma...

— Ah, canalha, você ousa insinuar que minha mulher...

— Não ouse insinuar coisa alguma: afirmo uma coisa. Ora éssal! E, em segundo lugar, tome cuidado com o que diz. Se você tornar a insultar a autoridade, prendo-o!

— E' mentira o que você disse!

De repente, a fisionomia de Vanton tornou-se mais benevolente.

— Eu compreendo que seja difícil para você, que estava apaixonado por ela... Mas foi assim mesmo...

— Desta vez não protestei. De que adiantaria?

— Que disse ela?

— Fez umas declarações um tanto confusas que se resumem nisto:

Ela não lutou com Hagen. Foi ao apartamento e ele fez-lhe certas propostas que ela resolveu não aceitar... Ele, em vista disso, despediu-a. Foi ao quarto buscar o livro de cheques para pagar o ordenado que lhe devia... Ela diz que ficou sozinha na sala. Foi até à janela para espiar a vista. Nisto alguém vibrou-lhe tremendo golpe na cabeça. E' só isso que se lembra! Incrível! Uma história sem pés nem cabeça!

— Posso vê-la?

— Não. Não posso dar permissão para visita agora. O melhor que você tem a fazer é arranjar um advogado para ela antes que ela diga mais alguma coisa que possa servir de argumento contra si mesma. Por mim, o caso está encerrado. Aguardarei o julgamento. Quando ela puder receber visitas, mandarei avisá-la.

E, como eu ficasse olhando pasmado para ele:

— Que ar de surpresa é este? Que aconteceu?

— Eu mesmo não sei. Parece que estou no ar... Não sinto nada... Parece que tudo que está acontecendo em torno de mim é loucura, é sonho...

— Será possível homem de Deus, que você ainda não esteja convencido de que ela é culpada?

— Ela é inocente!

Tal foi a minha convicção que ele ficou abalado. Saí, sem dizer mais nada.

V

Arranjei um ótimo advogado. Carlos Mac Intyre recebeu-me no seu escritório, com muita cordialidade.

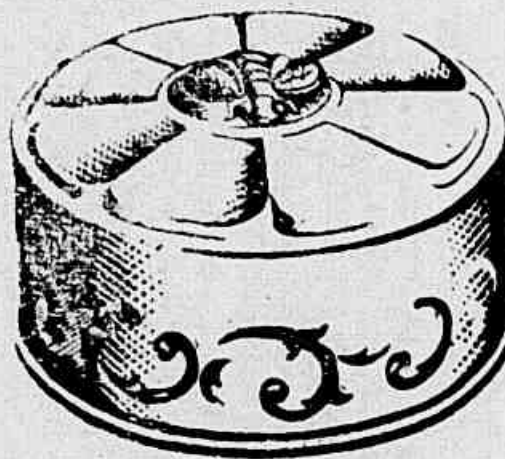
— Em que posso servi-lo, sr. O'Hara?

— Minha mulher está presa. Vai



diga-me a verdade.

Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenas fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão.

11 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

ser julgada por crime de morte. Queria que o senhor a defendesse. Não sou rico e sei que o senhor costuma cobrar caro. Mas tenho uma casa e, se o senhor defender minha mulher, eu vendo a casa para lhe pagar...

Ele olhou-me surpreendido, a princípio; depois, sorriu:

— Não é preciso dar-me a casa. Eu também já estive em apuros. Simpatizei com você, O'Hara. Vou ajudá-lo. Conte-me o que aconteceu.

Quando terminei a história, vi que ele também estava convicto de que minha mulher era culpada. Admitia a hipótese dela ter matado Hagen em legítima defesa, porém acreditava-a culpada. Faria o que pudesse, entretan-

to, para salvá-la. Depois de se inteirar de todos os detalhes, disse-me:

— Bem, agora já sei de tudo. Vá para casa e eu conseguirei que você visite...

— Saí. Não estava satisfeito. Mais tranquilo, sim, pois sabia estar a defesa de minha mulher em boas mãos. Porém, como estar satisfeito quando sabia que o advogado a acreditava culpada?

Resolvi visitar meu amigo Bill, marido de Jane. Conversáramos. Talvez ele sugerisse um meio de provar a inocência de Inês.

Bill estava em casa.

— O'Hara! Fu já soube...

(Continua na página 52)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Anne Shirley oferece às leitoras, aqui ao lado, um sugestivo modelo de sweater. Para os dias friorentos deste Julho implacável que o Rio está conhecendo é dos mais aconselháveis. Outrora, a censura americana impediu que as "estrelas" cinematográficas posassem com roupa de malha, mas tudo faz crer que uma certa benevolência esteja existindo agora. Do contrário, Anne Shirley não poderia mostrar-se com esse delicioso modelo. — Em baixo, um bonito costume para noiva de guerra, desenhado por Edward Stevenson, especialmente para Gloria de Haven. O comprimento da manga é um pouco acima dos pulsos e tem punhos largos. Gola redonda terminada com friso de piqué branco. O casaco justo é fechado na frente. Chapéu de feltro brigo com uma beira de linha marrom. Luvas brancas e um lindo broche com brincos, combinando.



DA Estação

Chegam-nos ainda novos e sugestivos figurinos para o Inverno. E o inverno aí se encontra, surpreendendo as cariocas elegantes com uma baixa de temperatura muito além do normal, exigindo a renovação imediata do guarda-roupa com o consequente apreço pelos tecidos mais grossos. Há quem esteja saudosos do verão, dos banhos de mar, do maillot e dos refrigerantes... Mas se tudo está se modificando, na fisionomia do Universo, por que estranhar que outro tanto aconteça à temperatura? Eis porque reunimos, nestas duas páginas, três modelos apropriados para o friosinho adorável de um Julho cheio de imprevistos, obrigando os cinemas a deixar em férias os seus equipamentos refrigeradores...

Modelo "Vogue", para a estação. Luvas em camurça clara, o vestido em tom escuro. Chapéu levantado. Broche discreto em combinação com os brincos. O realce maior da toilette está na maneira como se apresenta o cinto.





LINTAS LTS 70-0251 C

-Mesmo de olhos vendados reconheço

é Sabonete
LEVER!

EE: - Muito bem! É Sabonete Lever. Como descobriu?

EA: - Foi simples! Reconheci o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade.

EE: Porque Lever é feito assim?

EA: - Para que possa produzir espuma **instantaneamente**. Está vendo? Bastam **cinco ligeiras fricções**, para produzir logo rica e abundante espuma. Com a mesma rapidez com que surgiu, a espuma se estende sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

EE: - Cinco fricções apenas? Sensacional! Então gasta pouquíssimo!

EA: - De fato! Lever não precisa ser muito esfregado, para produzir espuma suficiente para o uso. Por isso é econômico e altamente durável. Essas qualidades podem ser constatadas, marcando-se o dia em que Lever entra em uso. Além disso, Lever é também recomendado por 9 entre 10 estrelas do cinema, àquelas que desejam uma cutis macia e juvenil.

LEVER - o sabonete das estrelas!

O crime de minha mulher

(Continuação da página 49.)

— Ah! Como?
— Bem... Os jornais da tarde trazem a notícia e eu...
— Você não acredita, não é verdade Bill?
— Como acreditar? Inês seria incapaz de fazer uma coisa dessas!
— Como é bom encontrar uma pessoa que também tem fé em Inês!
— Obrigado.
— Eu é que lhe agradeço!
— Sente-se, O'Hara.
— Obrigado.
— Você não quer tomar alguma coisa? Estou sozinho. Podemos ficar à vontade.
— Onde anda Jane?
— Foi visitar a mãe, em St. Louis. Volta na semana que vem.
— Eu não sabia que ela ia viajar...
— E'. Partiu depressa, porque soube que a mãe estava doente. Não teve tempo de avisar os amigos...
— Ah!
— Escute, O'Hara. Não haverá um meio de provar a inocência de Inês?
— E' isso mesmo que eu queria que você me sugerisse...
— Você já experimentou investigar a vida da mulher de Hagen?
— A mulher de Hagen? Para que?
— Quem sabe se ela não tinha alguém... Se não queria ver o marido morto para livrar-se dele e... Que acha?
— Não sei. Eu estou tão desesperado que era capaz de tentar qualquer coisa!

Desse ponto em diante os acontecimentos se precipitaram. Fomos fazer uma visita noturna e clandestina ao apartamento de Hagen e quasi nos pegaram com a boca na botija. Mas valeu a pena o risco que corremos porque, sobre a mesa da sala, descobri intactas, as cartas que ali se achavam. Os detectives não tinham dado importância a elas. Sem que Bill percebesse, tomei-as e coloquei-as no bolso. Não que-

ria que o meu amigo fosse obrigado a tornar-se cúmplice de um ato que, afinal de contas, era ilegal.

Quando saímos do apartamento, fomos entrevistar os empregados do edifício.

— Viu alguém entrar no apartamento do Sr. Hagen esta noite?

— Alguém de suspeito estava rondando o edifício?

— Havia algum carro parado à porta do edifício?

— Quem visitou o apartamento hoje?

Tantas perguntas! E nenhum resultado positivo. A única coisa que pudemos apurar foi que, de fato, Madame Hagen e um rapaz alto e magro, que andava sempre com ela, tinham visitado o apartamento, mais cedo. Depois, chegara Hagen. O porteiro não sabia informar se Hagen encontrara a mulher e o outro homem em casa, pois não vira os dois saírem. Mais tarde, Madame Hagen voltara sozinha. E fôra então que descobri o crime.

— Você não se lembra de mais nada? Não recorda de nada importante que possa revelar?

— Ah, sim! Vocês podem ir procurar o electricista...

Bill olhou-me com o ar de quem diz: Esse homem está maluco! Repetiu a pergunta.

— O electricista?

— Sim. Ele andou fazendo um trabalho lá por cima, justamente no andar do apartamento de Hagen...

— Onde mora ele?

— Não sei...

— Onde está agora?

— Deve estar em casa...

— Mas como poderei encontrá-lo?

— Bem isso não sei. Só amanhã.

Ele deve chegar às sete horas...

— Voltarei, obrigado.

— De nada.

Saimos.

— Bill, você não acha que esse homem pode nos fornecer uma pista importante?

— Eu, não.

— Mas Bill...

— Escute uma coisa, Jerry. Se ele soubesse de algum fato importante, teria avisado a polícia.

— E' verdade.

— Mas que faremos?

— Nada. Esperar. E continuar a investigar o caso de Madame Hagen. Amanhã falaremos com ele.

— Você vai para casa?

— Vou. Hoje não posso fazer mais nada. Já é muito tarde.

— E' verdade.

— Venha comigo. Eu deixo você na porta de sua casa.

— Obrigado.

Você tem vocação para detective?

SOLUÇÃO DO "CASO" DO NUMERO ANTERIOR: HOMICIDIO PREMEDITADO

Uma chave provou que Brand mentia afirmando que o cachorro havia quebrado a corrente. Na fotografia n. 3, vê-se que a corrente formava um laço ao lado da estaca. Ora, si o cão tivesse realmente partido o anel da extremidade da cadeia ao lançar-se contra a vitima, a cadeia tinha que se esticar antes de ser o anel rebentado. Uma segunda chave despertou no inspetor Frost as mais graves suspeitas. O impermeável de Marcela (foto n. 2) estava abotoado ao contrário, quer dizer, da esquerda para a direita, como o fazem os homens, em vez de estar da direita para a esquerda. Mulher alguma podia ter abotoado assim o impermeável, e a logica da dedução de Frost foi a de ter sido o casaco abotoado por um homem. Chegado a esse ponto, Frost fez detido exame e descobriu sangue na garagem. Durante o processo, foi demonstrado que Brand havia escondido o cachorro nessa garagem, durante varios dias, excitando-o por meio de frequentes sovas. Quando Marcela chegou, Brand a fechou na garagem, também, com o cão. Este, furioso, atacou a moça e ela morreu de "shock" traumático. Quando mais tarde Brand preparou a cena do exterior, fez o detalhe com o impermeável de Marcela para estar certo de que seu coração havia cessado de pulsar. Mas abotou ao contrario.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Deviam ser três horas da manhã quando o telefone tocou.

— Alô? E' Jerry?

— Sim. Quem fala?

— E' Bill.

— Bill? Que houve?

— Nada. Descobri o endereço do electricista.

— Como?

— Você pensa que eu também não sei fazer umas investigações? O porteiro não queria dizer, mas dei-lhe uma gorjeta e...

— Mas então você voltou lá?

— Voltei. Eu me convenci de que a pista poderia ser boa.

— Vamos lá?

— Eu já fui.

— Você já foi?

— Sim, Jerry.

— Falou com ele?

— Não era possível.

— Por que?

— Porque ele está morto. Assassinado.

— Meu Deus!

— Já vê você que a pista é ótima!

— A polícia já foi avisada?

— Ainda não. Eu cheguei agora mesmo. Vou telefonar agora. Quer que você soubesse primeiro.

— Eu vou para sua casa...

— Não! Não! Não venha! Eu... Eu telefonarei mais tarde...

— Está bem. Eu espero.

— Escute, Jerry, eu...

— Nada?

— Nada. Até mais tarde.

Quando desliguei o telefone lembrei-me das cartas. Resolvi lê-las. Podiam conter alguma pista. Abri a primeira. Lí a assinatura. Quando compreendi tudo, corri para a casa de Bill, mas já era tarde demais. Ele estava morto. Suicidara-se. Ao seu lado havia uma carta.

Os bilhetes que eu descobrira à mesa da sala do apartamento de Hagen estavam assinados: Jean!

VII

A carta que Bill deixou foi a seguinte:

Jerry:

Não consigo mais suportar o peso da minha consciência. Acabo de matar, pela segunda vez, para encobrir meu crime. Tentei confessar-lhe pelo telefone, mas não consegui. Foi debalde que eu procurei palavras para dizer o que sentia. Matei Hagen, Jerry. E fui eu quem encenou a farsa que por pouco ia condenando Inês à morte. Mas não tive coragem. Quando falei com o electricista e ele me reconheceu, matei-o. Depois, não tive mais coragem para suportar os remorsos que me atormentavam. Ia deixar Inês pagar em meu lugar? Não. Era impossível! Aquele homem me roubara a mulher. Por causa dele Jane me abandonou. Tinha que matá-lo, mas não poderia deixar que uma inocente sofresse! Matei. Não me arrependo. Arrependo-me de ter morto o electricista. Esse crime foi por covardia, por medo de morrer. Arrependo-me de ter feito o que fiz com Inês, que sempre foi tão boa... Não mereço viver. Adeus.

Bill.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

É UM FATO A SUPERIORIDADE DOS PRODUTOS

**JARRO ELÉTRICO**

FERVE AGUA PURA E LIMPA
1 LITRO
POR 2 CENTAVOS
EM 3 MINUTOS
E, SEM AGUA, DESLIGA AUTOMATICA-
TAMENTE - GARANTIA 2 ANOS
Preço Cr\$ 150.-

**CHUVEIRO ELÉTRICO**

dos quais foram
instalados no Brasil
120.000 em 14 anos
A qualquer hora em banho
morno ou quente por
10 ctvs. - Garantia 5 anos

Em cada  um Rei

Pois: agua quente - de repente - necessita toda gente.

"INDUSTRIAS REI"

RIO - R. DAS MARRECAS, 5 • S. PAULO - R. 7 DE ABRIL, 172
A venda em todas as boas casas do ramo.

NO PROXIMO
NUMERO:

Problemas
da sua
vida

Uma repor-
tagem com

SAGRAMOR
SCUVERO

**MESBLA**

APRESENTA

"CARNETS"

Credi-Mesbla

PARA COMPRA DE TODOS OS
SEUS ARTIGOS, EM QUALQUER
DE SUAS SECÇÕES

PAGAMENTO EM 10 PRESTAÇÕES

Departamento CREDI-MESBLA
RUA DO PASSEIO, 48/54 - 1º ANDAR

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE
PELOTAS - RECIFE - BELO HORIZONTE - NITEROI

Dous Pregadores

(Continuação da pág. 38). I

1655 não falhou o costume, para tanto o pregador se servindo de Pilatos, julgando-o em confronto com o Iscariote, o traidor arrependido, que não esperou justiça, pois se a fez pelas próprias mãos.

Ao sermão de 1655, no qual denunciou, processou e condenou Pilatos, sobreviveu Vieira quasi meio século, sem que nove decênios de vida lhe sonegassem lucidez na extrema longevidade.

Sem arrepio ao hante da sepultura, que traz o desanimo, Vieira produziu até ás ultimas. Só a morte lhe tirou da mão a pena que tanto e tão bem escrevera.

Prega-se a fé por palavras e a caridade por obras. Por palavras Vieira pregou muito, por obras muito pregou padre Bento, ambos no Brasil. Serviram a causa de Deus em seculos diferentes, cada qual no seu apostolado, um de voz alta no pulpito, o outro de voz consoladora junto a enfermos de mal terrível e afastador de convívios.

Em S. Paulo, terra natal dele, o padre Bento Dias Pacheco tem monumento. Por que? Por ter sido o Apostolo dos Lazaros. Desta vez bronze consagrou um bom e disse verdade.

Padre Bento nasceu a 17 de Setembro de 1819 no sitio da Ponta, municipio de Itú. Teve por paes e por familia nobre gente.

Certas familias de outrora contavam bastantes sacerdotes, a estirpe de Bento Pacheco era uma. Em 1843 Bento aumentava aquele numero de sacerdotes entre os seus, ele de primeira missa em Itú.

Em diversas paróquias paulistas exerceu padre Bento o seu sagrado ministerio até vir a Itú, em 1869, para selo de vida abnegada. Colocou-se a serviço dos lazarus, dos quais primeiro se condoera o padre Antonio Pacheco da Silva, trazendo aqueles desditos das estradas a um asilo fundado em 1800 e inaugurado em 1806.

Padre Bento continuou a obra e a benemerencia de Antonio Pacheco. Segundo Francisco Nardy Filho, padre Bento ás funções de capelão do hospital, medico das almas, acumulou as de medico dos corpos em tortura.

Tendo bens, de inteligencia, de abastança e de posição social, e de familia illustre, só se servio de tais bens para praticar virtude, em vida adornada de fatos dignos de veneração, a consolar o homem de bem e a dizer-lhe que nem tudo passa sobre a terra.

Pena é não poder contar aqui tudo quanto de elevado e curioso encerraram os dilatados dias do padre Bento, de cuja personalidade evangelica se ocupou Nardy Filho em estudo biografico do virtuoso ituano.

A dedicação do padre Bento á pessoa e á causa do lazaro, entra ano, sae ano, anima a viver os honestos, por dissemelhança tão provados na sociedade.

Sempre em contato dirêto com os seus amigos infelizes, ensurdecido aos avisos do perigo de contagio, pensando as mais terríveis chagas, entreteendo-se longamente com os enfermos, ouvindo-os de confissão, dando-lhes sacramentos ou missas, desdobrava-se padre Bento, dia e noite, para que no serviço grande de todos o seu zelo não faltasse miudo a cada um.

A 6 de Março de 1911, conforme a bella expressão cristã, Deus chamou a si o padre Bento, nonagenario, sacerdote sessenta e oito anos, quarenta e dois capelão dos lazarus, sem lhes contrair o mal.

Desejou o protetor dos infortunados ter descanso no cemiterio do hospital deles. Ao tumulto conduziram os enfermos aquele que nem na morte se quiz separar dos que amara. Um ente assim põe os corações ao alto.

Antonio Vieira e Bento Pacheco pregavam cada um a seu modo: Vieira pregando por palavras, colhendo gloria; Pacheco pregando por obras, colhendo bênçãos. Separados no tempo uniram-se o pregador de um dia e o pregador de quarenta e dous anos.



A mágica da luz

VISTA DOS BASTIDORES

Um único movimento e a luz se acende! Nada mais simples, nada mais fácil... Já lhe ocorreu, entretanto, quanto tiveram que trabalhar cientistas, técnicos em iluminação e operários, para que lhe fosse possível, com um único movimento, obter a luz necessária para a realização de qualquer tarefa?

Do exame da matéria prima usada na fabricação das lâmpadas Edison Mazda, até às verificações finais, centenas de testes são realizados! Nessas provas, mesmo os mais insignificantes defeitos, que poderiam passar despercebidos, são eliminados.

Como resultado dessas operações, as lâmpadas Edison Mazda oferecem brilho uniforme, luminosidade, resistência e economia incomparáveis - permitem-lhe realizar a mágica da luz com um único movimento de seus dedos...



Empenhada na guerra para aproximar a Vitória, a General Electric continua a fazer todo o possível para manter as boas condições de iluminação no lar, nos escritórios, nas fábricas e nas lojas, por meio das lâmpadas Edison Mazda, incandescentes e fluorescentes.

GENERAL ELECTRIC

LIDER DA INDÚSTRIA DA ELETRICIDADE



O "MUNDO DE AMANHÃ" é o novo e movimentado programa apresentado pela General Electric S. A. Ouça-o, sintonizando todas as sextas feiras, às 21 horas, a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

(Continuação da pag. 34)



QUALIDADE na fabricação

LUXO na apresentação

C.F.C.

CR\$ 1,20

Malte
+
Lúpulo
+
Perfeição
Técnica
=
Malzbier
PROGRESSO
da **ANTARCTICA**

vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual à que a nossa progenitora usava, quando na Terra.

Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria daí por diante nortear os nossos passos na vida.

Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como medium escrevente, semi-mecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando daí o ingresso do meu humilde nome nos jornais espíritas, para onde comeci a escrever sob a inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam.

Dai a pouco a nossa alegria aumentava, pois o nosso confrade José Hermínio Peracio, em companhia de sua esposa, deliberou fixar residência junto a nós, e as nossas reuniões tiveram resultados melhores, controladas pela sua esclarecida orientação doutrinária, auxiliada pela sua senhora, alma nobilíssima, ornada das mais superiores qualidades morais e que, entre as suas mediunidades conta com mais desenvolvimento a clariaudiência. Nossas reuniões contavam, assim, grande número de assistentes, porém, a moral profunda que era ensinada, baseada nas páginas esplendorosas do Evangelho de Jesus, parece que pesava muito, como acontece na opinião de grande maioria de almas da nossa época, quase sempre inclinadas para as futilidades mundanas, e decorridos dois anos, os assistentes de nossas sessões de estudos escassearam, chegando ao número de quatro ou cinco pessoas, o que perdura até hoje.

Não desanimamos, contudo, prosseguindo em nossas reuniões, constituindo para nós uma fonte de consolações, isolando-nos das coisas terrenas em nosso recanto de prece, para a comunhão com os nossos desvelados amigos do Além. Continuei recebendo as idéias dos mesmos amigos de sempre, nas reuniões, psicografando-as, e que eram continuamente fragmentos de prosa sobre os evangelhos. Somente duas vezes recebi comunicações em versos simples.

Em Agosto, porém, do corrente ano, apesar de muito a contra-gosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contacto com essas entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comeci a receber a série de poesias que aqui vão publicadas, assinadas por nomes respeitáveis.

Serão das personalidades que as assinam? — é o que não posso afirmar. O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las, era a de que uma vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. E' o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz frequentemente comigo.

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fôsse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. Passavam-se às vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum. E dia houve que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez. Grande parte delas foram escritas fora das reuniões, e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido.

Muitas vezes, ao recebermos uma destas páginas, era necessário recorreremos a dicionários, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus companheiros as desconhecíamos em nossa ignorância, julgando minha obrigação, frisar aqui também, que apesar de todo o meu bom desejo, jamais obtive outra cousa na fenomenologia espírita, a não ser esses escritos.

Devo salientar o precioso concurso da bondosa medium sra. Carmen P. Peracio, que, através da sua maravilhosa clariaudiência, auxiliou-me muitíssimo, transmitindo-me as advertências e opiniões dos nossos caros mentores espirituais, e ainda o carinhoso interesse do distinto confrade sr. M. Quintão, que tem sido de uma boa vontade admirável para comigo, não poupando esforços para que este desprezível volume viesse à luz da publicidade.

E aqui termino. Terei feito compreender a quem lê, a verdade como ela é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e noutros risinhos ridicularizadores. Há de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um desses que haja, entre mil dos primeiros, e dou-me por compensado do meu trabalho.

A todos eles, todavia, os meus saudares, com os meus agradecimentos intraduzíveis aos boníssimos mentores do Além, que inspiraram esta obra, que generosamente dignaram-se não reparar as minhas incontáveis imperfeições, transmitindo, por intermédio de um instrumento tão mesquinho, os seus salutares ensinamentos.

Pedro Leopoldo, Dezembro de 1931.

Francisco Xavier."

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Continental

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPATICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDAVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECIVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O



TÔNICO PODEROSO, QUE DA A PELE AS VITAMINAS NECESSARIAS A SUA BELEZA.
CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

OLEO de VIOLETAS

de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANA PARAMES & IRMAO S/A DA ALFANDEGA 120

MODAS

Limborosa

O SABONETE DO SEculo XX

COM AS PROPRIEDADES GERMINADAS DO TINDO E O PERFUME DAS ROSAS

ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR A CUTIS E COMBATER A CASPA

Este modelo com a blusa cruzada em forma de jaquetão, com gola grande, está muito em moda, e embora tenha uma característica juvenil, pode ser usada por qualquer pessoa esguia. Este modelo de *Harper's*, tem franzidos na saia dos lados.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



Este chapéu em tom claro, feição Veneziano, com véu engomado, pode acompanhar uma toilette para "cocktail", uma reunião chique, casino...

inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mine. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



TARQUINO

**Evite preocupar-se com uma
DENTADURA POSTICA
que se desloca**

A sua dentadura postica cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras posticas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Queda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICAÇÕES
ESPEC. GUILHERME ELOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Eng. Lúcio Antônio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUIZ

Poco enviar-me prospectos

ROMA

Alta escala



-Você diz que isso é pão?!

-Falo de mim. Sou "pão duro."

-O açúcar sobe depressa no preço!

-Como está tudo assu-careiro!



-O preço do feijão mete medo!

-Está bancando o "tutu!"

-Vou à fila filar um file!

-Não se esbofe. Pague. Não bife...



-Hein? O leite também sobe?

-Claro como água!

-Minha sogra atirou-me um prato na cara!

-Deve ser prato de guerra...

RAUL

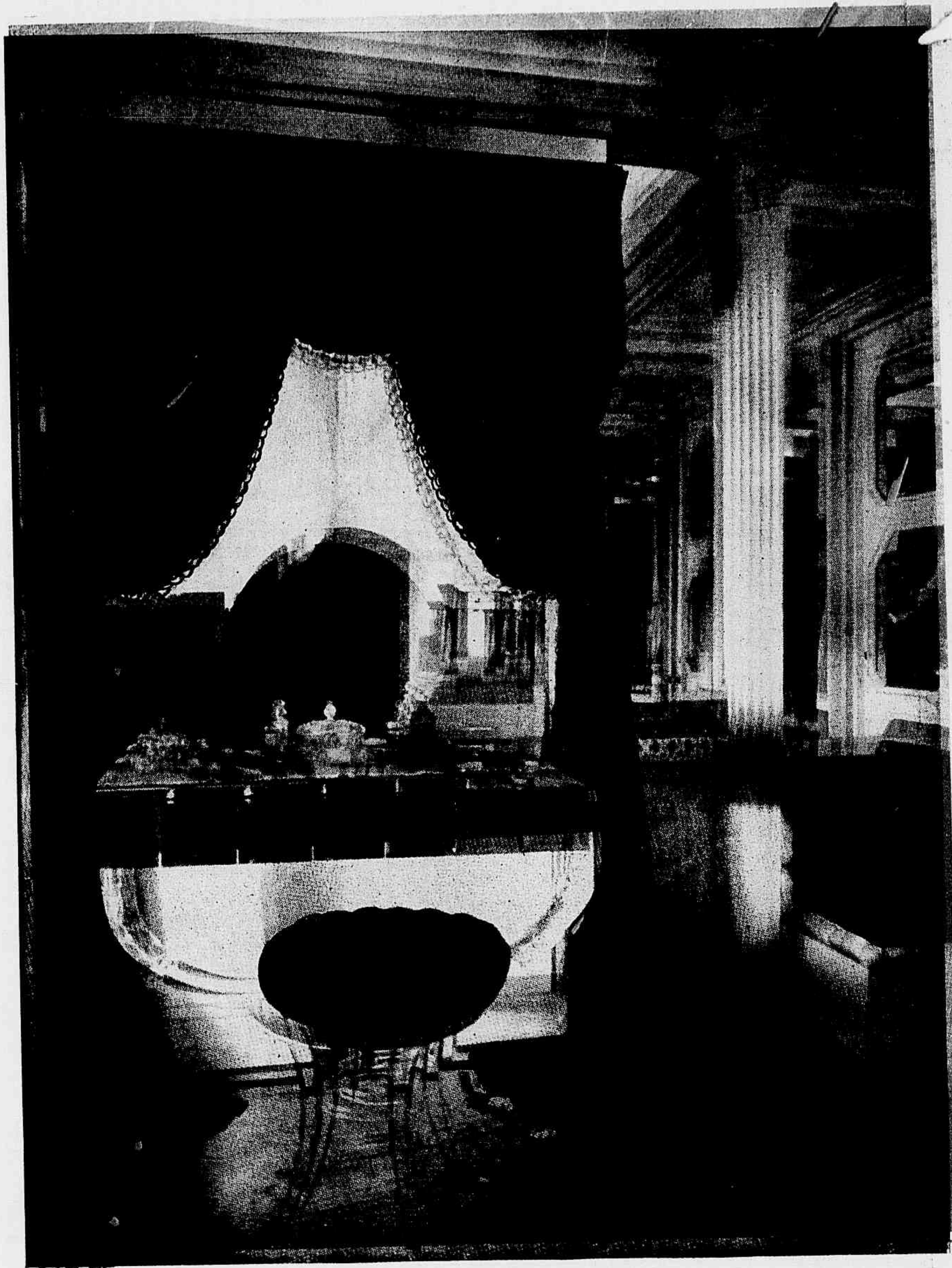


-Que ôço!

QUARTO DE TOILETTE

Nesta pequena peça, arquitetado com arte e distinção, foi instalado um belo quarto de "toilette", no qual a falta de espaço é compensada pelo aproveitamento máximo de cada centímetro quadrado.

A pesar do luxo requintado que ostenta, o aposento nada a resenta de superfluo. Cada móvel tem aqui, embora nos pareçam à primeira vista simples motivos de ornamento, uma utilidade definida e prática. A mesa é de cristal e sobre ela se assenta o belo espelho que dá maior encanto e graciosidade à peça.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRÁTIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO

Edição para 1945, cujos trabalhos de organização e confecção já se
——— acham iniciados. ———

Redação: RUA MARANGUAPE, 15 — RIO

ALAIN — Não me quer dar uma carta de recomendação para o coronel Lamarchais?

GENERAL — Nem uma palavra. Por quem me toma você, Alain? Eu pedir um favor ao seu chefe? (pausa) Que é isso? Está tremendo? Um Kergueven tremendo? Um Kergueven covarde?

ALAIN — Está louco, meu pai!

GENERAL — Louco eu ou cego você? Olhe para as suas mãos... experimente acender esse cigarro que está apagado entre os seus dedos, meu filho... verá a sua covardia refletida nos tremores da chama do fósforo!... Repito, está com medo!

ALAIN — Não! Eu... eu... não tenho medo!

GENERAL — Queria ver isso, um Kergueven que tremesse diante do inimigo... Olhe para esses quadros todos, Alain... Modificaram-se os traços fisionômicos desses homens que estão pintados na tela... Observe o olhar de cada um... não lhe parecem fantasmas acusadores?

ALAIN — Ouça, meu pai...

GENERAL — Cale-se!... Si Jean de Kergueven, que carregou frente dos seus caçadores de África contra as hordas de Abd el Kader, si Antoine de Kergueven que conduzia os seus lanceiros contra as baionetas bavaras em Sedan, o escutassem, eles o renegariam... Não... não admitiria jamais que um homem como você, Alain de Kergueven, que traz um nome ilustre nos anais de nossa história, procurasse fugir da luta quando chega a hora da ação. Vá preparar a sua mala e parta amanhã a assobiar "La casquette du Pere Bugeaud", como seu irmão Henry... Siga o exemplo dele... Escondê-lo, eu? Eu preferia que me cortassem a mão direita... E não falemos mais nisso.

ALAIN — Posso retirar-me, meu pai?

GENERAL — Pode... Vamos, meu pequeno... já esqueci a nossa conversa... Não sei mais o que me pediu. Você é o meu Alain como sempre. E' do sangue dos Kerguevens e estou convencido de que o seu avô, o de Sedan, jamais terá de se envergonhar do seu neto Alain de Kergueven... Vamos, Alain... vá arrumar a sua mala, trate das suas coisas e amanhã ao meio dia entrará de cabeça eruida no quartel do 247.º Regimento... Vá arrumar a sua mala.

Interlúdio.

Técnica: multidão em "back-ground".

VOZ — Todos para os abrigos... (multidão forte) Devagar... Caminho aqui...

Técnica: disco de criança chorando distante.

VOZ — Primeiro as mulheres... as mulheres e crianças!...

VOZ FEMININA — Oh! Meu Deus... Que desgraça... Esses assassinos!

VOZES — Cães! Eles nos pagarão!

VOZ — Ligeiro!... Para o abrigo... os "stukas" e os bombardeiros estão a dois minutos de voo de Varsóvia...

Técnica: choro de crianças, mais forte.

VOZ — Devagar... (gemidos) O velho caiu... não pisem o velho... Levante-o...

Técnica: ruído de aviões distante.

VOZES — Os aviões! Eles!...

VOZ — Ligeiro... Estão chegando sobre Varsóvia...

Técnica: multidão, passos.

Contra-regra: exclamações dolorosas.

VOZ FEMININA — André... meu filho... aqui, meu filho... a tua mão...

Técnica: disco de explosões distantes — Ruído de aviões aproximam-se.

VOZ — Vamos! Estão se aproximando...

Técnica: sirene, alarme distante.

Técnica: multidão.

Técnica: explosões e ruído de aviões, fortes.

VOZES — Os "stukas"! Centenas...

FIM DO SEGUNDO EPISÓDIO

3.º EPISÓDIO

Técnica: aviões em primeiro plano; explosões em segundo; tanks em terceiro; passos cadenciados em quarto.

SPEAKER — Os bombardeiros voavam sobre as cidades polonesas soltando as suas cargas mortíferas... Os primeiros civis conheciam de perto os horrores de um conflito que nada tinha de humano...

Técnica: multidão e rajada de metralhadoras.

SPEAKER — As populações fugiam espavoridas diante do inimigo carniceiro que não possuía o menor resquício de humanidade... Feras humanas mais feras ainda que as dos jungles, porque estavam melhor armados não só pelas armas que traziam mas pela inteligência a serviço de assassinatos em massa...

Técnica: multidão.

SPEAKER — Quadro fantástico!... Enorme pela sua desdita e assombrosamente tétrico pela sua situação... milhares de criaturas... enchiam as estradas — homens, mulheres, crianças, velhos — procurando fugir ao inferno de aço e fogo que tombava sobre os seus lares...

Técnica: multidão forte; aviões, distante.

VOZES — Eles! Eles! Os Stukas!...

Contra-regra: exclamações de pavor de homens e mulheres.

Técnica: crianças chorando.

SPEAKER — E voando rente ao chão, os Stukas, impiedosamente, metralhavam os infelizes retirantes...

Técnica: rajadas de metralhadoras e aviões em primeiro plano.

SPEAKER — Espetáculo que a história guardará em sua memória milenar numa moldura negra... Eles! Os super-homens!... Os nazistas! Homens eleitos por Deus para conduzirem a espécie humana no seu destino histórico! Os Stukas passam... E sobre as estradas uma esteira de corpos sem vida, sem distinção de classe, de idade e de sexo, marcam a mentalidade desse povo sem sentimentos, sem Deus e cujo amor se dirige apenas para a violência, o morticínio e o complexo da superioridade!...

Técnica: aviões, forte.

SPEAKER — E passam os Stukas... semeando a morte em massa... E são essas as marcas deixadas pelas botas prussianas nos países que invadiram, roubando a liberdade dos povos e escravizando-os indignamente... Quatro semanas havia que a Polônia havia sido invadida por Hitler!...

Técnica: aviões, forte, que somem devagar; interlúdio.

DENISE — Meu pai, onde está ele? Onde está o exército britânico? Eles estão lutando conosco?

GENERAL — Calma, minha filha... calma... As coisas também não podem ser assim, Denise. Tudo é calculado... tudo é precisamente organizado, Denise.

IRENE — Sim... tudo precisamente organizado... A

Polônia está reduzida a ruínas... cidades sobre cidades que caem como si fossem castelos de cartas...

GENERAL — E' o primeiro ímpeto... O exército alemão sempre caracterizou-se pela violência de suas arremetidas iniciais, minha nora...

DENISE — Varsóvia foi dominada... Milhares de civis encontraram a morte, meu pai. Homens, mulheres, crianças... velhos... Oh! Meu Deus!... Inacreditável! Homens sem alma!

GENERAL — Calma, filhinha... A situação tende a mudar de uma hora para outra...

IRENE — E como sabe disso o meu sogro?

GENERAL — Estive ontem com o prefeito de Brest. Soube que duas divisões inglesas acabam de chegar à linha de frente... Outro desembarque de homens se processa... Agora é que teremos a guerra no seu devido ponto... Estamos nos preparando devidamente, meninas...

IRENE — E meu espôso, general?

GENERAL — Alain? Sim... Que queres dizer com isso, Irene?

IRENE — O senhor recomendou-o às autoridades militares?

GENERAL (supreso) — Recomendar Alain?

IRENE — Sim...

GENERAL — Estás pilheriando, Irene? Não somente eu não o quereria fazer assim como tenho a certeza de que a honra de meu filho não permitiria que fizesse semelhante indignidade! Meu filho é um soldado e além de um soldado tem nas veias o sangue dos Kerguevens.

DENISE — E Henry, meu pai? Estou preocupada pela sorte de meu irmão...

GENERAL — Teu irmão se bate no setor de Kulhose...

IRENE — E Leslie, Denise... Sei que recebeste uma carta de teu marido pelo correio desta manhã... E Leslie... Como vai?

DENISE — Está na linha de frente... mas não pode declarar o local...

IRENE — A censura, não?

DENISE — Provavelmente, querida... provavelmente...

IRENE — Pensei que meu sogro fôsse recomendar o meu marido às autoridades...

GENERAL — Por que insistes nisso, minha nora?

IRENE — Porque talvez tenha sido o desejo de meu marido, general...

GENERAL — Engana-se, Irene... Alain jamais há de querer ficar longe das linhas de frente... Na minha família olha-se o perigo de frente.

IRENE — E onde está o regimento de meu marido?

GENERAL — O 247.º de Infantaria está ao norte da Linha Maginot... Alain está cumprindo o seu dever como os outros...

IRENE — Ao norte da linha Maginot?

GENERAL — Sim... ao norte da Linha Maginot...

Técnica: mudança de quadro. Ventos e chuvas; murmúrios em "back-ground".

VOZ — Alô... Dis donc, Robilet!... Dis donc, Robilet!...

ROBILET — Que queres tu, Zamacoff?

ZAMACOFF (passos) — Robilet, onde está o companheiro Alain?

ROBILET — No seu posto... Por que? Que é que há?

ZAMACOFF — Porque distribuíram vinho quente e como ele não estava apanhei a parte dele... Aqui está o cantil... (transição) Como cai o "toró", hein, Robilet?

ROBILET — E o frio?

ZAMACOFF — Frio de Dezembro... frio de Dezembro...

ROBILET — E como faz frio na Lorena, menino... Como faz frio...

ZAMACOFF — Então foste indicado para ajudante de Alain?

ROBILET — Meu filho... descobriram a minha profissão na vida civil. Pronto! Mais três atribuições aqui na Linha Maginot... Matar... morrer... e tudo mecânico... (risadas distantes).

VOZ — Eil Pesscal... Um boche passeando do outro lado da linha...

ZAMACOFF — Diabos!... Estamos em guerra ou isso é brinquedo de cabra-cegas?

ROBILET — Sei lá, meu filho... sei lá... Vamos ao P. C. levar o vinho do camarada Alain...

ZAMACOFF — Escuta uma coisa, Robilet... Esse tal de Alain, apesar de ser um grã-fino, não é mau rapaz, não pensas assim como eu?

ROBILET — Não! Belo menino... e não sabias que ele é filho dum general, sabias?

ZAMACOFF — Não brinques!

ZAMACOFF — Sans Braguêl!

ROBILET — E' o que estou te dizendo, Zamacoff... Filho dum general reformado...

ZAMACOFF (rindo) — Bravos! Pai general e filho soldado de segunda classe e telefonista da Linha Maginot...

Técnica: murmúrios fortes.

ROBILET — Vamos levar o vinho que está esfriando... e Alain deve estar tiritando...

ZAMACOFF — Houve movimento hoje pela manhã, não?

ROBILET — Sei lá! Acho que está alguma coisa para estourar, Zamacoff.

Contra-regra: passos; ruído de carreta.

SARGENTO — Menos velocidade... idiotas! Menos velocidade... Vejam lá si querem fazer uma visita ao inferno...

ZAMACOFF — Aquela carreta vai cheia de obuzes...

ROBILET — Tens razão... Algo está para vir por aí, Zamacoff... Algo está para vir...

SARGENTO (distante) — Mais devagar, estúpido... mais devagar!

ZAMACOFF — Munições para o quinto setor...

ROBILET — Nada de novo na frente ocidental...

ZAMACOFF — Pois sim... (carreta que vai morrendo ao longe).

ALAIN — Alô! Alô! Quarta companhia! Alô, quarta companhia!

Contra-regra: manivela de campainha de telefone distante.

ALAIN (distante) — Alô! 4.ª Companhia! 4.ª Companhia...

ROBILET — Diabos! A gente falando, e a coisa estou rando... Alain está abarbado, Zamacoff... (passos).

ALAIN — 4.ª Companhia... alô! Quem é que está no posto telefônico? Você, Lussac? Ligue imediatamente com a secção do tenente Malerecl Sim!... imediatamente... Mensagem do bureau do comandante do 3.º Batalhão... Sim... fico na linha... (transição) Alô, Zamacoff! E Robilet, melhoraste da dôr de dentes?

ROBILET — Melhor... acho que é o frio, Alain... Toma!

ALAIN — Que é, vinho?

ROBILET — Sim...

ALAIN — Não quero...

ZAMACOFF — Quente, rapaz... aquece... Estás como um passarinho que caiu na geada... bebe um trago!

ALAIN — Desarrolha o cantil, Robilet...

ZAMACOFF — Bebel!

ALAIN — Obrigado...

ROBILET — Que é que há? Algo?

ALAIN — Parece...

Técnica: artilharia distante.

ROBILET — Os nossos estão rompendo fogo!

ZAMACOFF — Os nossos 105...

ROBILET — Olhem! Daqui se vê... Lá estão os foguetões no ar...

Técnica: "Sharpnells."

ZAMACOFF — A dança está começando...

Técnica: artilharia forte.

ROBILET — Os alemães estão respondendo aos nossos cento e cinco!

Contra-regra: passos apressados distante.

SARGENTO (distante) — Primeiro grupo... segundo grupo... Em coluna por dois! Atenção! Sentido! Marchel (passos cadenciados que se afastam).

ZAMACOFF — O sargento Joux da 5.^a... para onde irão esses dois grupos?

ALAIN — Para o forte Villecourt... naturalmente vão reforçar o forte Villecourt... (campainha de telefone) Alô! Telefonista do P. C. do 22.^o setor... Sim, meu tenente... Instruções do P. C. para o tenente Malarec... (pausa) Imediatamente, meu tenente... A 4.^a informa que uma grande patrulha atacou o setor 21... Eles estão avançando na estrada de Meringem...

ROBILET (baixinho) — Não te disse, Zamacoff, que não passaríamos do dia cinco?

ZAMACOFF — Silêncio!

ALAIN — O setor 19 informa que foram presos quatro homens do Stoss troupen a quarenta metros do posto... (pausa) Sim, meu tenente... sim... Pode ditar... Sétima... sebe... Olmos... Terceira... quarta e sexta baterias... (pausa) Certo, meu tenente! (manivela e campainha).

ROBILET — Estourou, Alain?

ALAIN — Pegou fogo!

ZAMACOFF — Como será o outro mundo?

ROBILET — Talvez o vinho seja mais barato e os senhores menos exigentes...

ALAIN — Fechem a boca um instante! Alô! Sétima! Sétima companhia... P. C. Setor 14... Ordens do chefe do setor vinte e dois... Lá vai: posto de metralhadora 7 fazer fogo cerrado sobre a sebe de Olmos... 4.^a e 6.^a baterias, esperar instruções a todo momento... (pausa) Alô! Escrito! (pausa) Só, pelo momento... Como vão os fogos de artifícios por aí? Hein? Aqui? (rindo) Os 105 dos boches e alguns Shrapnells... "Au revoir!"

ROBILET — Diabos! Cuidado, Zamacoff... desça daí... um pedacinho dos bonbons desses boches pode te machucar, rapaz...

ALAIN — Não há a menor dúvida... parece que começamos a brigar...

ROBILET — Um ataque em regra, homem... Toda a divisão está em fogo...

ZAMACOFF — Estamos fritos...

Técnica: explosão forte

ZAMACOFF — Ai!

ROBILET — Zamacoff! Zamacoff!

Técnica: murmúrios fortes.

ALAIN — Ei! Zamacoff!

Técnica: murmúrios fortes.

ZAMACOFF — Parece que recebi algo nos olhos... Nada vejo com o olho esquerdo... Tenho um Sharpnell lá dentro...

ALAIN — Nada... poeira... estamos bem abrigados... a explosão foi a cem metros, rapaz...

ROBILET — Abra os olhos, judeu! Abra os olhos...

ALAIN — Abra os olhos... A lâmpada elétrica que está sobre a mesa telefônica, Robilet... ligeiro, a lanterna elétrica...

Técnica: murmúrios; artilharia forte; Shrapnells.

ZAMACOFF — Imundos! Boches imundos! Fazerem isso comigo! Nada vejo com o olho esquerdo, Alain...

ROBILET — Aqui está a lanterna, Alain... aqui está...

ALAIN — Abra os olhos, Zamacoff... (pausa) Não disse... um arqueiro... Vamos... abra bem os olhos... Viste, Robilet?

ROBILET — Sim... vi...

ALAIN — A ponta do lenço... de leve... (pausa) Ai, agora... (pausa) Saiu?

ROBILET — Está saindo...

ALAIN — Não se mexa, Zamacoff... que diabo! Então quando você perder a cabeça, vai ser um custo para encontrá-la, homem... (risos).

ROBILET — Pronto! Aqui está o shrapnell... Shrapnell, não... um obús da Berta Krupp... (gargalhadas).

ALAIN — Abra os olhos agora! (pausa) Está vendo a luz?

ZAMACOFF — Estou... agora estou...

ALAIN — Então, idiota, porque estás gritando dessa maneira?

ZAMACOFF — Eles atiram como mulheres embriagadas, esses boches... visam o teu telefone e atingem-me os olhos com terra (cuspidando) Toma!

ROBILET — Que foi?

ZAMACOFF — Cuspí mentalmente no bigode daquele patife que de pintor de paredes passou a chanceler do Reich! (gargalhadas).

ALAIN — Vamos para o nosso abrigo... aí vem Leclerc... Vai me substituir até às seis da manhã... (passos) Alô, Leclerc!

VOZ — Si queres ir descansar, podes ir, Alain... Alguma coisa de extraordinário?

ALAIN — A Quarta está avariada... não pude ouvi-la... Convem insistir de cinco em cinco minutos...

VOZ — Foi informado o P. C.?

ALAIN — Já... Si quiseses um gole de vinho quente, aí está o meu cantil...

VOZ — Obrigado, companheiro... o meu cantil ainda tem um pouco...

ZAMACOFF — Tens por acaso ou por esquecimento uma barra de chocolate, Leclerc?

VOZ — Não... minha tia atravessou a linha e levou-a para os meus sobrinhos... (gargalhadas).

ALAIN — Vamos, Robilet... Zamacoff...

OS DOIS — Vamos...

TODOS — Boa noite, Leclerc...

VOZ — Boa noite. (manivela e campainha) Alô! Alô! 4.^a Companhia! 4.^a Companhia!

ALAIN — Nada?

VOZ — Nada...

ALAIN — Bem, boa noite... (passos afastam-se).

Técnica: mudança de quadro.

ALAIN — Por que não dormes, Zamacoff?

ZAMACOFF — O sono não vem... (pausa) As sirenes cessaram...

ALAIN — O sinal de alarme passou, homem...

ZAMACOFF — E Robilet? Já devia estar de volta...

ALAIN — Soldado em patrulha terá hora marcada para voltar?

ZAMACOFF — Ouviste ontem Robilet contar o sonho que teve?

ALAIN — Quem está na linha de frente, Zamacoff, tem pesadelos de oito em oito segundos... (passos; ruído metálico).

ZAMACOFF — E' Robilet?

ALAIN — Parece que sim... esse passo de elefante aposentado...

ZAMACOFF — E' êle, sim... (passos).

ROBILET — Alô! Acordados, ainda?

ZAMACOFF — Alô, Robilet... estávamos rezando pela tua alma...

ROBILET — Então foi por isso que escapei...

ZAMACOFF (assobio de espanto) — O que? Os boches te acertaram, dis donc?

ROBILET — Estou ainda ouvindo o berro da bala no aço do capacete...

ALAIN — E como vão as coisas lá fora?

ROBILET — Tranquilas como o jardim de Luxemburgo numa segunda-feira de inverno...

ZAMACOFF — Guerra! Diabos levem as idéias... a política! Os homens... a inteligência a... a escola onde aprendi a ler, a escrever e a fazer as quatro operações...

ALAIN — Está aborrecido, Zamacoff?

ZAMACOFF — Não! Estou indignado com essa caminhada de ministros! Tanto do nosso lado como do lado de lá... Eu descobri um sistema de acabar com a guerra.

ROBILET (dando uma gargalhada) — Jura, judeu, alfaiate e inventor! Jura!

ZAMACOFF — Jura pela banha daquele porco, que ainda tem mais condecorações do que barriga!... Uma e uma!

ALAIN — Charada?

ZAMACOFF — Não... Goering! (gargalhadas).

ALAIN — Estou interessado pelo teu sistema de acabar com a guerra, Zamacoff...

ZAMACOFF — Simples como um botão numa calça, guacam: sacrificamos quatro homens para fazer dois prisioneiros. Com quatro milhões dos nossos, teremos dois milhões de Fritz, não haverá mais ninguém do outro lado do Reno...

ROBILET — Cala-te, Zamacoff... não é a hora de fazer e cossaco... Por mim vejo que toda essa história nos custou dois mortos e dois desaparecidos...

ZAMACOFF — Na patrulha desta noite?

ROBILET — Sim.

ZAMACOFF — Dois mortos e dois desaparecidos? Caramba... é caro...

ALAIN — Desaparecidos ou passados para o inimigo? (pausa) Calam-se?

ROBILET — Não diga asneira, Alain... não há traidores em França!

ZAMACOFF — Crês, Alain, que se passassem para os boches?

ALAIN — Isso te surpreenderia?

ZAMACOFF — Quero saber uma coisa, homem... A mim não espantaria. Esta guerra me enerva... Sim... Enerva-me, senhores... Há dias que tenho vontade de me suicidar! Abotroço-me dos meus próprios pensamentos... (ruído de papel).

ALAIN — Carta da família, Robilet?

ROBILET — Minha esposa... deixe-me lê-la, enquanto Zamacoff despeja a tonelada de pessimismo que está ferendo dentro dele...

ZAMACOFF — Eu não sou o único que pensa assim...

VOZ (distante) — Quem vive?!

2.ª VOZ (5 metros) — France!

ZAMACOFF — A ronda no fortim leste...

ALAIN — A vigilância esta noite está redobrada...

ROBILET — Ontem houve infiltração de uma patrulha inimiga no setor 18.

VOZ — Avancem cautelosamente... (distante).

ZAMACOFF — É o tenente Ballet que comanda a ronda esta noite...

ALAIN — Desce daí, Zamacoff... vem acabar com a tua esplanada filosófica de meio desertor...

ZAMACOFF — Não diga isso... Desertor, eu?

ALAIN — Você disse que tem vontade de se suicidar...

Contra-regra: voz fala sem interromper diálogo.

VOZ (distante) — Rien Assignalé!...

Técnica: passos cadenciados, bem distante, que vai desaparecendo.

ALAIN — Disseste, Zamacoff, que não és o único que pensa assim?

ZAMACOFF — Não... Digo-te que há muitos nervosos na companhia... Ontem, por exemplo, o ordenança do capitão Boisvin partiu um dos tendões do pescoço teimando com outro... O ordenança dizia que era carne de vitela, e o ciclista da quarta teimava que a carne era de cabrito. São nervos! Nervos, meu amigo... (risadas) Estão rindo?

ROBILET — Por favor, Zamacoff, deixa-me ler a carta

que a minha querida Raymond me enviou... Quem está ficando nervoso com essa tua conversa sou eu, homem...

ALAIN — Você tem razão, Zamacoff... O exército francês é uma pilha de nervos... é uma incrível multidão de nervosos...

ROBILET — Que é isso? Que falam vocês?!...

ALAIN — Uma verdade!

ROBILET — O filho dum general francês!... O filho dum herói do Somme, dizendo essas coisas de nosso exército?

ALAIN — Pouco me importa o heroísmo de meu pai, a patente que ele tem!

ROBILET — Isto é sério ou pilhéria, Alain de Kergueven?

ALAIN — Não estou com vontade de pilheriar, Robilet... Talvez você seja uma paródia dos Últimos dos Mohicanos!

ROBILET — Que quer dizer com isso, cabo Alain de Kergueven?

ALAIN — O último patriota francês!...

ROBILET — Você está transtornado! Um francês em seu estado normal não diria semelhantes absurdos que quase tocam aos limites... (pausa) Bem... fiquemos por aqui...

ALAIN — Não! Eu completo... aos limites da traição...

ROBILET — Eu não quis dizer... poupou-me essa repugnância... si não quiser mais falar comigo, sinto imensamente...

ALAIN — Não, Robilet... acho que cada um tem o direito de ser o que muito bem desejar... Ninguém pode impedir a você de ser um ingênuo!...

ZAMACOFF — Que é isso? Já não bastam dois ou quatro milhões de boches como inimigos, ainda querem vocês dois aumentar de um esse número?

ALAIN — Não estamos brigando, Zamacoff... e também não me ofendi com Robilet pelo que disse a meu respeito... Eu digo a vocês que há milhares como nós, entre Mulhouse e Metz, que se exasperam com esta guerra atroz, que não leva a coisa alguma!

ROBILET — Você é um louco! Como não leva a coisa alguma? Esse tarado que um povo fanático nomeou chanceler... Esse austríaco, que invadiu o Reich com discursos e berros de mulher histérica e que dizima populações inteiras... Que formou o maior bando organizado de assassinos que a história registral! Então, Hitler, como deve ser esse canalha sanguinário combatido, senão com armas na mão?

ALAIN — Robilet, estou falando sem paixão... sem par-pris... estou falando com o raciocínio...

ROBILET — E eu estou falando como um francês... como filho duma pátria livre, que ainda conserva bem alto todos os sacrifícios dos nossos maiores, que derrubaram com forcados e com as unhas os muros da Bastilha! Estou falando no legado sagrado que se espalhou como um jato de luz por todo o Universo!

ALAIN — O passado não interessa... nem tão pouco a história de França!

ROBILET — A história da dignidade humana!

ZAMACOFF — Não seria melhor dormir... acho que haveria mais dignidade... e compaixão, porque estou caindo de sono!...

ALAIN — Dorme... se queres... Por que acompanhamos a Inglaterra? (pausa) Por que? Não olhes para mim com essa cara de pouco caso, Robilet! Somente porque um ministro furioso, por haver sido enganado por Hitler, lançou seu país à aventura, brandindo o seu guarda-chuva?

ROBILET — A Inglaterra não foi seguida pela França! Saíram ao mesmo tempo, espontaneamente... para defender o mundo duma quadrilha de salteadores vestidos em estadistas! Hitler preparou o saque do mundo como um grupo de gangsters planetária o assalto dum banco!

ALAIN — Seja, mas devíamos estar preparados para isso... tivemos três anos para cuidar disso, Robilet! Temos ao menos um milhão de homens de prontidão!